



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**  
**Instituto Universitário de Ciências Religiosas**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**

**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**Fátima Gonçalves dos Santos**

**A FELICIDADE COMO PROJETO**

**Uma abordagem pedagógica centrada na Unidade  
Letiva 4 do 9.º ano, ... “Projeto de Vida”.**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada  
sob a orientação de:**

**Mestre Cristina Sá Carvalho**

**Professor Doutor António Martins**

**Lisboa**

**2015**

## Índice

Introdução	3
1. Reflexão Pedagógica	6
1.1. Educação, Desafios e Mudanças	6
1.2. A escola lugar de aprendizagem e sementeira de experiências felizes	10
1.3. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica	19
1.4. O professor de EMRC: construtor de Esperança e de Felicidade	23
2. Fundamentação Teórica sobre a Felicidade (Uma breve teoria de felicidade)	30
2.1. A Felicidade: dom e desejo	32
2.2. A Esperança e a Felicidade – dois pilares antropológicos fundamentais	34
2.3. Perspetivas acerca da felicidade	38
2.3.1 A felicidade no pensamento filosófico	38
2.3.2 A abordagem da Psicologia	47
2.3.3 Uma proposta ética – ser feliz num mundo de dor e sofrimento	55
2.3.4 O desafio cristão – uma proposta feliz	59
2.3.5 As Bem-Aventuranças (Mt5) – Um desafio de felicidade	61
3. Itinerário Pedagógico	70
3.1. O contexto da prática letiva	70
3.2. O contexto da Unidade Letiva IV do 9º ano – Projeto de vida	75
3.3. Itinerário da Lecionação – Unidade Letiva 4	80
3.4. Contributo da Disciplina de EMRC	91
Conclusão	93
Bibliografia	97
Anexos	

## Introdução

O presente Relatório resulta da experiência de lecionação no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, parte integrante do Mestrado em Ciências Religiosas, realizada na Escola Básica Pedro D'Orey da Cunha, na Damaia.

Escolhemos como tema “a Felicidade como Projeto”, conteúdo integrante e central da Unidade Letiva 4 do 9º ano – Projeto de Vida<sup>1</sup>.

O desafio deste tema é grande e muito subjetivo, podendo-nos levar por muitos e diversificados caminhos. No entanto, apesar de ser um desafio complexo, ele é, ao mesmo tempo, atraente e entusiasmante.

Citando o manual, “a escolha de uma vocação está intimamente ligada à felicidade pessoal; contribui para a felicidade das pessoas que nos rodeiam; implica o desenvolvimento e enriquecimento da sociedade. A vocação de cada um é sempre um projecto em construção. E é caminhando que se descobre o caminho”<sup>2</sup>.

Acreditamos, como princípio, que o Homem foi criado para ser feliz! E “a felicidade é a vocação fundamental do ser humano, a sua primeira inclinação e o objectivo último da sua existência, para a qual apontam todos os seus esforços”<sup>3</sup>.

Tomando isto como ponto de partida, tentaremos fazer, desta proposta, um percurso de estudo, de aprofundamento e de pesquisa.

É do nosso conhecimento que ao longo de toda a história, sempre existiu um vasto conjunto de pessoas que, através dos seus estudos e exemplos, entrelaçaram na sua vida os

---

<sup>1</sup> A. J. CORDEIRO – P. J. DIAS, *Manual do aluno 9º ano: horizontes de esperança*, SNEC, Lisboa, 2010, 158.

<sup>2</sup> A. J. CORDEIRO – P. J. DIAS, *Manual do aluno 9º ano: horizontes de esperança*, 157.

<sup>3</sup> A. J. CORDEIRO – P. J. DIAS, *Manual do aluno 9º ano: horizontes de esperança*, 158.

seus saberes, experiências, buscas e pesquisas, proporcionando e favorecendo uma visão mais real e autêntica da felicidade.

A felicidade será algo a ser projetado, pensado, trabalhado, ou é apenas uma utopia delineada, estabelecida, para o ser humano, mas que este jamais pode atingir nesta terra? Será um projeto que deve ser alcançado pelas nossas próprias mãos, ou então foi um projeto pensado, plasmado desde a origem do universo? E o que aconteceu, que fez com que o Homem fosse se distanciasse desta sua origem?

O mundo em que vivemos está a exigir a todos uma capacidade de reflexão, de discernimento e de ação que permita ousadia na construção de um futuro diferente. Os cristãos, dispostos a caminhar com a humanidade, descubrem nestes processos, sinais do Reino onde habita a justiça e a paz.

Neste sentido, o chamamento à felicidade é uma constante na vida da pessoa, ela é um projeto proposto ao homem. Como diz o manual do aluno;

“Também cada um de nós é um projeto: projeto de alegria, de beleza, de felicidade. Contudo, também somos nós os verdadeiros artistas (escultores) da nossa própria vida e da nossa felicidade. E não podemos delegar nos outros esta missão, permitindo que nos moldem a seu bel-prazer! Somos chamados a dar forma à nossa própria vida, fazendo as escolhas que nos tornarão livres e felizes”<sup>4</sup>.

Se a felicidade é algo inerente e desejado por todos, pode ser vista como um arco-íris, que tendo muitas cores forma um conjunto harmonioso e belo. A felicidade e a educação, tendo variadíssimas perspectivas e interpretações, são uma parte integrante do ser humano. Assim, no presente trabalho, tentaremos fazer um pequeno itinerário, sobre a felicidade, pela filosofia, psicologia e religião, aqui centrada no Cristianismo.

---

<sup>4</sup> A. J. CORDEIRO – P. J. DIAS, *Manual do aluno 9º ano: horizontes de esperança*, 159.

No desenvolvimento desta reflexão, pretendemos seguir um trajeto que ajude a compreender melhor em que consiste a felicidade, e, porque sendo desejada por todos, é tão difícil de alcançar. Este trabalho pretende ser uma breve ilustração da proposta do itinerário de lecionação, apontando caminhos para uma escolha feliz.

A primeira parte deste trabalho será dedicada ao campo da educação, para tentarmos compreender os desafios e as mudanças sucessivas da nossa sociedade. Apesar de, no senso comum, as nossas escolas serem vistas como lugares problemáticos e complexos, tentaremos fazer sobressair a beleza do que deve ser a educação. Procuraremos apresentar a escola como um *lugar de aprendizagens e sementeira de experiências felizes*. Na verdade, como dizia D. José Policarpo, “a educação moral e religiosa católica deve estar ao serviço da pessoa”<sup>5</sup>. Apresentaremos um estudo da disciplina e da sua importância nas nossas escolas.

E se, na verdade, educar hoje exige muita competência e um leque diversificado de estratégias, o professor de EMRC mais do que um professor de qualquer outra disciplina, é um protagonista e um construtor de um mundo de esperança e de felicidade.

No desenvolvimento desta reflexão, faremos, num segundo momento, uma “viagem” pelas várias ciências e abordagens acerca do nosso tema. Num terceiro momento, apresentaremos uma proposta pedagógica da Unidade Letiva 4 do 9º ano, “Projeto de Vida”, procurando dar, assim, o nosso contributo, através da reflexão sobre a lecionação, visando o seu enriquecimento.

Se, na verdade, educar hoje exige muita competência e um leque diversificado de apetrechos, o professor de EMRC, mais do que um professor de qualquer outra disciplina, é um protagonista e construtor de um mundo de esperança e de felicidade.

---

<sup>5</sup> J. C. POLICARPO, *A Educação Moral e Religiosa Católica, Forma do Ensino Religioso*, Secretariado Nacional de Educação Cristã, Lisboa, 1999, 57.

No desenvolvimento desta reflexão, e já na segunda parte, será feito um estudo pelas várias estâncias da ciência e das ideias como já foi mencionado.

Na terceira parte da *Dissertação*, será apresentado uma proposta prática da Unidade 4 do 9º ano, “Projeto de vida”, procurando dar assim, o nosso contributo, quer através da experiência da lecionação, quer mediante uma proposta de melhoramento da mesma.

## **1. Reflexão Pedagógica**

Para situar, com maior precisão, este trabalho e para uma melhor compreensão deste itinerário pedagógico começamos este trabalho, por tentar perceber os desafios que a educação apresenta hoje, e quais foram as mudanças que ela sofreu através dos tempos. E neste mundo em acelerada mudança, é importante perceber, de onde partimos, onde estamos e o que esperamos das nossas escolas.

### **1.1. Educação, Desafios e Mudanças**

“A educação é uma tarefa fundamental da sociedade. Dela depende, decisivamente, o desenvolvimento harmonioso e integral das crianças e da sociedade”<sup>6</sup>. É com estas palavras da Conferência Episcopal que iniciamos a nossa reflexão acerca da Educação e da valiosíssima importância que ela tem na nossa sociedade. Podíamos questionar-nos sobre o que seria de uma sociedade ou de um País que não invista na formação das crianças e dos

---

<sup>6</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral Religiosa Católica, Um valioso contributo para a formação da personalidade*, In *Pastoral Catequética*, 5, (2006), 3.

adultos. No entanto, e numa análise de âmbito muito global, sabemos que durante largos séculos a escola foi vista como fonte de rendimento económico. Por exemplo, “na década de 70, a educação voltava-se para a formação do indivíduo desligado do seu grupo social. As experiências de aprendizagem individualizada ganhavam aplausos dos países capitalistas industriais necessitados de mão-de-obra”<sup>7</sup>. A educação era, assim, vista como fim lucrativo e não como formação integral do indivíduo. Apesar de sofrer diversificadas mutações, a educação “é uma tarefa permanente e englobante que conta com tempos privilegiados, integrados num processo de amadurecimento contínuo”<sup>8</sup>. É um processo de desenvolvimento e de maturação em que o ser humano se descobre, se reconhece e se assume como pessoa, com uma identidade própria. “O principal objetivo da educação é suscitar e favorecer a harmonia pessoal [...]. Desta harmonia pessoal decorre a participação social e feliz, cooperante e solidaria”<sup>9</sup>.

Por outro lado, hoje deparamo-nos com escolas repletas de alunos e completamente absorvidas por leis e normas. A esta ideia juntamos o que diz hoje a lei de Bases.

“O sistema educativo é um conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito a educação [...] O sistema educativo desenvolve-se segundo um conjunto organizado de estruturas e de acções diversificadas, por iniciativa e sob responsabilidade de diferentes instituições e entidades públicas, particulares e cooperativas”<sup>10</sup>.

Donde se torna conveniente no fundo, de conhecer melhor a realidade que nos cerca, com especial atenção do sistema educativo no contexto das transformações sociais, económicas, culturais e científicas. A escola sendo o agente cooperante desta sociedade tenta

---

<sup>7</sup> H. WERNECK, *Tornei-me Pessoa, As cicatrizes fazem parte do passado*, Vozes, Petrópolis, Brasil, 1999, 15.

<sup>8</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Direito e Dever – missão nobre ao serviço de todos*, Lisboa, 1, (2002), 6.

<sup>9</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Direito e Dever*, 6.

<sup>10</sup> DIÁRIO DA REPUBLICA, *Lei base do Sistema Educativo*, N° 237, 14/10/1986, artigo 1.

assim, dar resposta aos novos desafios: “educar a criança e o jovem, foi e continua a ser um objetivo prioritário de qualquer sociedade”<sup>11</sup>.

Apesar de não estarmos a fazer uma análise das situações desajustadas da nossa sociedade, elas têm uma enorme influência nos indivíduos e na sua visão ou vivência da felicidade. “A felicidade reflete as nossas atitudes que são parcialmente moldadas pelos valores e normas da nossa cultura”<sup>12</sup>.

A educação sofre, ainda hoje, as consequências da enorme rutura que foi operada nas sociedades tradicionais. “Durante décadas, a educação foi vista mais como uma rota para o emprego e para o sucesso material do que uma fonte de felicidade. [...] A educação, no sentido amplo do termo, desempenha um papel importante no incremento da felicidade e da saúde”<sup>13</sup>.

Se a escola perder o sentido e a visão da educação, a criminalidade, o declínio dos laços familiares e comunitários, o individualismo e o relativismo cultural e moral, tomarão posse dos nossos alunos.

Devemos olhar com olhos novos para o mundo escolar. Pois a escola é um lugar de descoberta, onde se desenvolve as capacidades intelectuais e humanas. É um espaço de crescimento para o sucesso, mas também um espaço de sonhos e desenvolvimento das múltiplas vertentes do ser. “Devemos construir uma escola, onde não seja proibido sonhar e onde se ensine a viver”<sup>14</sup>.

Apesar de tantas mudanças e desafios com que hoje se confronta, a escola é e “continua a ser um espaço de referências valorativas da cultura e da sociedade e tem por

---

<sup>11</sup> F. MOITA, *A Missão do professor de EMRC no contexto da escola atual*, In *Pastoral Catequética*, 26, (2013), 53.

<sup>12</sup> P. MARTIN, *Pessoas Felizes, A natureza da felicidade e as suas origens na infância*, Editorial Bizâncio, Lisboa, 2006, 97.

<sup>13</sup> P. MARTIN, *Pessoas Felizes*, 111.

<sup>14</sup> C. REIMÃO, *Afectividade, Corporeidade e Alteridade; desafios educativos*, In *Communio*, 4, (2005), 473.

primordial a formação da pessoa na sua totalidade e a plena maturidade das suas potencialidades”<sup>15</sup>.

No entanto, F. A. Hurtado diz que o “ritmo de vida actual não permitir aos seres humanos um parar, um deter-se para reflectir sobre a sua vida e qual o sentido que deve dar-lhe”<sup>16</sup>. Este autor, quando fala do mundo atual, não se refere só e apenas às crianças e aos jovens, mas define sentido de vida como uma pertença, um identificar-se, um sentir-se feliz consigo mesmo. Mas muitas vezes, esta felicidade é experimentada à margem de uma religião, ficando sempre uma parte inatingível e insaciável, porque o princípio da existência humana que deseja a felicidade tem como base Deus. E é esta experiência mística que ajuda os Homens a encontrarem a felicidade<sup>17</sup>.

Aos adolescentes deve ser dada a oportunidade de se envolverem e comprometerem, tornando-se os agentes ativos do seu próprio desenvolvimento<sup>18</sup>.

Ora nós sabemos que a identidade da pessoa depende da capacidade de manter a continuidade de uma narrativa, onde a dimensão afetiva proporcione ao adolescente uma capacidade transcendental de aprender a tornar-se para os outros um ser em relação e em doação. Este significado dá-lhe a capacidade de perceber que as diferentes formas de expressar a sua afetividade não são um obstáculo ao relacionamento com os outros, mas assumem um carácter de relação íntima consigo próprio.

Toda a educação surge, assim, como a preocupação fundamental do mundo (das nações, dos grupos, dos indivíduos) a respeito do seu próprio futuro. “A pessoa é o sujeito primeiro e o objectivo último da educação”<sup>19</sup>.

---

<sup>15</sup> F. MOITA, *A Missão do professor de EMRC no contexto da escola atual*, 62.

<sup>16</sup> F. A. HURTADO, *Los nuevos movimientos religiosos como productores de sentido*, In *Estudios de Juventude*, (2001), 33.

<sup>17</sup> Cf. F. A. HURTADO, *Los nuevos movimientos religiosos como productores de sentido*, 34.

<sup>18</sup> Cf. H. MARUJO, *Felicidade na escola, Educação positiva*, In *Família Cristã*, 9, (2012), 47.

<sup>19</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Direito e Dever*, 10.

A escola precisa de recuperar os valores perenes daqueles que nos precederam, mas também de uma contínua adaptação às mudanças do nosso tempo. Bem sabemos que para ser consistente, toda a educação precisa de um enraizamento numa tradição de valores que lhe confira identidade e projeto. “A educação ajuda a criar pessoas felizes. Durante os anos escolares os jovens adquirem uma panóplia de competências, atitudes, conhecimentos e experiências que alicerçam a felicidade a longo prazo”<sup>20</sup>.

Devemos ajudar os adolescentes a orientar o seu olhar acerca do cristianismo como a religião da esperança, da peregrinação incansável para a plenitude feliz, uma religião de movimento para a frente, com ligação a um passado, a uma história com rosto humano. Nesta perspectiva, “a espiritualidade Cristã, não produz uma ruptura prejudicial na história quotidiana. Mas quando ela está inscrita no confronto livre com o mundo cultural, podemos falar de uma espiritualidade apaixonada pela vida”<sup>21</sup>.

Que todo o educador seja capaz de fornecer aos jovens uma formação íntegra e total, na qual não encontrem desalento nem desconforto no seu crescimento, mas sim ousadia e coragem de avançar na construção de um mundo feliz.

## **1.2. A escola lugar de aprendizagem e sementeira de experiências felizes**

A felicidade e o bem-estar são conceitos que, à primeira vista, podem não estar conectados com as variadas disciplinas do currículo educativo.

---

<sup>20</sup> P. MARTIN, *Pessoas Felizes*, 191.

<sup>21</sup> R. TONELLI, *Spiritualità Giovanile*, In *Dizionario di Pastoral Giovanile*, Editrice Elledici, Università Pontificia Salesiana, Roma, 1992, 1029.

Mas, na escola também se vivem experiências felizes e duradoras, porque “ela é também razão e emoção – porque é constituída por pessoas”. É necessário “promover emoções positivas dentro das paredes da escola”<sup>22</sup>.

Na escola os professores têm um papel muito importante na vida dos alunos, como aliás, na própria sociedade. “Educarmos os nossos alunos para o optimismo, levar-nos-á por caminhos de maior felicidade e bem-estar e ajudar-nos-á a construir uma geração mais confiante, mais sorridente e mais positiva”<sup>23</sup>.

A Educação favorece e proporciona o amadurecimento de um saber e chaves de leitura na vida dos jovens de modo a que possam participar de forma ativa na sociedade que os rodeia. “A educação ajuda as crianças a tornarem-se pessoas felizes, saudáveis e bem-sucedidas, tanto na infância como ao longo das suas vidas. Todavia, deve ser o tipo certo de educação – que desenvolva a competência social e emocional, as habilidades de comunicação, a resiliência e a sabedoria das crianças”<sup>24</sup>.

A educação constitui hoje uma garantia democrática, e só pode realizar-se numa escola onde se fomente a civilidade e o respeito. Citando, de novo, Helena Marujo: “quanto mais educação se recebe, mais probabilidades se tem de ser feliz”<sup>25</sup>.

No entanto, por vezes pensamos que educar para a responsabilidade e para a seriedade é mais rentável e eficaz. Afirma ainda a mesma autora:

“A relação entre educação e felicidade é mutuamente reforçada: a educação ajuda a criar pessoas felizes, e as pessoas felizes ganham mais com a educação. Certos estudos revelam que as crianças felizes aprendem e têm um desempenho na sala de aula tipicamente melhor do que as crianças infelizes, por toda a espécie de razões. São mais energéticas, mais persistentes, mais

---

<sup>22</sup> M. SARMENTO, *Felicidade na escola*, In *Família Cristã*, 09, (2012), 43.

<sup>23</sup> H. MARUJO – M. F. PERLOIRO, *Educar para o Optimismo*, 14<sup>a</sup> ed., Presença, Lisboa, 2006, 14.

Nota: (Esta mesma autora Helena Marujo, será referenciada na terceira parte. Numa atividade proporcionada pelo núcleo de estágio, esta autora, foi falar sobre a temática: “a felicidade e a educação”, aos professores da escola da Damaia, no ano em que decorreu o estágio).

<sup>24</sup> P. MARTIN, *Pessoas Felizes*, 213.

<sup>25</sup> H. MARUJO – M. F. PERLOIRO, *Educar para o Optimismo*, 16.

criativas, mais concentradas e mais competentes a lidar com os colegas de turma e com os professores”<sup>26</sup>.

Olhando a realidade da maior parte das nossas escolas, educar para a felicidade está muito longe da agenda educativa. A maior parte delas são concebidas para gerar realização académica e financeira e, neste contexto, “criar pessoas felizes raramente é objectivo explícito da educação, muito menos o seu principal objectivo”<sup>27</sup>.

Os professores, mas nem só estes, têm uma grande responsabilidade na educação das nossas crianças e jovens. Todavia, os pais são os primeiros agentes ativos da educação. Apesar das dificuldades e das mudanças culturais, a família é, e cremos que assim continuará a ser, a célula fundamental na educação e crescimento dos mais novos. Ela é geradora de vida, de homogeneidade social e económica e, com toda a certeza, de harmonia educativa. “É neste processo de aspiração pela liberdade e pela autonomia que o jovem deve encontrar na Educação (família, escola, comunidade eclesial, sociedade) uma atitude criativa e libertadora”<sup>28</sup>.

A família deve proporcionar aos jovens um equilíbrio afetivo e social, pois só assim a escola se torna um ator cooperante na educação dos filhos. “Quer haja, ou não, uma verdadeira ligação de sangue, tal não impede que este espaço seja aquele do dom da vida, onde a vida se dá à criança. É ali que a criança encontra as primeiras razões vitais de amar a vida”<sup>29</sup>.

A propósito da escola, António Coelho sublinha que “depois dos pais, são os educadores os principais responsáveis pela educação dos jovens. A escola não pode ser um

---

<sup>26</sup> P. MARTIN, *Pessoas Felizes*, 192.

<sup>27</sup> P. MARTIN, *Pessoas Felizes*, 192.

<sup>28</sup> CONFERÊNCIA EPSICOPLA PORTUGUES, *Educação Direito e Dever*, 56.

<sup>29</sup> G. COQ, *Modelos de sistemas educativos na Europa de hoje; estabelecer um referencial*, Educação e democracia: uma relação problemática, In *Pastoral Catequética*, 23, (2012), 45.

simples lugar de informação, mas diria sobretudo de formação. E esta não se aprende tanto nos livros, mas no exemplo dos educadores, no testemunho de uma vida recta, do respeito e do amor para com os seus educandos”<sup>30</sup>.

No entanto, esta utopia, de uma educação estruturante das nossas crianças, está longe da realidade da maior parte das nossas escolas. Podemos dizer que a escola atravessa períodos conturbados nos vários âmbitos da vida.

Antes de dizermos que as escolas vivem uma crise educacional, podemos talvez pensar que com o tempo, os problemas da sociedade “agravam-se, acumulam-se, culminam em crises do ensino que parecem particulares ou parciais, mas que na realidade são totais. São totais porque representam o todo da vida social”<sup>31</sup>.

Não há margem para dúvidas de que a educação abrange muito mais “ondas”. Por vezes, pode proporcionar efeitos perturbadores se o indivíduo não encara a sua formação como uma ação geradora de vida da sociedade, e gerar vida é igual a gerar bem-estar e felicidade. Diz-nos ainda Guy Coq: “O restante de uma sociedade pode passar falsificada; maquilhada; a educação não passa; [...] Quando uma sociedade não pode educar, é porque ela tem medo de educar a si mesma; para toda a humanidade, educar, na verdade, é educar-se, uma sociedade que não educa é uma sociedade que não se ama, que não se estima”<sup>32</sup>.

Uma das tarefas essenciais da educação é ajudar a transformar e a preparar cada indivíduo para se compreender a si mesmo e ao outro, através duma leitura positiva do conhecimento do mundo. Afirma Fernando Moita, citando Kechikian, que “a educação consiste em desenvolver as personalidades concretas, de tal modo que pouco a pouco, elas despertem para a alegria e compreendam que esta não pode realizar-se sem conhecimentos”. Acrescenta ainda que “a alegria e felicidade da pessoa é uma finalidade da educação,

---

<sup>30</sup> A. COELHO, *todos educadores dos jovens*, In *Mensageiro*, 8-9, (2013), 2.

<sup>31</sup> G. COQ, *Modelos de sistemas educativos na Europa de hoje; estabelecer um referencial*, 43.

<sup>32</sup> G. COQ, *Modelos de sistemas educativos na Europa de hoje; estabelecer um referencial*, 44.

mediante um processo evolutivo, desenvolvimentista e gradual de formação da personalidade”<sup>33</sup>.

Mas as crianças e adolescentes de hoje estão expostos a muitas sensações e estímulos sensoriais, mas educar para o bem dos alunos devia permitir um “desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, a formação de cidadãos livres, responsáveis, autônomos e solidários”<sup>34</sup>. A educação manifesta, assim, o seu caráter insubstituível na formação da capacidade de discernimento, facilitando uma compreensão verdadeira dos acontecimentos, indo para além dos estímulos e da informação.

O ambiente educativo deve ser um lugar de diálogo e escuta; lugar de abertura ao outro e ao transcendente em que o aluno se sente valorizado nas suas qualidades e riquezas interiores.

Analisando a educação nos tempos que correm, em contexto escolar, somos levados a pensar que a educação não deve ser uma aprendizagem apenas no campo das ciências e dos saberes. A educação devia proporcionar, aos mais jovens, uma aprendizagem em todas as dimensões da sua vida. Porque o Homem não é uma fórmula, nem uma noção científica, mas um ser capacitado de compreensão, de vontade, de saberes, de sentimentos, de emoções e de desejos. A verdadeira educação é aquela que toca as mais íntimas nascentes do coração humano, que torna o Homem melhor e perpetua os valores afetivos, éticos e religiosos: “os rapazes e as raparigas aprendem a tornar-se homens e mulheres na escola e junto das suas famílias”<sup>35</sup>.

Nesta perspetiva, as escolas são o campo propício para adquirir conhecimento e visão da vida. Elas tornam-se o lugar de aprendizagem, onde os alunos encontram ajuda para se compreenderem, para refletirem e explorarem as suas próprias ideias sobre o sentido último

---

<sup>33</sup> F. MOITA, *A Missão do professor de EMRC no contexto da escola atual*, 58.

<sup>34</sup> F. MOITA, *A Missão do professor de EMRC no contexto da escola atual*, 54.

<sup>35</sup> R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill, Madrid, 7ª ed., 2008, 77.

da existência. São também espaços que permitem aos alunos e mesmo aos professores descobrirem e desenvolverem a sua própria espiritualidade e aprofundarem a sua sociabilidade.

Sabemos que nas escolas nem sempre existem estes espaços de espiritualidade. No entanto eles são necessários e importantes para que os indivíduos cresçam harmoniosamente. Estes espaços possibilitariam autênticos *ateliers*, locais onde homens e mulheres possam receber a possibilidade de entenderem a sua dimensão espiritual. Estes *ateliers* espirituais nas escolas permitiriam aos participantes fazerem experiências com o religioso e com o espiritual<sup>36</sup>.

Neste domínio, as escolas deviam proporcionar aos seus alunos oportunidades para explorarem mais a sua interioridade, ir além das flutuações dos seus sentimentos e emoções. A aprendizagem ligada à espiritualidade privilegia o saber e fornece respostas às questões que se colocam dentro de cada um e que a maior parte das vezes, não se encontram nem se obtêm nas áreas dos saberes científicos. “Os valores comunitários e as perspectivas sociais têm uma grande influência no que é ensinado nas escolas, especialmente em matérias que contêm tópicos controversos”<sup>37</sup>.

O ser humano produz e cria. Produz bens, cria formas de compreensão dos comportamentos, mas nada pode substituir a dimensão espiritual da existência humana. “O homem pode definir-se não só como animal racional, mas também como animal religioso. A dimensão religiosa é uma constante do ser humano, em todas as épocas e em todas as culturas”<sup>38</sup>.

---

<sup>36</sup> Cf. J. VLOET, *Religião, Espiritualidade e Educação*, In *Communio*, 4, (2006), 416-417.

<sup>37</sup> R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, 2008, 108.

<sup>38</sup> A. ESTANQUEIRO, *O Contributo da Educação Moral e Religiosa para a Formação Integral, Educação Moral e Religiosa na Formação Pessoal e Social*, In I Congresso de Professores, Lisboa, 2001, 126.

Compreendemos assim que a educação, a escola, o ensino, deveriam proporcionar chaves de leitura que ajudassem os alunos a compreender o mundo onde vivem. A educação deve ter em vista a formação da consciência e do sentido da liberdade individual. Devemos, pois, educar para a capacidade de discernimento ético, de modo a que os alunos sejam capazes de exercer a própria autonomia e responsabilidade.

Ao mesmo tempo que reconhecemos o caráter ético da pessoa, abre-se a porta para o sentido da vida à luz da fé, orientando-a para a verdade e para o bem.

Uma compreensão de quem é um adolescente, não pode fugir ao facto de que ele se encontra perante o desafio de querer saber se Deus existe ou não, ou, mais exatamente, se Deus tem alguma relação com o mundo e com o Homem. Esta busca de sentido da sua existência e da existência de Deus tem que ser ajudada e orientada pelos adultos, educadores, professores. Um adolescente que busque só por ele próprio é tentado a separar Deus do mundo e do Homem. No entanto, para seres racionais e espirituais, é no encontro com o divino que se baseia a verdadeira felicidade.

Claro que esta busca de sentido nem sempre é clara, até mesmo para muitos adultos. No entanto, talvez uma das soluções para as perguntas colocadas pelo adolescente seja ajudá-los a encontrar dentro de si razões que clarifiquem as suas inquietações. O desafio educacional, neste campo, consiste em oferecer uma educação que convide os alunos a atingirem os mais altos estádios do desenvolvimento, quer seja religioso, ético, filosófico. Estes conhecimentos permitirão que o adolescente aceda a uma compreensão do outro, do que o rodeia, da sua dimensão de alteridade e de felicidade. Facilitam-lhe o contato com a realidade e as realidades mais profundas.

É preciso que o mundo escolar se dê conta de que a dimensão espiritual e religiosa faz parte integrante da pessoa, e que favorece o desenvolvimento feliz. Num contexto

pedagógico, tal não se restringe ao espaço de sala de aula, mas abarca todas as experiências que permitam saborear a beleza da vida que brota dentro de cada pessoa.

Educar supõe oferecer a cada aluno ferramentas suficientes para que este saiba olhar o mundo e tudo o que o rodeia numa forma nova e sublime. Ele aprenderá a construir uma mundividência, que não será dogmática, muito menos fundamentalista, mas tornar-se-á o ponto de partida para lançar a reflexão dos alunos, para os ajudar a explorar as suas próprias ideias sobre a existência, para exprimirem as suas questões e as suas hipóteses, a fim de chegarem a uma tomada de posição pessoal<sup>39</sup>.

É necessário apostar num ensino de qualidade, com perspectivas vocacionais, sem ignorar as dimensões do desenvolvimento pessoal, social e afetivo. A educação está muito ligada à dignidade das pessoas, deve assentar as suas bases no crescimento e desenvolvimento integral da pessoa; tentando precaver-se de uma formação apenas utilitarista.

Educar, na construção de si, significa ajudar o outro a adquirir consciência do próprio ser, de si mesmo, ajudá-lo a assumir a responsabilidade e oferecer-lhe instrumentos críticos e critérios de avaliação perante o seu comportamento.

A ação educativa inclui a finalidade de ajudar o educando a tomar consciência de si, das suas potencialidades e das influências negativas e positivas do ambiente em que está inserido.

O professor tem a enorme responsabilidade de proporcionar aos seus educandos o contato com os aspetos mais nobres da vida, tornando-os seres mais conscientes e, ao mesmo tempo, livres nas suas escolhas, numa sociedade globalizada, instável e contraditória.

Se a escola e, claro, o professor, na relação mais direta com os alunos, têm a responsabilidade de formar personalidades coerentes e autênticas, não podem ignorar, nem mesmo afastar, a ideia do religioso do espaço educacional.

---

<sup>39</sup> Cf. J. VLOET, *Religião, Espiritualidade e Educação*, 419.

Algumas situações identificadas como disruptivas por parte dos alunos fazem eco de circunstâncias relacionadas com a própria desintegração pessoal e relacional dos alunos, e estas podiam ser resolvidas se se encontrasse no ambiente das escolas este espaço para o religioso. O aluno não é apenas uma porção. Ele é uma totalidade e “não há educação integral sem a consideração da dimensão religiosa, porque ela é constitutiva da pessoa humana; a componente religiosa é um fator insubstituível para o crescimento humano em liberdade e responsabilidade”<sup>40</sup>.

Infelizmente o momento atual está marcado não só pela crise a nível social e económico, mas também por um esmorecimento da esperança, por uma certa desconfiança nas relações humanas, e por isso crescem os sinais de resignação, agressividade e de desespero. A educação religiosa no mundo escolar pode ajudar a dar entusiasmo e confiança, pode encorajar o ânimo humano a reencontrar o caminho, a elevar o olhar para o horizonte, a sonhar, a cultivar a beleza do sagrado. Hoje, mais do que nunca é tão evidente a relação do Homem com o divino, porque se, por um lado, se nega a dimensão do sagrado, do divino, o adolescente procura colmatar esta com a busca de sites diabólicos. E aqui recordamos a afirmação/inquietação de uma adolescente que recusa a existência de Deus, mas em contrapartida acredita em vampiros e toda uma serie de existências ligadas a estes. Neste caso, cabe à escola uma missão muito importante de contribuir para desenvolver o entendimento, ensinando a distinguir os sinais do religioso<sup>41</sup>.

No entanto, o que o nosso sistema educativo oferece e proporciona aos alunos são apenas recursos direcionados ao mundo intelectual. Johan Vloet sublinha que “a educação integral propõe o respeito pela liberdade, sem exigir que cada um perca a sua própria

---

<sup>40</sup> D. T. S. NUNES, *Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica*, In *Pastoral Catequética*, 5, (2006), 77.

<sup>41</sup> D. BORNE, *A Escola e o facto Religioso ou Desafio da Verdade*, In *Communio*, 4, (2006), 430.

identidade”<sup>42</sup>. Independentemente das opções religiosas de cada pessoa, a identidade dos indivíduos passa pela espiritualidade, pelo sagrado, pela existência de Deus. Quanto mais o homem recusar Deus, mais ele se afunda no abismo do sofrimento, da dor, do vazio e da opressão.

### **1.3. A disciplina de Educação Moral Religiosa Católica**

A nossa reflexão centra-se agora na disciplina de Educação Moral Religiosa Católica (EMRC) e a sua influência na formação da pessoa: uma proposta formativa que engloba a totalidade do indivíduo, para uma autonomia moral, para o conhecimento e juízo crítico, para a capacidade de instruir-se responsabilmente na vida social, escolhendo o bem. “O que é primeiramente importante para a escola é a formação do homem, em totalidade e em plena maturidade das suas faculdades”<sup>43</sup>. E neste âmbito citando o documento da Conferência Episcopal Portuguesa: “A EMRC contribui para o desenvolvimento das crianças, dos adolescentes e dos jovens. Ajuda a amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida”<sup>44</sup>.

Como Disciplina, a EMRC tenta responder a dois grandes desafios: por um lado, promove a formação pessoal e social e, por outro, fá-lo no contexto específico da fé cristã. Johan Vloet, ao falar do ensino religioso nas nossas escolas, afirma que “a principal tarefa da educação para a religião é a de tomar a sério as questões religiosas e espirituais do indivíduo e da humanidade no processo pedagógico”<sup>45</sup>.

---

<sup>42</sup> J. VLOET, *Religião, Espiritualidade e Educação*, 421.

<sup>43</sup> Ideia de António MAGALLI, citado por Fernando, MOITA, *A missão do professor*, 11.

<sup>44</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica – um Valioso contributo para a formação da personalidade*, 11.

<sup>45</sup> J. VLOET, *Religião, Espiritualidade e Educação*, 412.

O mesmo autor escreve que a “situação atual da fé e da religião convida-nos, pois, a definir novos caminhos para entrar em diálogo com a procura espiritual e religiosa dos nossos contemporâneos. [...] A educação para a religião no mundo escolar é, hoje em dia, de facto, um serviço que se presta ao mundo”<sup>46</sup>. Neste ponto de vista,

“à disciplina de EMRC foi pedido que acompanhasse o processo de desenvolvimento do aluno não apenas no domínio intelectual, mas também das atitudes e comportamentos, proporcionando o encontro entre cultura e fé, abordando questões da vida, os fundamentos da ética, proporcionando aos educandos a capacidade de solucionarem as suas próprias interrogações e propondo-lhes um sentido para a vida”<sup>47</sup>.

No fundo temos consciência que esta utopia nem sempre é fácil de apresentar no âmbito da sala de aula. Aqui surgiu a questão de como apresentar a «felicidade como projeto», no contexto escolar.

A disciplina de EMRC tem, pois, “um alcance cultural e ‘um claro valor educativo’. Orienta-se para formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade”<sup>48</sup>.

Se a EMRC tem estas características, tão diversas e tão abrangentes, então a aspiração educativa da disciplina e das aulas “não se mendigam nem se impõem automaticamente. Merecem-se. A escola tem direito de as exigir da comunidade como verdadeiro e insubstituível compromisso em prol do bem comum e da causa da educação”<sup>49</sup>.

A escola oferece aos jovens mais que uma escolarização; oferece uma educação. E se é uma educação ela deve estar ligada à significação do mundo e da pessoa. Por isso, é

---

<sup>46</sup> J. VLOET, *Religião, Espiritualidade e Educação*, 421.

<sup>47</sup> A. SILVA, *A educação Religiosa Escolar, Debates no Portugal Democrático*, In *Communio*, 4, (2006), 460.

<sup>48</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica – um Valioso contributo para a formação da personalidade*, 11.

<sup>49</sup> A. F. SANTOS, *EMRC – responsabilidade de uma comunidade unida no serviço à educação*, In *Jornal, Correio do Vouga*, julho, 2013, 4.

importante que na própria escola os jovens recebam a ajuda necessária e completa para poderem refletir sobre as interrogações mais profundas da sua existência.

O professor Fernando Moita, no Fórum de 2012, ao falar da disciplina de EMRC, cita Deolinda Serralheiro, afirma que a mesma “oferece grelhas de leitura que assentam no fato da problemática religiosa levantar as questões essenciais da existência humana, da vida e da história”<sup>50</sup>.

Assim sendo, a dimensão religiosa apresenta-se como portadora de respostas sobre o sentido último da realidade, fundamentais da existência humana. É exatamente através deste dinamismo que os pensamentos, sentimentos e percepções se tornam significativos. Se o objetivo da disciplina de EMRC é a iniciação dos alunos na compreensão de novos conhecimentos, os desafios da disciplina são, como diz Domingos Freitas:

“Ajudar o aluno a tomar consciência dos seus sonhos e desejos; ajuda-lo a identificar os sentimentos que brotam na relação com os outros; a respeitar e a acarinhar as suas emoções, a aceitar os seus sucessos e os seus fracassos... Pode ser crucial para uma percepção ou descoberta de que o mundo interior de cada um tem uma vitalidade própria, capaz igualmente de comunicar e de estabelecer relações com o transcendente a que chamamos Deus”<sup>51</sup>.

O Homem ao questionar-se sobre a sua existência abre-se à dimensão do religioso e, por conseguinte, à transcendência que é constante em todas as culturas e civilizações. Um dos contributos da disciplina de EMRC é, entre outros, oferecer aos mais jovens um leque de perspectivas que os tornem mais responsáveis e felizes.

“Para tornar felizes os nossos jovens não bastam os bens materiais e os conhecimentos. São indispensáveis, também, a cultura, a ética, a sã convivência, a esperança e o amor”<sup>52</sup>.

---

<sup>50</sup> F. MOITA, *A missão do professor*, 64.

<sup>51</sup> D. FREITAS, *A experiência na educação religiosa*, In *Brotéria*, Vol, 151, (2000), 34.

<sup>52</sup> NOTA PASTORAL DA COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *EMRC, Contributo para um novo humanismo*, In *Pastoral catequética*, 2, (2005), 9.

Todos transportamos uma sede de infinito e de felicidade. Só na abertura ao Outro, à verdade, à beleza, ao mistério o indivíduo se reconhece como portador de um destino e de sentido. Citando ainda Fernando Moita.

“O fato religioso apresenta-se, assim, como portador de respostas sobre o sentido último da realidade e assim, a disciplina de EMRC é para o jovem estudante, o lugar da procura religiosa existencial e moral, inerente ao crescimento humano em ordem ao desenvolvimento harmonioso e integral, sendo uma autêntica cultura humanista”<sup>53</sup>.

Com frequência olhamos o mundo atual fora dos parâmetros do religioso. No entanto “podemos conceber os valores espirituais como aqueles valores que dão sentido à existência e à actividade humana e que, portanto, contribuem para a construção da identidade e da pessoa”<sup>54</sup>.

A disciplina de EMRC também educa para a afetividade. No mundo escolar nunca devemos separar, nem tão pouco excluir, a educação para a afetividade. Ela deve ser personalizada, aberta, sem medo. Deve formar para a responsabilidade e para a autonomia. “Não podemos ser livres independentemente da posição que tomamos. Mas a partir das escolhas sucessivas, que surgem em linha de conduta dando sentido e orientação as nossas escolhas”<sup>55</sup>.

A afetividade e a espiritualidade apresentam-se assim como configuradoras da consciência humana, promotoras de uma educação totalizante, na qual o espiritual não é um subsídio provisório na racionalidade, nem no cérebro humano, nem no lugar onde se estrutura a afetividade. Ela é uma experiência estruturante de relação e da pessoa.

---

<sup>53</sup> Ideia de D. SERRALHEIRO, citado por Fernando, MOITA, *A missão do professor*, 11.

<sup>54</sup> P. O. CUNHA, *A Formação Moral no Ensino Público*, (Evolução de uma ideia), In *Brotéria*, 138, (1994), 65.

<sup>55</sup> B. SESBOUÉ, *Pensar e viver a Fé no terceiro Milénio, Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2001, 33.

Se o que define o ser humano é a sua busca da felicidade, as instituições educacionais devem proporcionar quadros de referência, pela qual valha a pena viver. Em matéria de educação da afetividade e da sexualidade é urgente incutir um movimento de esperança que dê ao ser humano a alegria de viver a felicidade como fim da realização afetiva e intelectual do homem.

Percebemos, finalmente, que falar da disciplina de EMRC não é a mesma coisa que falar da instância da catequese; elas completam-se mas nunca se substituem, nem se confundem. A catequese “pretende formar e educar discípulo de Cristo pelo amadurecer da fé inicial, a EMRC tem em vista a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projecto de vida”<sup>56</sup>.

#### **1.4. O professor de EMRC: construtor de Esperança e de Felicidade**

Entender o papel do professor na sociedade atual requer uma breve revisão histórica do seu papel ao longo da história. Só assim adquirimos um conhecimento de que o professor foi sempre um ouvinte, um aprendiz e um mensageiro na transmissão dos saberes.

Poderíamos dizer que o professor possui uma das tarefas mais nobres e importantes da sociedade. Importaria ir mais longe e investir um pouco mais nesta questão, porque o docente, pela sua capacidade e missão, tem acesso a um vasto campo dos saberes, mas também ao mundo interior dos alunos. Podemos mesmo afirmar que, depois dos pais, o professor, se for bom e fidedigno na sua missão e vocação, lida com o maior tesouro que é o coração das crianças, dos adolescentes e dos jovens.

---

<sup>56</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica – um Valioso contributo para a formação da personalidade*, 13.

É com o professor que os alunos aprendem a conhecer e a fazer; aprendem a ser indivíduos mais autênticos, leais e solidários.

O professor não deve fazer da lecionação apenas uma profissão, mas deve assumi-la como uma vocação, exercendo-a com amor e doação. O aluno aprende com o professor a conhecer-se a si mesmo, a desenvolver relações cordiais com os outros, adquirindo bases no campo do conhecimento e do saber-fazer. “O jovem desconhece, por vezes, os limites do seu agir, e, não raro, opções feitas na linha da afirmação de si e do relativismo ético e moral”<sup>57</sup>.

O professor tem o papel de ajudar o aluno a adquirir conhecimentos, não só passados, mas também a compreender a transformar e a contribuir na edificação de um mundo mais humano e solidário. Por isso “a educação toca o homem não só na sua superfície, mas entra no profundo da sua interioridade, fazendo emergir o melhor de cada um”<sup>58</sup>.

Neste âmbito, o professor de EMRC tem um papel importantíssimo. Compete-lhe educar para a cidadania e para uma responsabilidade cooperante, na construção de uma sociedade mais justa, mais humana e mais fraterna. Ele surge como alguém que faz a ponte entre os diversos saberes. A partir de uma perspetiva personalista, “educar não se pode limitar à formação para a cidadania ou para a eficácia produtiva; é sobretudo uma formação para a autonomia e para a responsabilidade pessoais”<sup>59</sup>. Torna-se o “maior realizador de cinema” da vida, da sua própria vida e da vida dos outros.

O mundo atual vive uma constante mudança, e mostra-se cada vez mais complexo e individualista. Apesar da lei de base, na linha (b) do artigo 3 afirma que a educação deve:

“Contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, na formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os

---

<sup>57</sup> F. MOITA, *A missão do professor*, 55.

<sup>58</sup> F. MOITA, *A missão do professor*, 56.

<sup>59</sup> F. MOITA, *A missão do professor*, 58.

valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico”<sup>60</sup>.

É urgente reencontrar uma matriz adequada à real situação da nossa sociedade, de forma que os cidadãos, e principalmente as crianças e jovens, possam desenvolver-se e sentirem-se estáveis.

Os professores de EMRC, através das suas competências quer científicas, quer educativas, orientam os alunos na direção das diversas capacidades que possuem.

Muitos consideram que é necessário um exemplo cada vez mais empenhado por parte de todos os docentes. Neste campo, o docente de EMRC tem que ser um mestre e um educador.

“A escola espera que o professor de EMRC seja um especialista em humanidade. Os meios, mais modernos ou mais antiquados, terão a função auxiliar de revelar o humanismo que ele transporta; mais: terão a função auxiliar de revelar o projecto de humanidade que Deus tem para cada um dos seus alunos, através do testemunho de vida passado pela pessoa do professor”<sup>61</sup>.

Questiona-se, assim, qual é o projeto que Deus pensou para a humanidade e como apresentá-lo aos mais novos, sem asfixiar as suas culturas ou crenças.

Novamente somos levados à escola da Damaia, onde decorreu o nosso estágio. Lecionando a unidade letiva 4 do 9º ano (Projeto de Vida), não podíamos limitar-nos a apresentar o projeto de vida, quer no âmbito vocacional quer laboral, pois estes alunos do 9º ano, eram ainda muito novos para compreenderem tais conteúdos vocacionais, sendo alguns deles oriundos de outras etnias, culturas e condições sociais (recordamos que estamos a falar de um bairro social da zona de Lisboa). Ao invés, falar da dimensão vocacional no contexto religioso cristão, era correr o risco de não sermos um “mestre” no respeito pela diferença e pelo outro, mesmo que este outro seja um aluno.

---

<sup>60</sup> DIÁRIO DA REPÚBLICA, *Lei base do Sistema Educativo*, N° 237, artigo 3.

<sup>61</sup> D. O. PEDRINHO, *Competência científica e competência educativa do professor de educação Moral e Religiosa Católica*, In *Pastoral catequética*, 21/22, (2012), 34.

O docente de EMRC sabe que o seu trabalho não consiste apenas na dimensão laboral, nem tão pouco na transmissão da sua crença. A Educação e a profissão de educador, “para ser vivida como tal, têm que ser vivida como um serviço, uma missão e um prazer, e que essa missão se dirige a todas as crianças”<sup>62</sup>. Tendo este duplo carácter, o docente que leciona a disciplina de EMRC possui a capacidade de ajudar os alunos a encontrarem sentido para a sua vida e para as suas realizações. Ajuda-o a sonhar, duma forma nova e duradoura, e escuta-os sem catalogar, respeitando-os e valorizando-os na diferença.

O docente de EMRC vive a alegre experiência da entrega de si mesmo na tarefa diária da educação, quer seja no contato direto com os alunos, ou para além deste. O seu trabalho não se limita ao espaço da sala de aula, mas estende-se a todos os âmbitos da vida escolar, isto é a toda a comunidade. Os docentes possuem e dominam um conjunto de estratégias; estão aptos para dialogar com os alunos, antecipar ou mediar as situações de conflito, proporcionar debates e concretizar projetos benéficos e saudáveis para o crescimento e aprendizagem dos alunos<sup>63</sup>.

Uma das componentes da educação é permitir refletir sobre o que é importante para a sociedade. É fundamental que olhemos para a educação como um lugar privilegiado à transmissão dos valores tradicionalmente definidos, ainda que universais. No entanto não devemos assumir uma atitude egocêntrica de imposição de normas próprias, sem permitir aprender e crescer com outros. Richard Arends afirma que “ensinar é uma arte”<sup>64</sup>. E o docente de EMRC sente a alegria de partilhar as coisas boas da vida.

Se queremos que a escola promova o desenvolvimento integral dos alunos, precisamos de dar à educação o lugar central que lhe cabe na dinâmica social. “Bem sabemos que os

---

<sup>62</sup> A. E. SILVA, *Discurso de abertura, Ministro da Educação*, I Congresso de Professores de Educação EMRC, Lisboa, 2001, 18.

<sup>63</sup> Cf. F. MOITA, *A missão do professor*, 67- 69.

<sup>64</sup> R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, 3.

professores de EMRC estão apetrechados, por maioria de razão, para introduzir nas nossas escolas e na Educação a relação entre liberdade e responsabilidade”<sup>65</sup>. Convém ainda salientar que o docente de EMRC tem uma grandiosa tarefa, se souber aproveitar todos os meios que lhe são proporcionados. Deve combater todas as formas de exclusão e valorizar a tolerância e o respeito pelo outro. Afirma professor Fernando Moita:

“A escola é, convidada a oferecer aos jovens os diversos elementos de conhecimento quanto a significação do mundo e da pessoa humana. Por isso, é importante que na própria Escola os jovens recebam a ajuda necessária e completa para poderem refletir sobre as interrogações fundamentais da existência humana e assim decidir do seu futuro com maior sentido de responsabilidade. [...] Sendo a disciplina de EMRC, um espaço de liberdade criadora, ela proporciona ao adolescente e ao jovem um espaço e um tempo de descoberta e de exercício da mútua compreensão, cooperação e entreajuda, lançando o desafio para a participação na construção de uma sociedade livre, justa e solidária. [...]

Ao fazer uma educação para a identidade, a educação moral oferece ao jovem um contributo para a descoberta da própria identidade – esforço permanente – e para o crescimento e afirmação das suas potencialidades, expressas em responsabilidade social e cívica, espírito crítico e criativo percorrendo um processo de contínua resposta às perguntas fundamentais: Quem sou eu? Qual o meu papel na sociedade?”<sup>66</sup>.

Percebemos que o docente possui um leque de ação e conhecimento bastante diversificados, preciosos para formar os alunos na adesão e aquisição de valores, no conhecimento e na abertura aos outros. O docente de EMRC vive a sua missão numa entrega e dom de si mesmo. Citando o mesmo artigo, “esse dom marca a fronteira entre o prazer efémero da conquista e a felicidade. Não tenhamos dúvidas de que a felicidade é a consequência vista da entrega e não fruto da conquista; que a felicidade é fruto de um projecto que dá verdadeiro sentido às nossas vidas”<sup>67</sup>.

---

<sup>65</sup> A. E. SILVA, *Discurso de abertura, Ministro da Educação, I Congresso de Professores de Educação EMRC* 20.

<sup>66</sup> F. MOITA, *A missão do professor*, 61.

<sup>67</sup> F. MOITA, *A missão do professor*, 69.

Estamos convictos que o contexto escolar ficaria mais empobrecido sem o contributo do professor de EMRC. Podemos mesmo pensar que o puzzle do universo e da educação ficaria incompleto sem a existência do professor de EMRC. Ele está atento às experiências, às propostas e aos modelos de vida que a sociedade projeta.

Por tudo isto, neste momento questionamos quais são os modelos de vida que a sociedade oferece e quais são os desafios da EMRC. Parece que as ofertas de modelos de sociedade, não coincidem com as propostas da disciplina, como ainda lemos na proposta do professor Fernando Moita, em que “o professor de EMRC está ao serviço da formação integral dos alunos, apresenta na escola a boa notícia de Jesus Cristo com todas as suas possibilidades. O Evangelho suscita e oferece respostas às grandes perguntas do ser humano, ilumina a existência humana, nas suas fragilidades e dramas e orienta o sentido da vida”<sup>68</sup>.

Foi nesta diferenciação entre a realidade da sociedade e a proposta da lecionação que surgiu o desafio do tema: “*A felicidade como Projeto de vida*”!

Se todo o Homem foi criado para ser feliz, o que aconteceu ao longo dos tempos e da história, para que esta realidade se mostrasse tão inacessível?

Mas, se por um lado, para alguns a felicidade não é acessível, para outros elas é um caminho que se deve procurar e percorrer. Noutras palavras, a felicidade não tem o mesmo significado para todos os indivíduos e podíamos correr o risco de ver a felicidade como sendo uma pura subjetividade. Contudo, propusemo-nos afunilar esta proposta, perspetivando o fim pelo qual o Homem existe na visão cristã: o amor.

O desafio era poder apresentar aos alunos uma perspetiva de felicidade ligada ao contexto bíblico. No entanto, esta proposta talvez não fosse suficiente atrativa e criteriosa, porque, no concreto do nosso tempo, e para a maior parte dos nossos jovens, as suas aspirações aparecem desconectadas, desligadas da dimensão de Deus e do sagrado.

---

<sup>68</sup> F. MOITA, *A missão do professor*, 68.

Como vimos, a pessoa é uma totalidade, mas nunca apenas e só uma porção ou uma noção. Como nos diz a Conferência Episcopal,

“A pessoa é um ser complexo, nas suas dimensões física, intelectual, afectiva, estética, social, moral, ética, espiritual e religiosa; por isso, exige-se uma cuidada atenção ao desenvolvimento equilibrado de todas estas vertentes.

É importante promover os valores físicos que conduzam a uma vida sadia. É preciso estimular os valores estéticos, caminho excelente de educação da sensibilidade. Os valores éticos e morais dão à pessoa uma estrutura interior autónoma, quer pelo domínio dos impulsos, reforçando os positivos e corrigindo os negativos. Pela educação da afectividade, desenvolve-se a maturidade humana e conquista-se, a pouco a pouco, a consciência da responsabilidade, a prática da liberdade, o hábito da corresponsabilidade e da participação gratuita. Todos estes aspetos, devidamente conjugados na formação, tornam o mistério da pessoa humana, um espelho da beleza de Deus”<sup>69</sup>.

Apesar de neste momento estarmos centrados nos benefícios da disciplina e do perfil do docente de EMRC, não podemos deixar de fazer alusão ao que Richard Arends diz acerca de algumas das circunstâncias vividas pelos alunos. Segundo este autor,

“A escola é, muitas vezes, o único local onde as crianças desenvolvem competências sociais. [...] Os professores devem esforçar-se para construir uma comunidade dentro de cada sala de aula, para que cada criança possa encontrar o seu nicho, sentir-se apoiada e aprender competências sociais importantes”<sup>70</sup>.

Se dizemos isto de disciplinas que têm características diferenciadas da disciplina de EMRC, muito mais podemos dizê-lo para os docentes que lecionam esta disciplina.

O que se diz sobre a missão do professor de EMRC, podemos dizê-lo de todo o cidadão, todavia a missão do docente de EMRC é uma missão precisa e nobre. Ele deve ser um perito no respeito pela pessoa, pela diferença, porque ele sabe que toda a pessoa é um ser único e irrepetível, mas é, ao mesmo tempo, um ser vulnerável, débil, quebradiço. Trata-se de um ser

---

<sup>69</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, 11.

<sup>70</sup> R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, 166.

inquieta, desassossegado, tal como é inerente à condição humana, um ser aberto ao outro que comunica com o seu semelhante. Um ser inacabado, excêntrico, livre e dotado de imaginação. Um ser em comunidade que está em contínuo processo de realização. Um ser aberto ao mistério transcendente. Que tem necessidade se transcender e de comunicar com o divino. E nesta relação com o mistério, possa encontrar respostas sobre o sentido último da realidade.

A pessoa é um ser aberto que anseia sempre por novos níveis de realização e felicidade. Com base nesta reflexão, procuramos responder à questão: como pode o docente de EMRC construir junto dos alunos uma proposta pedagógica, assente na mensagem cristã, que permita descobrir e experienciar a felicidade como projeto?

## **2. Fundamentação Teórica sobre a felicidade (Uma breve teoria de felicidade)**

Falar sobre a felicidade, ou abordar o tema da felicidade, nem sempre é fácil. Se, por um lado, a felicidade é um desejo de todo o ser humano, ela é, ao mesmo tempo, difícil de alcançar. “A felicidade é a coisa mais desejada e a coisa mais frágil do mundo”<sup>71</sup>.

Ao falar sobre este tema, corremos o risco de não sermos objetivos e concretos, porque a felicidade apesar de ser desejada por todo o ser humano, tem características diferenciadas, e tão pouco existe um código concreto para a definir.

Em todos os séculos foram surgindo várias pessoas em diversos âmbitos, que se evidenciaram pelo seu saber e virtude. Propomo-nos visitar o pensamento de alguns desses arautos do saber, nos campos da filosofia e da psicologia.

Hoje, mais do que nunca, fala-se e apregoa-se a felicidade. Mas onde reside a fonte deste tão ambicionado valor? Para uns é o dinheiro que dá felicidade; para outros, será o amor; para

---

<sup>71</sup> A. GESCHÉ – P. SCOLAS, *Suaver le bonheur*, Cert, Paris, 2003, 17.

outros ainda ela encontra-se na fama, na moda, no divertimento, no viver o momento presente.

Apesar destas concepções da felicidade, acima mencionadas, oferecerem momentos felizes e perspectivas de felicidade, elas são sensoriais, momentâneas, apenas de um bem-estar de ordem material, mas não são garantia segura de felicidade. A verdadeira felicidade deve ser cultivada nos nossos corações.

Para aqueles que professam a fé e acreditam em Deus, melhor dito, para os cristãos, a felicidade entra no âmbito do dom, da graça, da caridade. A caridade que é usada na mesma dimensão de amor, na tolerância, na sabedoria e na fé. A fé é a base da felicidade interior.

Todas as culturas têm uma palavra para designar a felicidade. Mas será que ela significa o mesmo em todos os países e culturas? A felicidade, geograficamente, é vista, experienciada e vivida da mesma forma?

Estas são algumas das interrogações que nos levam a perceber que a palavra *felicidade* é difícil de definir. É uma das expressões mais comuns e desejadas por todos. “Há uma coisa comum para qualquer ser humano, de qualquer época, de qualquer cultura: a procura da felicidade. Somos feitos para a felicidade, tendemos para a felicidade”<sup>72</sup>.

Fazendo uma pequena abordagem ao atlas da felicidade, e apesar de não ser fácil de diferenciar as subtis gradações da felicidade entre países, certamente que podemos dizer que alguns países são mais felizes do que outros<sup>73</sup>. Afirma, ainda a este propósito, Eric Weiner:

“Os lugares mais felizes não encaixam forçosamente nas nossas noções preconcebidas. Alguns dos países mais felizes do mundo – Islândia e a Dinamarca, por exemplo – são homogéneos, abalando a crença americana de que é na diversidade que reside a força e a felicidade. Uma descoberta que Veenhoven acabou de divulgar tornou-o muito impopular junto dos seus colegas sociólogos – descobriu que a distribuição da riqueza não vaticina

---

<sup>72</sup> P. CURTAZ, *Os dez mandamentos, a vida em Cristo*, Paulus, Lisboa, 2012, 25.

<sup>73</sup> Cf. E. WEINER, *A geografia da felicidade, uma viagem à procura dos países mais felizes do mundo*, Lua de Papel, 1 ed, Lisboa, 2008, 29.

felicidade. Países onde se verificam grandes fossos entre ricos e pobres não são menos felizes do que aqueles países onde a riqueza é distribuída de forma mais equitativa. Por vezes, são, até, mais felizes”<sup>74</sup>.

Percebemos então que a felicidade é procurada e desejada por todos. No entanto, esta palavra (felicidade) não é usada com os mesmos códigos linguísticos por todos os seres humanos. Ela apresenta-se de diferentes formas e com uma linguagem própria para cada indivíduo. Escreve Adérito Barbosa, “a pessoa encontra-se no mundo para alcançar a felicidade. O problema é que não só não é fácil alcançar, como muitas vezes não sabemos onde existe, em que consiste e onde procura-la”<sup>75</sup>. Apesar desta indefinição, atrevemo-nos a afirmar que a felicidade é o “bem” mais ambicionado à face da terra.

## **2.1. A Felicidade: dom e desejo**

Procuramos agora abordar a felicidade como dom e desejo. Também em relação a estas duas noções, as ideias são bastantes diferenciadas. Para alguns autores, a felicidade é um dom; para outros, é um desejo, uma procura. Somos feitos para a felicidade, tendemos para a felicidade<sup>76</sup>.

Mas a felicidade não coincide, necessariamente, com estados de consciência especiais ou com experiências míticas fora do comum. Como diz José Prada, a felicidade está ao

---

<sup>74</sup> E. WEINER, *A geografia da felicidade, uma viagem à procura dos países mais felizes do mundo*, 29.

<sup>75</sup> A. G. BARBOSA, *Jovens com projeto de vida*, Paulinas, Lisboa, 2001, 15.

<sup>76</sup> Cf. A. G. BARBOSA, *Jovens com projeto de vida*, 17.

alcance de cada pessoa, mesmo que não acredite em Deus ou pratique yoga. Basta, simplesmente, que saiba agradecer e pedir desculpas, que saiba rir e que saiba chorar<sup>77</sup>.

Por vezes buscamos a felicidade por caminhos errados, esquecendo que o único caminho é viver verdadeiramente. Onde há vida verdadeira, há felicidade. Felicidade é ter uma vida plena e repleta de amor.

Segundo José Rafael Prada, citando uma ideia de Walter Riso, “a realidade amorosa une coração e mente, canalizando saudavelmente o sentimento para a verdadeira felicidade. Um amor que nos transforme e nos realize conjuga três elementos indispensáveis: desejo (eros), amizade (philia) e a ternura (ágape)”<sup>78</sup>.

Se a nossa vida não é verdadeira, por mais que desejemos ou busquemos a felicidade, dificilmente a alcançamos.

Apesar de dentro de nós existir uma predisposição para a alegria, essa alegria está no coração, é fruto e dom do criador e nada nem ninguém no-la pode tirar, porque brota do nosso ser mais profundo. “A felicidade está dentro de nós, na paz do coração. Sem ela nada fora de nós dará a felicidade”<sup>79</sup>.

Mas acontece que vivemos, muitas vezes, separados do coração, desligados da alegria. É, portanto, necessário (re)descobrir essa alegria, deixar-se vivificar por ela.

---

<sup>77</sup> Cf. J. R. PRADA, *Falemos da Felicidade, o que é a felicidade e como a podemos alcançar*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 2008, 79.

<sup>78</sup> J. R. PRADA, *Falemos da Felicidade, o que é a felicidade e como a podemos alcançar*, 77.

<sup>79</sup> N. A. SOUSA, *Jovens com Esperanças*, editorial Franciscana, Fafe, 1999, 69.

## 2.2. A esperança e a felicidade – dois pilares antropológicos fundamentais

Chegados a este ponto, é possível darmos um passo em frente, mas sem perder de vista a constante ligação teológica e antropológica que a Bíblia nos oferece sobre a esperança e a felicidade.

Para a Sagrada Escritura, o ser humano é colocado no centro da obra criada por Deus. É o que contemplamos no Salmo oitavo. Este salmo é um dos textos mais belos; nele contemplamos a beleza pelo qual o homem foi criado e qual é o fim pelo qual Deus o criou: “Que é o homem para que vos lembreis dele, o filho do homem para com ele te preocupares? Quase fizeste dele um ser divino; de glória e de honra o coroastes” (Sl 8, 5-6).

O mundo que nos rodeia está cheio de incertezas, mas é nele que temos que definir como queremos viver. Porque o ser humano não pode viver sem dar um sentido à sua vida.

Neste contexto a antropologia ajuda-nos a perceber em que direção devemos caminhar, porque a “visão antropológica, de fato, pressupõe a capacidade de descobrir o significado do ser e a possibilidade de abertura de tudo o que é sensível e visível a tudo o que ultrapassa as faculdades da sensação e da visão”<sup>80</sup>.

No entanto fica sempre uma larga margem de decisão e de escolha: “a felicidade só se pode encontrar onde ela está”<sup>81</sup>. Embora as tendências do ser humano sejam influenciadas pelo seu património genético, pela educação, pela família e pelo meio social, ele é sempre livre por optar qual é o itinerário a dar à sua existência. “O homem descobre que a sua liberdade está misteriosamente inclinada a trair esta abertura à luz à Verdade e ao Bem, e que, com bastante frequência, de facto, ele prefere escolher bens finitos, limitados e efémeros”<sup>82</sup>.

---

<sup>80</sup> P. GIUSTINIANI, *O Homem: Fascínio e Desafio, Antropologia*, Paulistas, Lisboa, 1993, 13.

<sup>81</sup> L. S. PEREIRA, *Aquela ilha*, In *Mensageiro*, 8-9, (2014), 19.

<sup>82</sup> L. S. PEREIRA, *Aquela ilha*, 20.

Sempre que a pessoa deseja e quer, decide por si própria, determina que este ou aquele bem possam entrar no circuito da sua existência como meios de gratificação e de satisfação das suas exigências. Escreve Laurinda Alves: “A vida de uma pessoa é uma corda de muitos fios, de diferentes fibras e texturas, [...] sempre que a pessoa cresce na arte de tecer os fios da sua corda, a vida passa de traços isolados a uma linha contínua. É um rio cujas águas têm uma força imensa, e que tem como foz a liberdade”<sup>83</sup>.

Para além disso, a pessoa é também cultura, já que, no mundo, existem visões e ideias que orientam a vida. Um primeiro elemento a ter em conta é que “o homem tem de ser enquadrado num horizonte mais amplo, o horizonte do ser, do qual se torna realização visível e intérprete”<sup>84</sup>.

Não podemos falar da felicidade sem a noção da fé e da esperança. Estas duas experiências são um complemento no peregrinar dos homens. O horizonte da fé permitir-nos-á colocar perguntas mais pertinentes e procurar em certas direções o sentido da existência. “Cada homem continua a ter o dever de salvaguardar a ideia de que a pessoa humana é uma totalidade, na qual sobressaem as faculdades de síntese: inteligência, vontade, consciência e sentido da fraternidade, valores que se fundam em Deus Criador”<sup>85</sup>.

Cada um de nós está imerso numa rede de coincidências, que nos inspiram e ajudam a direcionar as nossas vidas; a pessoa não é, desde a primeira perceção que dela temos, um mundo fechado; ela é antes relação, comunicação, “entrar em relação com os outros, estabelecer relações de amizade ou de amor [...] O estar no mundo e o estar com os outros, dois dados inevitáveis da condição humana. O homem não se sente lançado por acaso em tais vivências”<sup>86</sup>.

---

<sup>83</sup> L. ALVES, – A. BRITO, *Ouvir, Falar, Amar*, Oficina do Livro, Editorial, Lda., Alfragide, 2011, 25.

<sup>84</sup> P. GIUSTINIANI, *O Homem: Fascínio e Desafio*, 14.

<sup>85</sup> P. GIUSTINIANI, *O Homem: Fascínio e Desafio*, 42.

<sup>86</sup> P. GIUSTINIANI, *O Homem: Fascínio e Desafio*, 43.

A estrutura dinâmica da pessoa humana permite-nos assim encontrar um Tu que não só existe como pode ser a resposta a todas as ansiedades humanas. “O diálogo entre um Eu e um Tu é colocado como único perante um Nós divino, cada pessoa se torna capaz de encontros vivificantes e enriquecedores com os outros seres humanos e com as coisas”<sup>87</sup>.

Quando aprendemos a viver a partir do nível do espírito, muitas coisas acontecem. Tornamo-nos conscientes dos padrões requintados e dos ritmos simultâneos que regem toda a vida. Na prática, o homem dá conta a partir de dentro, que fora de si existe alguma coisa capaz de lhe ser gratificante, de torná-lo feliz, de realizar os seus desejos e as suas aspirações<sup>88</sup>.

Há no entanto um mistério que envolve toda a pessoa. Na verdade, se por um lado, a felicidade é alcançada, ela é compreendida através das experiências interiores; por outro lado, ela não pode impedir de desejar ou querer. “Esta tensão depressa esbarra no problema de saber o que se deve desejar, e quais os melhores meios para alcançar os fins da sua felicidade e realização”<sup>89</sup>.

Escreve Paul Martin que uma sondagem feita nos Estados Unidos revela que os Americanos são mais religiosos que os Ingleses:

“No entanto, mesmo nos Estados Unidos, a religião não é um pré-requisito da felicidade. Um estudo realizado a americanos muito felizes (os que se incluem entre os 10% mais felizes) revelou que não participavam em mais actividades religiosas do que os americanos que eram apenas medianamente felizes ou infelizes.

Que existe na religião que torna as pessoas mais felizes e mais longevas? Ao pensarmos nesta questão, é útil distinguirmos entre *atividade* religiosa, como frequentar a igreja, e *crença* religiosa. As provas sugerem que ambas podem contribuir para a felicidade, mas de diferentes maneiras.

Uma das razões por que os indivíduos religiosos são mais felizes prende-se com a tendência para a manifestação de uma maior conectividade. A participação activa numa igreja é

---

<sup>87</sup> P. GIUSTINIANI, *O Homem: Fascínio e Desafio*, 45.

<sup>88</sup> Cf. P. GIUSTINIANI, *O Homem: Fascínio e Desafio*, 74.

<sup>89</sup> P. GIUSTINIANI, *O Homem: Fascínio e Desafio*, 74.

acompanhada por interações sociais e relações sociais solidárias, o que pode ajudar a explicar a razão pela qual os benefícios psicológicos e emocionais da actividade religiosa são enormes entre indivíduos que, de outra forma, estariam socialmente isolados”<sup>90</sup>.

O ser humano possui sempre a liberdade da autodeterminação, isto é, de decidir e de optar, apesar dos mais terríveis e fortes condicionamentos. Não podemos pensar em ser felizes sem a dimensão do amor, sem uma visão escatológica. Sem esta última, a nossa visão de futuro ficaria limitada e considerávamo-nos superpotentes e “não podemos viver nem nos refazermos pensando que vivemos nesta terra infinitamente, os limites permitem a não nos vermos todos poderosos, e a utilizar as limitações como uma condição de felicidade”<sup>91</sup>.

Lembra ainda Paul Martin que na nossa cultura Ocidental há como que um desejo exagerado de espera da felicidade. Existe como que uma obrigação de sobrevivência material, profissional, familiar, afetiva: é necessário ser bom, amado, rico, com saúde, aproveitar a vida. A felicidade e o sucesso continuam a entrelaçar-se na vida. Mas, ser feliz altera sistematicamente o modo como vemos o mundo<sup>92</sup>.

Numa palavra, entre todos os saberes possíveis, existe pelo menos um que é imprescindível: o de que certas coisas nos convêm e outras não. Assim podemos considerar que ser ou não ser feliz, viver ou não numa dimensão de felicidade, é um saber comum, mas diferenciado para cada sujeito. Porque há certas coisas que podemos viver, conforme nos dê jeito, e neste âmbito, saber viver, de forma feliz, mostra evidências construtivas do ser humano. O desejo de felicidade está associado à dimensão antropológica. A felicidade aparece para além do ideal do que já temos<sup>93</sup>.

---

<sup>90</sup> P. MARTIN, *Pessoas Felizes, A natureza da felicidade e as suas origens na infância*, Bizâncio, Lisboa, 2006, 114-115.

<sup>91</sup> A. GESCHÉ – P. SCOLAS, *Suaver le bonheur*, 9.

<sup>92</sup> Cf. P. MARTIN, *Pessoas Felizes*, 38-39.

<sup>93</sup> Cf. A. GESCHÉ – P. SCOLAS, *Suaver le bonheur*, 14-16.

As pessoas querem saber que sentido tem o que lhes acontece, para que meta se dirijam, que fazer para alcançar a felicidade.

## **2.3. Perspetivas acerca da felicidade**

### **2.3.1. A Felicidade no pensamento filosófico**

Por vezes pensamos que o tema da felicidade é de hoje, um tema atual ou muito recente. Na verdade a ideia de felicidade teve grande importância na origem da filosofia. Bem sabemos que há uma ideia de felicidade que pertence ao senso comum e é compartilhada pela maioria das pessoas.

Deste modo, procuraremos abordar alguns filósofos da Grécia antiga, tais como: Sócrates, Aristóteles e Platão, uma vez que estes três filósofos foram talvez os que mais se debateram sobre esta questão.

A felicidade é o que os antigos gregos chamavam de *eudaimonia*. Este termo grego quer dizer – felicidade. Na filosofia, refere-se ao prazer. Na ética, as emoções que estão associadas à felicidade. *Eudaimonia* (*eu*) significa ‘bem, bom’ e (*daimon*) é designado por ‘anjo da alma’<sup>94</sup>.

No século IV a.C., a *polis* grega entra em ruína. O mundo passa a ser a casa do homem, que se torna cosmopolita. Então num mundo plural e sem fronteiras, é urgente repensar a questão da felicidade.

---

<sup>94</sup> Cf. A. GRUN, *As oito Bem-Aventuranças, Caminho para uma vida bem conseguida*, Editorial A. O., Braga, 2010, 8.

Para novos problemas, o desafio é que o homem encontre razões para a sua felicidade; ele deve suspender os juízos (*epoché*), criando uma espécie de indiferença perante as coisas<sup>95</sup>.

O precursor desta ideia foi Sócrates, entre os anos 469 a 399 a.C. Mas é mais tarde, entre 324 / 322 a.C., que Aristóteles sistematiza a questão.

Todavia, esta questão foi abordada numa primeira instância pelo filósofo Sócrates. É através da sua representação nos diálogos entre o estudante e o professor, que este filósofo se tornou conhecido no campo da ética e do chamado método socrático. Este diálogo permanece até aos dias de hoje. O estilo consiste numa sucessão de questões que são feitas, não com o intuito apenas de obter respostas específicas, mas para encorajar a compreensão clara e fundamental do assunto que está a ser discutido. É numa destas questões que compreendemos que, para Sócrates, o prazer está ligado à sabedoria.

“Para aquele que coloca a essência da felicidade no prazer, este prazer só pode ser o conhecimento, que é igual a sabedoria. Esta sabedoria proporciona: primeiro – oportunidade; segundo – beleza e plenitude; terceiro – inteligência e prudência; quarto – as ciências e as artes e as opiniões corretas; quinto – os prazeres sem dor, e o sexto – satisfação moderada e sem ligação aos apetites”<sup>96</sup>.

O ser humano, diferente de todos os outros seres vivos, é dotado de linguagem, e essa linguagem é designada por «logos». O homem possui um «logos» que é definido por razão, que participa do «logos» divino, é a atividade que há de mais sublime no homem. A felicidade é para, o filósofo grego, uma atividade da alma de acordo com um princípio racional, isto é, uma atividade de acordo com a virtude. De acordo com este princípio, o homem poderá ter uma vida virtuosa e feliz.

---

<sup>95</sup> Cf. H. JAPIASSÚ – D. MARCONDES, *Dicionário Básico de Filosofia*, ed. 5, Rio de Janeiro, 2008, 134.

<sup>96</sup> C. DIAZ, *Eudaimonia, La felicidad como utopía necesaria*, Ediciones Encuentro, Madrid, 1987, 82.

A felicidade consiste em viver conforme a natureza (razão). “A aspiração à felicidade existe quando se atua de um modo racional, num ato de autorrealização humana”<sup>97</sup>.

Como já foi mencionado Sócrates foi o protagonista desta complexa questão – O que é ser feliz? Ele dá resposta a esta questão, através da maiêutica que é a teoria do conhecimento, mais propriamente a visão do *dar à luz*. Neste contexto filosófico, é um “conhece-te a ti mesmo”<sup>98</sup>. É ajudar a que as pessoas se questionem sobre as suas condutas, sobre a sua maneira de pensar, sobre as realidades que vivem. “Consiste essencialmente em averiguar por todos os meios se o seu interlocutor tem de parir algo fantástico e falso ou genuíno e verdadeiro”<sup>99</sup>.

Em a *Ética a Nicómaco*, Aristóteles nota que a maioria das opiniões andam à volta das noções de riqueza, honra e glória. Para chegar ao conceito de felicidade, este filósofo afirma que o homem é caracterizado por possuir a razão, diferenciando-o das demais coisas do mundo. Assim a felicidade deve ser uma atividade da razão. A razão ligada a reflexão é igual a contemplação. A ideia de sábio está inserida dentro do pensamento ético aristotélico, porque o sábio sabe ser. E esta felicidade é alcançada dentro da comunidade humana, que na antiguidade era designada por *polis*.

Por vezes diz-se que a felicidade está ligada aos prazeres. Mas, para Aristóteles, a felicidade não é uma sensação de prazer, porque esses dão apenas ao homem uma sensação de felicidade efémera<sup>100</sup>.

Uns encontram a felicidade nos prazeres da vida enquanto outros nas riquezas. Mas cada um alcança a felicidade a partir da própria experiência e da sua própria vida.

---

<sup>97</sup> C. DIAZ, *Eudaimonia, La felicidad como utopía necesaria*, 83.

<sup>98</sup> Cf. <http://en.wikipedia.org/wiki/Socrates>, (30/03/2015).

<sup>99</sup> N. ABBAGNANO, *História da Filosofia*, ed. 2, Presença, Lisboa, 1976, 121.

<sup>100</sup> C. DIAZ, *Eudaimonia, La felicidad como utopía necesaria*, 80.

Todavia percebemos que a conclusão de Aristóteles sobre o conceito de felicidade parece-nos complexa. Ele afirma que a felicidade se identifica com os variadíssimos bens: com a virtude, ou com a sabedoria prática, ou com a sabedoria filosófica (ou com todas elas, acompanhadas ou não de prazer) ou com a prosperidade. “Decidir que a felicidade é o melhor, parece ser algo reconhecido por unanimidade<sup>101</sup>”.

Mas antes de avançarmos vamos tentar perceber que tanto Sócrates como Aristóteles tentaram encontrar uma noção válida sobre a felicidade e sobre o desejo do homem ser feliz. Hoje, como na Grécia antiga, a adesão à felicidade, ou a utopia de felicidade, sofre mutações muito diversas. A maioria das pessoas coloca a felicidade nos prazeres imediatos, numa vida agradável. Agarrando esta ideia, Platão tenta clarificar a noção acerca da felicidade e de uma vida feliz.

Platão foi um dos primeiros alunos de Sócrates. Para além de ser autor de diversos diálogos filosóficos, ele foi um filósofo e matemático no período clássico da Grécia antiga. Foi o fundador da primeira instituição de educação superior no mundo ocidental, mais propriamente em Atenas.

No dicionário de Filosofia de José Ferrater Mora, lemos que as “doutrinas éticas que colocam a felicidade como bem supremo são designadas por ‘eudemonistas’. Mas isto não implica que não possa compreender-se a felicidade de diversas maneiras: como bem-estar, como atividade contemplativa, como prazer espiritual”<sup>102</sup>.

O autor Anselm Grun diz que na filosofia existem três conceitos para definir a palavra felicidade. O primeiro já mencionado acima, quando falamos sobre *Eudaimonia*.

O segundo conceito é *eutyche* – significa ‘o que me sucede de bem’. Tais como quando dizemos ‘tive sorte’, estamos a dizer que algo me sucedeu que me fez feliz.

---

<sup>101</sup> A. FERNÁNDEZ, *Dicionário de Filosofia*, 602.

<sup>102</sup> J. F. MORA, *Dicionário de Filosofia*, Dom Quixote, Lisboa, 1982, 156.

O terceiro conceito é *makarios* – que significa ‘feliz’, ‘ditoso’, e, entre os Gregos, esta expressão é reservada unicamente aos deuses<sup>103</sup>.

Para Platão, a felicidade é consequência natural de um estado sadio da alma. “A felicidade não está nas honras nem nos prazeres, nem nas riquezas, mas na tranquilidade da consciência”<sup>104</sup>.

É a virtude moral que gera a saúde da alma e todos os homens deveriam querer ser virtuosos. Há, contudo, homens que não a desejam, mas só porque não percebem que a virtude traz a felicidade. Talvez seja isto que Platão tenta afirmar metaforicamente na *alegoria da caverna*: “desejar sair das sombras e atingir a luz é atingir o supremo da felicidade. É a busca definitiva da sabedoria, onde são felizes, perante o mundo das sombras”<sup>105</sup>.

Deixando a Grécia antiga passamos para Santo Agostinho. Neste Filósofo e Teólogo encontramos uma tônica de novidade, a novidade da relação com Deus.

O problema da felicidade constitui, para Santo Agostinho, toda a motivação do pensar filosófico. A felicidade para ele tem uma peculiaridade, pois é um encontro pessoal com Deus, guiada pela senda da razão, como fim da sabedoria. “A felicidade é a posse do verdadeiro absoluto, quer dizer, de Deus; todas as demais felicidades se encontram subordinadas àquela”<sup>106</sup>.

No *Diálogo sobre a felicidade*, Agostinho assume algumas tradições da filosofia antiga. Baseando-se no platonismo, Santo Agostinho acha que o homem é uma alma que faz uso de um corpo. Apesar do conhecimento que se adquire pelos sentidos, a alma mantém-se em atividade e ultrapassa o corpo. Os sentidos só mostram o imediato e o particular, enquanto

---

<sup>103</sup> Cf. A. GRUN, *As oito Bem-Aventuranças, Caminho para uma vida bem conseguida*, 9.

<sup>104</sup> G. GÂNDARA, *Nasceste Para Ser Feliz*, Paulus, Lisboa, 2008, 47.

<sup>105</sup> C. DIAZ, *Eudaimonia, La felicidad como utopía necesaria*, 79.

<sup>106</sup> J. F. MORA, *Dicionário de Filosofia*, 157.

a alma chega ao universal e ao que é de pura compreensão, como os enunciados matemáticos. “Agostinho interpreta a inteligência da fé, desde bem cedo, num duplo sentido, a saber, a superlativa interiorização e o dinamismo transcendental”<sup>107</sup>.

Mas, se não é através dos sentidos, por qual via a alma consegue alcançar as verdades eternas? Será através de uma particularidade pessoal, ou outra via qualquer? “O que é a felicidade? E como pode o homem ser feliz”<sup>108</sup>.

A obra *Diálogo sobre a felicidade*, já acima citada, é uma obra dedicada por Agostinho ao seu amigo e mestre Teodoro. Usa a forma argumentativa ao estilo de diálogo. A felicidade faz parte integrante desta obra.

Analisando a sua vida e valorizando a sua humanidade, somos capazes de perceber que a teoria de Agostinho sobre a felicidade é o resultado da sua insistente busca pessoal da mesma, muitas vezes marcado pelas dores existenciais. “Será possível pensar na felicidade, sem que no seu horizonte, se vislumbrem marcas de glória, de abjeção, de esterilidade ou de absoluto”<sup>109</sup>.

De facto, para compreendermos a felicidade é necessário, em primeiro lugar, compreender a nossa existência. É este conhecimento que nos ajuda a compreender quem somos, o que buscamos e o que é essencial para sermos felizes.

Tudo indica que se o ser humano, sendo mutável e destrutível, é capaz de atingir verdades eternas, é porque a sua razão deve possuir algo que vai além dela mesma; não tem origem no homem nem no mundo externo, mas em Deus. Portanto, Deus faz parte do seu pensamento e transcende-o. Desse modo só pode ser achado e conhecido no fundo de cada um, no percurso que se faz de fora para dentro e das coisas inferiores para as coisas

---

<sup>107</sup> P. SILVA, *Nem mentir, nem trair, O repto de St. Agostinho*, In *Communio*, 3, (1999), 243.

<sup>108</sup> SANTO AGOSTINHO, *Diálogo sobre a felicidade*, Textos Filosóficos, Edições 70, Bilingue, Lisboa, 2012, 9.

<sup>109</sup> SANTO AGOSTINHO, *Diálogo sobre a felicidade*, 10.

superiores. Deus não pode ser dito ou definido em todos os tempos e em qualquer lugar e a questão é esta: “Será que fomos lançados a este mundo, como que ao acaso e sem orientação, por Deus, ou pela natureza, ou pela necessidade, ou pela nossa vontade, ou pela confluência de algumas ou de todas estas causas?”<sup>110</sup>.

S. Agostinho entendeu a busca da felicidade e a conceituação da mesma como a sua tarefa maior. Não há ninguém que não aspire à felicidade, “todos queremos ser felizes”<sup>111</sup>.

Neste sentido o processo do conhecimento que impele cada um a descobrir-se no mundo, é de suma importância nesta busca de felicidade. Escreve Santos Agostinho:

“Ser feliz quem não tem o que quer? [...] Será então feliz quem não tem o que quer? [...] Se quer bens e os tem, é feliz; se, por outro lado, quer coisas más, ainda que as tenha é infeliz. [...] Quem vive conforme quer é feliz. Mas isto é seguramente falso; querer o que não convém, isso mesmo é que é a maior infelicidade. Quem não alcança o que quer não é tão infeliz como quem quer alcançar o que não convém. De fato, a perversidade da vontade ocasiona mais males do que a fortuna nos traz bens”<sup>112</sup>.

Ao buscarmos a felicidade, é necessário buscarmos a liberdade: “Ninguém pode ser feliz se não tiver o que quer, mas também não pode ser feliz quem tem tudo o que quer”<sup>113</sup>. A felicidade ajuda-nos a ver o mundo não como uma prisão, mas a aprender a estabelecer laços com as pessoas de forma a conceber harmoniosamente tudo aquilo que nos rodeia, para buscarmos uma harmonia que nos direciona, para um estado da alma, onde a felicidade é plena. “Não será por causa das coisas que ele (o ser humano) será feliz, mas sim pela moderação da sua alma”<sup>114</sup>.

A felicidade plena para S. agostinho tem uma peculiaridade; é um encontro com Deus, guiada pela senda da razão. “Quem possui Deus é feliz. Portanto, quem procura Deus tem-no

---

<sup>110</sup> SANTO AGOSTINHO, *Diálogo sobre a felicidade*, 19.

<sup>111</sup> SANTO AGOSTINHO, *Diálogo sobre a felicidade*, 41.

<sup>112</sup> SANTO AGOSTINHO, *Diálogo sobre a felicidade*, 41.

<sup>113</sup> SANTO AGOSTINHO, *Diálogo sobre a felicidade*, 43.

<sup>114</sup> SANTO AGOSTINHO, *Diálogo sobre a felicidade*, 45.

favorável, e quem quer que tenha Deus favorável é feliz. Logo, mesmo quem O procura é feliz. Mas quem procura ainda não tem o que quer; por isso, quem não tem o que quer é feliz”<sup>115</sup>.

Uma coisa é certa, neste desejo de conhecer, de buscar, temos a nossa realização quando descobrimos que encontramos a verdade. Uma das mais belas concepções de Santo Agostinho é a de *Cidade de Deus*. Amando-se uns aos outros no amor a Deus, os cristãos, embora vivam nas cidades temporais, constituem os habitantes da eterna cidade de Deus.

Um outro filósofo, com grande influência neste tema, foi S. Tomás de Aquino. Foi um dos mais importantes filósofos e teólogos da Idade Média. A sua influência no pensamento ocidental e na filosofia moderna foi significativa. Foi um mentor da teologia natural. De facto, abraçou diversas ideias de Aristóteles a quem chamava o Filósofo. Tentou sintetizar a filosofia aristotélica com os princípios do cristianismo.

“Usou o termo ‘beatitude’ como equivalente a ‘felicidade’ e definiu-o como ‘um bem perfeito de natureza intelectual. [...] A felicidade é um estado durável de plenitude, não é simplesmente um estado da alma, mas algo que a alma recebe a partir de fora, pois de contrário a felicidade não estaria ligada a um bem verdadeiro”<sup>116</sup>.

Tal como acontece com outros filósofos na questão da felicidade, S. Tomás acentua a sua teoria no que consiste a verdadeira felicidade, escreve J. Lauster.

“Tomás desenvolve obviamente uma doutrina da felicidade à volta da Bíblia. Ele interpreta o evangelho de S. Mateus, no sermão da montanha, no texto das bem-aventuranças, como a doutrina de Jesus sobre a felicidade [...] que é na meditação, na contemplação e nas coisas divinas que está a felicidade”<sup>117</sup>.

---

<sup>115</sup> SANTO AGOSTINHO, *Diálogo sobre a felicidade*, 65.

<sup>116</sup> J. F. MORA, *Dicionário de Filosofia*, 157.

<sup>117</sup> J. LAUSTER, *Dio e la felicità, La sorte della vita buona nel cristianesimo*, Queriniana, Brescia, 2006, 69.

A felicidade é um estado durável de plenitude, de satisfação, de equilíbrio físico e psíquico. Ela tem, ainda, o significado de bem-estar espiritual ou paz interior. Segundo o mesmo autor, “a felicidade é dupla: é imperfeita se homem realiza através da sua própria força; e perfeita quando tem como objetivo a visão de Deus, que consiste no homem como dom da graça divina”<sup>118</sup>.

Todavia a felicidade vem representar um movimento de retorno a Deus de todas as coisas e criaturas e nesse movimento de retorno Deus encontramos uma relação entre S. Tomás e Santo Agostinho, porque “quem é feliz possui Deus”<sup>119</sup>.

O desenvolvimento do tema da felicidade em São Tomás de Aquino parte do princípio que a vida humana é portadora de um fim último a que chama de bem-aventurança. Segundo Ele, o fim último do homem é tender para Deus, e conseguir o fim último que é a bem-aventurança<sup>120</sup>.

É importante salientar que S. Tomás não olha esse fim como um desterro, mas como uma bem-aventurança, “conforme o sentido escatológico da existência cristã”<sup>121</sup>.

S. Tomás para além das muitas teorias que tenta esclarecer, a volta do tema da felicidade, diz que é um bem que deve ser procurado e alcançado.

“Ora, o bem completo é o seu fim último. [...] Mas há duas maneiras de falar do fim último: ou em função do que ele é, ou em função daquilo em que ele é procurado. Quando àquilo que é da sua natureza, pode-se dizer que todos os homens se encontram no desejo do fim último, pois cada um aspira a realizar a sua própria perfeição, e esta é a função do fim último. [...] Uns procuram o bem supremo na riqueza, outros na volúpia ou seja no que for. [...] Ora, o sabor mais agradável deve ser aquele que o homem de melhor gosto aprecia. Da mesma maneira, o bem perfeito, deve ser aquele que procura, como fim último, o homem cujo impulso da vontade está bem orientado”<sup>122</sup>.

---

<sup>118</sup> J. LAUSTER, *Dio e La felicità, La sorte della vita buona nel cristianesimo*, 71.

<sup>119</sup> SANTO AGOSTINHO, *Diálogo sobre a felicidade*, 89.

<sup>120</sup> Cf. A. FERNÁNDEZ, *Dicionário de Filosofia*, 602.

<sup>121</sup> A. FERNÁNDEZ, *Dicionário de Filosofia*, 603.

<sup>122</sup> J. RASSAM, *Tomás de Aquino*, Biblioteca Básica de Filosofia, Edições 70, Lisboa, 1969, 93.

Ainda dentro desta noção, o autor Anselm. Grun referindo-se à S. Tomás: “O homem pode, pelas próprias forças aspirar à felicidade e alcança-la. Mas a bem-aventurança eterna, que jamais acaba, só por Deus lhe pode ser concedida”<sup>123</sup>.

Poderíamos dizer que, em Tomás de Aquino, o fim é entendido sob duas maneiras. Por um lado, é a coisa que se deseja conseguir; e por outro, é a aquisição, posse, uso, ou gozo da coisa desejada. Conforme o primeiro modo, o fim último do homem é um bem incriado que satisfaz perfeitamente a vontade do homem; no segundo caso, a bem-aventurança é algo criado, existente em si mesmo, e outra coisa não é senão a posse, ou o gozo do fim último.

### 2.3.2. A abordagem da Psicologia

Se a felicidade está dentro do coração humano, nada melhor para a tentar definir do que a psicologia. O “ser humano necessita de uma trama de valores, uma filosofia de vida, uma religião ou um substituto da religião de acordo com o qual viver e pensar”<sup>124</sup>.

Uma outra realidade a ter em conta é que psicologia e religião andaram de costas voltadas.

Não é certo! Mas recentemente se descobriu que existe grandes coincidências entre a psicologia e a proposta do Evangelho, pois nos Evangelhos o preceito do amor é a realização da maturidade humana, o dar-se ao outro num amor total e deixar-se ser amado, tanto entra nos critérios dos evangelhos como no âmbito da psicologia, porque geralmente o individualismo é revelação de imaturidade.

---

<sup>123</sup> A. GRUN, *As oito Bem-Aventuranças, Caminho para uma vida bem conseguida*, 6.

<sup>124</sup> Esta ideia é tirada do autor A. MASLOW e Citada por, C. S. CARVALHO, *Psicologia, Curso Geral, Formação de Catequistas*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2004, 144.

O ser humano, como um ser de e em relação, tem necessidades de se relacionar com os outros numa forma única e pessoal. Estas necessidades são fundamentais para o crescimento da personalidade e do indivíduo. No entanto, essas necessidades podem ser físicas, da ordem do eu profundo, ou ainda existenciais ou transcendentais.

Se estas necessidades forem satisfeitas, elas favorecem a maturidade da pessoa, ou seja a aceitação de si, a aceitação dos outros, a aceitação da transcendência, a capacidade de amar, a capacidade de interiorizar, a capacidade de diálogo e a capacidade de escutar<sup>125</sup>.

Por outro lado, a qualidade de vida tem sido contagiada por um certo pessimismo e uma tônica acentuada no ter, no possuir. Todavia bem sabemos que “a felicidade e a ternura não pertencem simplesmente à lógica do ter, mas pertencem ao ser, ela expressa-se na estrutura transcendental da pessoa, na sua aspiração profunda de amor. Por este motivo, somente quando esta se entrecruza com a experiência efectiva da ternura, o indivíduo é capaz de realizar em maior ou menor medida o seu desejo de felicidade”<sup>126</sup>.

Nesta abertura afetiva de si ao outro, está o sentido do projeto da existência humana. Se o homem por vezes se sente infeliz interiormente, se fracassa na sua vida, é porque quer viver à sua maneira, segundo o modo humano e contando apenas com as suas forças. O valor profundo da pessoa mede-se, entre outras coisas, pela sua capacidade em entrar em contacto com os outros. Este relacionar-se não depende só das qualidades exteriores, tais como a amabilidade, a jovialidade, a facilidade em dialogar. Mas se o homem quer entrar em contacto com os seus semelhantes, tem de entrar dentro de si e fazer deserto, isto é, deve aceitar que os outros seus semelhantes também tem qualidades e percursos próprios e diferentes. Porque a “experiência afetiva manifesta-se de modo privilegiado no encontro das pessoas”<sup>127</sup>.

---

<sup>125</sup> Cf. A. BARBOSA, *Jovens com o grupo*, Paulinas, Lisboa, 1999, 51.

<sup>126</sup> C. ROCCHETTA, *Teología de la Ternura, Un evangelio por descubrir*, Cervantes, Salamanca, 2001, 48-49.

<sup>127</sup> C. REIMÃO, *Afectividade, Corporeidade e Alteridade; desafios educativos*, 464.

O ser humano tem necessidade de se exprimir, de contar a sua vida. Ele tem necessidade de falar, de abrir o seu coração atulhado de preocupações, de aborrecimentos ou mesmo das alegrias. Ele precisa que o encorajem, que o conduzam. E tudo isto acontece através da relação e dos afetos, uma relação em que o individuo revela o seu *Eu* (este eu enquanto noção psicológica) mais profundo, a sua relação com os outros e com tudo o que o rodeia.

Ao nível psicológico, é fácil intuir que esta relação com os outros sofre algumas mudanças e que, muitas vezes, estas precisam de serem integradas, aceites e assimiladas. Podemos assim entender que todas as pessoas querem ser felizes. No entanto, a história da humanidade é longa e penosa. O trajeto da nossa existência é uma aventura peregrina da felicidade. Lutamos e sofremos por alcançar a felicidade; por vezes até desanimamos pensando que a felicidade é uma miragem incansável. Mas a felicidade verdadeira existe e podemos encontrá-la, ela está dentro de cada um de nós. Talvez seja isto que Johan Vloet quer afirmar quando diz que o “homem tem uma relação psicológica com o transcendente”<sup>128</sup>.

Na relação do encontro, o coração humano vive inquieto e descobre-se um ser em relação. Encontra-se com os demais, mas encontra-se acima de tudo consigo próprio e encontrando-se vive a experiência transcendental do encontro. Quanto mais desprendidos formos dos bens materiais, mais livres seremos e a alegria floresce, encontrando a verdadeira felicidade.

A afetividade não é exterior ao individuo, mas constitui efetivamente a relação tensional da ação/paixão da corporeidade. Ela reveste-se de uma importância nuclear para a realização humana, dá estrutura à vida. A própria inteligência é afetiva<sup>129</sup>.

---

<sup>128</sup> J. VLOET, *Religião, Espiritualidade e Educação*, 417.

<sup>129</sup> Cf. C. REIMÃO, *Afetividade, Corporeidade e Alteridade; desafios educativos*, 467.

A maior parte dos indivíduos desenvolve sem problemas as suas capacidades cognitivas, verificando-se dificuldades no domínio afetivo e religioso.

A afetividade é abertura ao mundo, a um mundo diferente do universo científico e tecnológico, mas tão verdadeiro e real quanto este. Só a consciência afetiva nos dá um conhecimento transcendental.

Na sociedade do nosso século corremos o risco de absolutizar o ser humano esquecendo a dimensão do religioso, ou mesmo de Deus, e cai-se no exagero do egoísmo, onde o outro fica esquecido na periferia do coração. Neste sentido a felicidade corre o risco de ser interpretada como a satisfação própria e não um dom a ser partilhado, porque ninguém pode ser feliz, ou viver feliz, sozinho. Como dizia o autor John Powell, “a condição natural do ser humano é ser feliz”<sup>130</sup>.

Acredito que todos nós sentimos este desejo persistente e inato: queremos ser felizes. “No entanto, infelizmente, fomos frustrados neste desejo algumas vezes. Os nossos sonhos de felicidade não se concretizaram”<sup>131</sup>.

Citando ainda o mesmo autor, ele diz que “as expectativas têm muito a ver com a nossa felicidade. Esta é uma das lições de vida mais difíceis de aprender. Na medida em que esperamos que a nossa felicidade venha de coisas externas ou de outras pessoas, os nossos sonhos estarão condenados à morte”<sup>132</sup>.

Devemos olhar com lucidez para o facto de que muitos homens estão interiormente paralisados, enrodilhados e arrastam uma vida sem grandeza nem eficácia, porque nunca se aceitaram a si mesmos, com as suas limitações e qualidades. No fundo todos temos um papel a desempenhar neste mundo. Citando a autora Nicole Attali, ela diz:

---

<sup>130</sup> J. POWELL, *Felicidade: Um trabalho interior*, Paulistas, Lisboa, 1993, 8.

<sup>131</sup> J. POWELL, *Felicidade: Um trabalho interior*, 9.

<sup>132</sup> J. POWELL, *Felicidade: Um trabalho interior*, 9.

“A felicidade está longe de ser uma coisa egoísta, pelo contrário. Quando estamos bem, satisfeitos com a nossa vida, realizados, deixamos de nos concentrar nos nossos problemas, mas nossas angústias, nas nossas inquietações. Quando estamos felizes, podemos deixar de nos preocupar incessantemente connosco e dar o nosso tempo e a nossa pessoa aos outros. Atingindo a felicidade, tornamo-nos pessoas melhores não só para nós próprios, mas também para todos os que nos rodeiam”<sup>133</sup>.

Por vezes aos nossos olhos, seria seguramente mais fácil ver a razão da nossa felicidade nas satisfações, mas as adversidades são o ingrediente mais comum e talvez central da nossa vida. Só precisamos de olhá-las de forma construtiva e pedagógica. Quando um indivíduo possui a perseverança, vence sempre, quer nos momentos sombrios, quer nos mais felizes. Como diz Guilio Massa, que “existe sempre o ‘porquê’ na vida do homem, independente do facto de ele se aperceber disso ou não”<sup>134</sup>.

Continuando com a visão do mesmo autor, ele diz que “o fim último, é visto como ponto de chegada do homem, a maior parte das vezes, vive-se esse momento do ponto de vista subjectivo, normalmente como momento de esperança e de felicidade”<sup>135</sup>.

Esta tendência de fundo para a felicidade é natural, mas na complexidade do homem, que não é só instinto, fome, sede, prazer, etc., mas também realização pessoal, valores morais e intelectuais, arrisca-se sempre a ser mal entendida, a ser expressa de um modo falso e mistificador. “Todos querem a felicidade e todos querem realizar-se. Esta tendência de fundo, que é o próprio movimento da vida, é-nos comum: nisto todos convergem. Porém, não basta dizer que a felicidade é ganhar dois milhões na lotaria ou receber Prémio Nobel”<sup>136</sup>. É no nosso interior que se encontra o caminho que conduz à serenidade e à harmonia. É aí que se decide ser feliz ou infeliz. “Para serem felizes é necessário sentirem-se felizes. E isto está ao

---

<sup>133</sup> N. ATTALI, *Eu cultivo a felicidade, Diga adeus a tudo o que o impede de ser feliz*, Paulinas, Lisboa, 2011, 8.

<sup>134</sup> G. C. MASSA, *Construir-se a si mesmo*, Paulus, Lisboa, 1994, 14.

<sup>135</sup> G. C. MASSA, *Construir-se a si mesmo*, 15.

<sup>136</sup> G. C. MASSA, *Construir-se a si mesmo*, 16.

alcance de todos os seres humanos, porque possuem infinitas potencialidades”<sup>137</sup>. É necessário proporcionar aos mais novos meios e ferramentas que os estimule na vida. E as brincadeiras são um meio mais eficaz, onde se trabalha na criança mecanismos de respeito, de saber ganhar ou perder.

Segundo Paul Martin, “os indivíduos que são privados da atividade lúdica podem tornar-se infelizes”<sup>138</sup>. Mais do que a preocupação de viver longos anos, deveria inquietar-nos o esforço de dar qualidade a esses anos, zelando para que sejam anos repletos de oportunidades para descobrir a felicidade. Na idade infantil, as brincadeiras favorecem aos mais novos estímulo e segurança. Como diz o mesmo autor:

“O auto conhecimento é um outro dos benefícios inestimáveis da brincadeira. Estamos mais bem posicionados para sermos felizes se tivermos uma visão realista das nossas forças e limitações. [...] A brincadeira é uma forma de estimulação segura que permite às crianças experimentarem as suas próprias capacidades, numa enorme variedade de situações. Ao fazê-lo, podem descobrir os seus ‘pontos fortes’ individuais.

As investigações realizadas por Martin Seligman, e pela sua equipa, sugerem que uma boa estratégia para incrementarmos a felicidade na vida adulta é identificar os nossos pontos fortes e tentar viver a vida de modo a sermos capazes de utilizá-los em toda a sua extensão. Ao proporcionar este tipo de auto conhecimento, a brincadeira dá a cada indivíduo a capacidade de moldar a sua própria vida da forma mais satisfatória e agradável”<sup>139</sup>.

As preocupações manifestadas por muitos adultos em relação aos comportamentos dos mais novos, revelam que estes têm um défice de encantamento e de sonho, levando-os a adotar comportamentos desnivelados e contrários ao que se considera natural para a sua idade, porque “o comportamento daqueles que sonham com momentos de felicidade futura é marcado por uma extrema insegurança”<sup>140</sup>.

---

<sup>137</sup> V. ALBISETTI, *Para Ser Feliz*, Paulinas, Lisboa, 1996, 57.

<sup>138</sup> P. MARTIN, *Pessoas Felizes, A natureza da felicidade e as suas origens na infância*, 206.

<sup>139</sup> P. MARTIN, *Pessoas Felizes, A natureza da felicidade e as suas origens na infância*, 207.

<sup>140</sup> V. ALBISETTI, *Para Ser Feliz*, 59.

Quando este mal-estar interior não é rapidamente ultrapassado, há riscos que se podem acumular e dar origem a quadros ainda mais complexos. A chave da intervenção baseia-se na técnica de construção de uma boa relação. Por isso, como nos diz Helena Marujo:

“Como educadores sentimo-nos talvez ainda um pouco mais frustrados, descrentes e deprimidos que todos, os outros, dobrando os ombros com o peso da responsabilidade, do excesso de trabalho e preocupações, e dos medos que nos assaltam.

Mas que sentido faz ser educador se não se andar entusiasmado com a vida, saboreando-a como uma permanente e fascinante aprendizagem e descoberta [...]? Se não andamos felizes, como poderemos transmitir e ensinar aos outros alegria e vontade de viver? Educarmo-nos e educarmos os nossos filhos e alunos para o otimismo levar-nos-á por caminhos de maior felicidade e bem-estar e ajudar-nos-á a construir uma geração mais confiante, mais sorridente e mais positiva”<sup>141</sup>.

A educação é a aventura mais fascinante e difícil da vida. Educar na sua etimologia latina *educere*, significa conduzir para fora de si mesmo ao encontro da realidade, rumo a uma plenitude que faz crescer a pessoa. A educação ajuda a “transformar a vida das pessoas, em especial dos educadores e dos educandos, em algo genuinamente agradável e não meramente suportável; [...] a nossa profissão se pode tornar mais eficaz e agradável; com a nossa saúde física e mental pode melhorar; as nossas relações podem ser mais satisfatórias; a nossa felicidade pode ser diariamente construída e ser mais expansiva, permanente e plena”<sup>142</sup>.

De facto, o rosto de uma sociedade depende muito da contribuição da educação. Esta diz respeito a formação integral da pessoa, e “geralmente, as relações com as pessoas que nos são significativas são a causa dos nossos melhores momentos de felicidade”<sup>143</sup>.

Podemos dizer o mesmo em relação à felicidade de um indivíduo, a qual tem como ponto de partida a educação. “Da mesma forma que o adulto, a criança optimista é feliz,

---

<sup>141</sup> H. MARUJO – M. F. PERLOIRO, *Educar para o Optimismo*, 14.

<sup>142</sup> H. MARUJO – M. F. PERLOIRO, *Educar para o Optimismo*, 22.

<sup>143</sup> H. MARUJO – M. F. PERLOIRO, *Educar para o Optimismo*, 43.

descontraída, entusiasmada, bem-disposta, alegre, apreciadora das coisas que lhe acontecem”<sup>144</sup>.

A psicologia traça-nos linhas a partir das quais se pode encontrar um equilíbrio entre a necessidade que todo o ser humano tem de felicidade e o real fator que condiciona o ser humano de encontrar essa mesma felicidade.

Afirma José Prada que 40% da nossa felicidade tem a sua origem em pensamentos e comportamentos que requerem a nossa intervenção e esforço. “Sem um contínuo esforço os momentos de felicidade não deixam de ser provisórios. [...] O individuo deve ser “positivo; bondoso; deve saborear as coisas boas da vida; ser agradecido; perdoar; gastar tempo com os familiares, conhecidos e amigos”<sup>145</sup>.

O adulto é um individuo que procura a felicidade e essa busca está vinculada aos diversos episódios da sua vida quer passada ou atual. “A felicidade não se ganha nem se merece. É um estado de espírito que é acessível a todos. A felicidade é um hábito mental que se aprende se desenvolve e se vive quotidianamente”<sup>146</sup>.

A verdadeira felicidade é o único remédio para todos os males, sejam eles emocionais, psicológicos ou mesmo físicos. A partir do momento que nos sentimos felizes, passamos a pensar melhor e é com esta manta de retalhos de tudo o que somos, que o desejo de felicidade se realiza.

---

<sup>144</sup> H. MARUJO – M. F. PERLOIRO, *Educar para o Optimismo*, 55.

<sup>145</sup> J. R. PRADA, *Falemos da Felicidade, o que é a felicidade e como a podemos alcançar*, 24 - 25.

<sup>146</sup> N. ATTALI, *Eu cultivo a felicidade, Diga adeus a tudo o que o impede de ser feliz*, 8.

### 2.3.3. Uma proposta ética – ser feliz num mundo de dor e sofrimento

O homem de todos os tempos, com maior ou menor intensidade, confrontou-se sempre com o problema da limitação, da doença e da morte.

Na perspetiva bíblica da criação, “a liberdade é o dom divino que permite às pessoas abraçar esta comunhão que o Deus Uno e Trino lhes oferece como bem supremo”<sup>147</sup>.

Alegria e dor são sentimentos que se alternam continuamente. Mas “o homem de hoje é forçado a confrontar-se com o problema da limitação, da doença, da morte”<sup>148</sup>.

No nosso século, tentamos esconder e escapar a esta dura realidade. Vive-se como que numa cultura almofadada que combate a dor desde o nascer ao morrer. Mas, simultaneamente, vive-se numa cultura de morte. Perante estas situações, a pessoa sente-se num mundo vazio e sem horizontes felizes.

O homem carrega nas suas entranhas a dor e sofrimento. A mente humana é um abismo insondável donde emerge uma avalanche destruidora, arrastando, por vezes, sofrimentos sem fim. Quanto mais se debate e estrebucha contra a morte, tanto mais temível e dolorosa ela se torna. “O mesmo se verifica com as nossas atitudes perante a experiência da limitação e do fim. Vive-se numa cultura almofadada que combate a dor ao nascer, anestesia as dores de cabeça e o medo da morte, tira o doente terminal de sua casa transportando-o para ambientes em que tudo possa acontecer sem deixar traumas”<sup>149</sup>. O ser humano foi criado por amor, para ser amado e para amar. “O amor de Deus revela-se e concretiza-se na responsabilidade pelo outro”<sup>150</sup>.

---

<sup>147</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus*, Roma 2004, 12.

<sup>148</sup> P. GIUSTINIANI, *O Homem: Fascínio e Desafio, Antropologia*, 60.

<sup>149</sup> P. GIUSTINIANI, *O Homem: Fascínio e Desafio, Antropologia*, 60.

<sup>150</sup> BENTO XVI, *Carta Encíclica, Salvos na Esperança*, 2º Ed., Paulinas, Lisboa, 2007, 39.

Sendo livre, o ser humano pode usar a sua liberdade como possibilidade de fracassar. “Em vez de abraçar o bem último da participação na vida divina, as pessoas humanas podem afastar-se para gozarem dos bens transitórios ou até somente imaginários”<sup>151</sup>.

Sem amor o indivíduo sente-se só e sem esperança. Como diz Michel Cool: “Só a caridade, o amor, torna operativa a fé e a esperança. A experiência de viver na caridade traduz-se no abandono ao amor de Deus, na doação, no serviço aos outros, na transformação da realidade em vista do bem comum”<sup>152</sup>.

Assim sendo, a caridade, o amor não é um adorno do meu viver. Ela é a atitude verdadeira de um ser que claramente vê, sente e partilha a condição de todos os outros humanos, também ou sobretudo daqueles que estão mais próximos e que são mais atingidos pelo sofrimento. “A dor do amor torna-se a nossa salvação e a nossa alegria”<sup>153</sup>.

No texto da Criação (Gn 1), há uma aprovação constante: “Deus viu que tudo era bom”. Tudo foi criado para bem e felicidade do homem. “Fomos colocados no jardim da vida para saborear a existência como privilégio único. Mas o sofrimento de mil maneiras faz brotar repetidas vezes esse sonho dourado de felicidade”<sup>154</sup>.

O paradoxo dos tempos foi tornando a beleza do encantamento inicial opaca e sem brilho. O ser humano encontra-se no mundo como um ser efêmero e sem sentido. A sua consciência vê-se a si própria como que suspensa entre estas duas realidades existenciais do seu ser, a beleza e o sofrimento. É necessário reaprender que “o anestésico mais poderoso para acalmar o sofrimento é a fê”<sup>155</sup>.

---

<sup>151</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e serviço: a pessoa humana criada à Imagem de Deus*, 12.

<sup>152</sup> M. COOL – A. F. MARUJO, *Pastor para uma Nova Época*, Paulinas, Lisboa, 2013, 181.

<sup>153</sup> BENTO XVI, *Carta Encíclica, Salvos na Esperança*, 64.

<sup>154</sup> I. LARRANAGA, *A arte de ser feliz, Orientações práticas para recuperar a paz interior, o sentido da vida e a alegria de viver*, Editorial Franciscana, Braga, 2003, 16.

<sup>155</sup> I. LARRANAGA, *A arte de ser feliz, Orientações práticas para recuperar a paz interior, o sentido da vida e a alegria de viver*, 20.

O Cristianismo é chamado a ser a religião daqueles que estão ao lado dos mais fracos ou que são atingidos pela dor ou pelo sofrimento. Como diz o Papa Francisco:

“Ser Igreja significa ser povo de Deus, de acordo com o grande projeto de amor do Pai. Isto implica ser o fermento de Deus no meio da humanidade; quer dizer anunciar e levar a salvação de Deus a este nosso mundo, que muitas vezes se sente perdido, necessitado de ter respostas que encorajem, deem esperança e novo vigor para o caminho. A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde se possam sentir acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho”<sup>156</sup>.

Só vivendo com esperança vencemos o medo. Ela ativa a confiança naquilo que se espera e se quer construir e dá-nos força para aceitar o provisório da nossa existência.

A esperança é aquilo que nos faz crer, que nos abre horizontes, por vezes mesmo contra as aparências que nos toldam o olhar.

“A proclamação do Evangelho será uma base para restabelecer a dignidade da vida humana, [...] Jesus quer derramar vida em abundância. [...] O sentido único e completo da vida humana proposto pelo Evangelho é o melhor remédio para os males”<sup>157</sup>.

O Papa Bento XVI para além de muitas expressões reconfortantes que tem na sua encíclica *Salvos na Esperança* afirma: “Devemos – é verdade – fazer tudo por superar o sofrimento, mas eliminá-lo completamente do mundo não entra nas nossas possibilidades, simplesmente porque não podemos desfazer-nos da nossa finitude e porque nenhum de nós é capaz de eliminar o poder do mal, da culpa que – como constatamos – é fonte contínua de sofrimento”<sup>158</sup>.

---

<sup>156</sup> PAPA FRANCISCO, *A Alergia do Evangelho, Exortação Apostólica Evangelho Gaudium*, 5ª edição, Paulinas, 2014, 85.

<sup>157</sup> PAPA FRANCISCO, *A Alergia do Evangelho*, 57.

<sup>158</sup> BENTO XVI, *Carta Encíclica, Salvos na Esperança*, 49.

Na realidade, o cristão é chamado a ser servidor da justiça, construtor de esperança e certeza de uma vida nova, quando qualquer um de nós passa pela experiência de limite ou mesmo da morte, nem sempre consegue olhar a vida numa perspectiva feliz. No entanto:

“Faz falta ajudar a reconhecer que o único caminho é aprender a encontrar os demais com a atitude adequada, que é valorizá-los e aceitá-los como companheiros de estrada, sem resistências interiores. Melhor ainda, trata-se de aprender a descobrir Jesus no rosto dos outros, na sua voz, nas suas reivindicações; e aprender também a sofrer, num abraço com Jesus crucificado, quando recebemos agressões ou ingratidões, sem nos cansarmos jamais de optar pela fraternidade. [...] De uma fraternidade mística, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura o seu Pai bom”<sup>159</sup>.

A Igreja tem o dever de apontar caminhos sólidos e seguros de salvação porque aquele que sofre, só encontra sentido se encontra uma pessoa que lhe dê razões solidas e certezas seguras para tal condição de dor e é a partir da ressurreição de Cristo que existe uma indubitável esperança. A ressurreição de Jesus marca a vitória definitiva sobre a dor e sobre a morte<sup>160</sup>. Ignacio Larranaga diz que “enquanto houver gente a sofrer a meu lado, não posso pensar na minha felicidade”<sup>161</sup>.

#### **2.3.4. O desafio Cristão – Uma proposta feliz**

Deus criou-nos para a felicidade e não para a angústia. Jesus veio culminar a ânsia da felicidade que já aparecera no Antigo Testamento (AT). “Todo o Novo Testamento, (NT),

---

<sup>159</sup> PAPA FRANCISCO, *A Alergia do Evangelho*, 68.

<sup>160</sup> Cf. P. GIUSTINIANI, *O Homem: Fascínio e Desafio, Antropologia*, 63.

<sup>161</sup> I. LARRANAGA, *A arte de ser feliz, Orientações práticas para recuperar a paz interior, o sentido da vida e a alegria de viver*, 23.

sobretudo os Evangelhos estão impregnados de um clima de alegria”<sup>162</sup>. O nascimento de Cristo é anunciado como uma grande alegria: “Anuncio-vos uma grande notícia que será de alegria para todo o povo” (Lc. 2, 10-11). Esta alegria tão profunda e universal constitui a origem de todas as outras alegrias. Só nesta e por meio desta é que as outras têm sentido e razão de ser. Esta alegria aparece como uma antecipação da alegria que será definitiva.

Embora entre vivências alternadas de aceitação e recusas, a revelação cristã sempre pretendeu constituir um caminho seguro para promover o Homem, satisfazer as suas necessidades e potenciar os seus talentos. No entanto, a mensagem de felicidade que os evangelhos oferecem não pode ser uma resposta alheia e exterior ao Homem. O verdadeiro horizonte de felicidade revela-se, assim, no amor, no amor dado e recebido gratuitamente do Criador. A nossa existência foi moldada pelo molde do amor e a plenitude de qualquer relação ou qualquer escolha tem como âmago o amor; sem ele é impossível sermos e vivermos felizes ou fazer alguém feliz.

A existência de Deus procura dar sentido à vida. O amor de Deus é a tela que molda os nossos atos e gestos; numa única palavra, a nossa existência.

A felicidade é fruto de uma libertação e esta exige uma luta interior, uma luta não contra os outros, contra os inimigos de fora, mas consigo mesmo. É fundamental tomar consciência de que a busca da felicidade toma, por vezes, a figura de um combate. “A religião também incrementa a felicidade de outras formas, como proporcionar aos indivíduos um forte sentido de propósitos e significado na vida. Além disso, encoraja as pessoas a pensarem para além dos seus próprios interesses”<sup>163</sup>.

A maior parte das vezes, construímos uma ideia passiva da felicidade. Chegamos a ela, ou conquistamo-la ao sabor do acaso ou da fatalidade. Ora para os discípulos de Cristo, a

---

<sup>162</sup> A. COELHO, *Meditações sobre a Alegria*, Editorial A. O., Braga, 2010, 70.

<sup>163</sup> P. MARTIN, *Pessoas Felizes, A natureza da felicidade e as suas origens na infância*, 115.

felicidade não é o resultado nem da sorte, nem de uma benevolência do destino. É uma bênção, um dom gratuito, mas também fruto da liberdade humana. “A religião, portanto, pode ser uma fonte rica de conforto, apoio e felicidade”<sup>164</sup>.

O Homem deve recuperar a liberdade que acolhe a graça. Ele continua a ser chamado a escolher o que é digno dele e digno de Deus que o ama e lhe traça a via da felicidade.

É esta proposta de felicidade que Jesus propõe ao longo do Evangelho.

Na parábola de Lucas 12, 16-21, o homem rico que fez excelentes colheitas a ponto de construir novos celeiros para as guardar, satisfeito com a sua riqueza, diz para consigo mesmo: “Descansa, ó minha alma, goza a vida...” (Lc 12, 19). Este homem convencia-se de que a sua felicidade dependia dos bens que possuía. Entendemos assim que a felicidade não reside no gozo da abundância nem mesmo na satisfação das necessidades. Se a miséria é sinónimo de infelicidade, a riqueza pode, às vezes mais tragicamente ainda, enganá-lo apresentando-se como condição suficiente para a infelicidade.

Um outro texto a salientar dos Evangelhos é o de (Lc 18, 18-23) o do jovem rico, no qual Jesus propõe um itinerário de felicidade à pergunta que o jovem faz: “Que hei-de fazer para ter como herança a vida eterna?” (Lc 18, 18). A proposta que Jesus faz ao jovem é um caminho de felicidade. Jesus não pede que se feche aos outros, mas que se abra totalmente ao dom da graça, num despojamento e num abandono total. “Ainda te falta uma coisa: vende tudo o que tens, distribui o dinheiro pelos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois vem e segue-me. Quando isto ouviu, ele entristeceu-se” (Lc 18, 22-23). O texto não diz que o jovem se retirou feliz por ter muitos bens, mas que se retirou entristecido. A proposta de Jesus é um desafio de despojamento do coração que se entristece agarrado aos seus bens, na ilusão de que a felicidade pode ser possuída, por essa dimensão do ter e do possuir. Mas a felicidade não se compra e jamais é adquirida por dinheiro.

---

<sup>164</sup> P. MARTIN, *Pessoas Felizes, A natureza da felicidade e as suas origens na infância*, 116.

Um outro texto fascinante, que traça um itinerário de felicidade para todo o Homem, é o texto das Bem-aventuranças. É esse texto que vamos aprofundar no ponto seguinte.

### **2.3.5. As Bem-Aventuranças (Mt 5, 1-12) – Um desafio de felicidade**

O texto das bem-aventuranças (Mt 5, 1-12) é um maravilhoso itinerário de felicidade. Nele toca-se o âmago da questão sobre a felicidade. Ser *Bem-Aventurado* é igual a ser *Feliz*. “As bem-aventuranças falam-nos de felicidade e de bênção, do horizonte feliz da existência”<sup>165</sup>.

Elas são uma janela de esperança para o mundo e revelam a alegria de viver. Estruturam e consolidam a coerência entre a fé e a vida; ajudam-nos a tornar visível e feliz o nosso sentido de pertença na construção de um mundo mais humano e feliz.

“A palavra *bem-aventurada* traduz um termo hebraico que, literalmente, significa ‘felicidade’, ‘prosperidade’, ‘parabéns a...’, ‘congratulo-me contigo...’ Exprime simultaneamente o elogio feito a todos os que projectam a sua vida de maneira sábia e o anúncio de uma grande felicidade que as pessoas sentem quando são atingidas pela acção de Deus”<sup>166</sup>.

O Evangelho existe, porque existe o Homem. O Evangelho sem o Homem não seria Evangelho. Podemos dizer o mesmo das bem-aventuranças. Estas sem o Homem, e sem estarem encarnadas na ética social, não existiriam. Elas conduzem o Homem para o centro, para a razão da sua existência, para a questão da vida e da vida com Deus. As Bem-aventuranças são portanto um apelo afirma Anselm Grun:

---

<sup>165</sup> J. BERGOGLIO / PAPA FRANCISCO, *O Verdadeiro Poder é Servir. Por uma Igreja mais humilde. Um novo compromisso de fé e de renovação social*, Nascente, Braga, 2013, 356.

<sup>166</sup> F. MANENTI, *Dá-me vida Segundo a Tua Palavra, Lectio Divina sobre os Evangelhos Feriados do Tempo Comum (I-XII semana)*, Paulinas, Lisboa, 2004, 211.

“Segundo Jesus, é feliz quem O vê no seu mistério divino, O compreende e se orienta pelas suas palavras. [...] A felicidade alcança-se por meio de uma vivência, que me é concedida, por exemplo, por meio de uma intensa experiência de Deus. E a felicidade depende do meu agir, da escuta, e do seguimento das palavras de Jesus”<sup>167</sup>.

Jesus Cristo aparece, assim, na história da humanidade como o amado por excelência de Deus. Por isso a missão de Cristo está em profunda e íntima ligação com o texto das bem-aventuranças. Jesus anuncia o que experimenta; daí a sua autoridade perante o que transmite.

Numas breves linhas, escreve o autor François Varillon sobre o contra senso da Bem-aventuranças:

“Criou-se o hábito deplorável de separar as Bem-aventuranças do que se lhe segue, como se Bem-aventuranças fossem um todo que se bastasse a si mesmo e tendo valor em si e por si. [...] Separar as Bem-aventuranças de tudo o que se segue é lamentável, porque conduz fatalmente a um contra-senso radical sobre o pensamento de Jesus. Como se a mensagem evangélica consistisse em afirmar que o que era preto se torna branco de repente! Como se a desgraça (miséria, lágrimas, fome) devesse desde então chamar-se felicidade! Em última análise, chega-se a sacralizar, em nome de Cristo, o mal e o sofrimento e ao mesmo tempo, a desencorajar todo o esforço humano por superá-los. [...] A pobreza, as lágrimas, a fome, a perseguição não são, pois, as condições para ser-se feliz com a felicidade que Jesus traz. [...] A miséria, o cativo, a fome, as lágrimas continuam a ser, para Jesus, os diversos aspectos da infelicidade do homem; Ele proclama bem-aventurados os que são maltratados, é porque Ele vem livrá-los disso. [...] A originalidade do Evangelho não consiste em afirmar que o que era preto se tornou branco de repente, mas em oferecer aos que se encontram na infelicidade uma saída nova e bem-aventurada. As Bem-aventuranças comprometem o homem num processo de transformação da existência”<sup>168</sup>.

Como vemos este texto das Bem-aventuranças levanta algumas turbulências no interior do homem, devido ao tempo verbal usado. Deixando transparecer que essa felicidade não é para já, para o aqui e agora, uma vez que o verbo está no futuro: “Bem-aventurados os pobres

---

<sup>167</sup> A. GRUN, *As oito Bem-Aventuranças, Caminho para uma vida bem conseguida*, 10.

<sup>168</sup> F. VARILLON, *Alegria de Crer e de Viver, Conferências sobre os principais pontos da fé cristã*, Editorial A. O., Braga, 74-75.

em espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram porque serão consolados. [...] Exultai e alegrai-vos, porque grande será a vossa recompensa” (Mt 5, 3-12).

Apesar do texto nos orientar para o futuro, o da vida eterna, para além do aqui e da realidade concreta do nosso existir, é pela promessa contida na segunda parte que percebemos que essa felicidade não é apenas para o futuro, mas para o agora. “O desejo de ser feliz aparece gravado no fundo do nosso coração. Todos nós aspiramos a felicidade, mas não a uma felicidade efêmera ou distante, mas a uma felicidade duradoira, aqui e agora”<sup>169</sup>. É precisamente a tensão entre a primeira e a segunda partes que torna o texto evangélico uma proposta de felicidade, um caminho traçado para o presente.

“As bem-aventuranças não pertencem ao mundo irreal das utopias, nem significam uma possibilidade remota e uma meta inexecutável, mas uma realidade viva, experimentável na nossa existência e que se irá tornando uma realidade, ainda que nunca completamente alcançada, na medida em que nós aceitarmos o desafio de as viver”<sup>170</sup>.

Da beleza da fé e da força da caridade, que elas inspiram, dá-se a amplidão do coração.

“A ambição mais bela que podemos ter é a de aceder a esta vida que vem de Deus e, no mesmo movimento, participar da sua paz e alegria amando o nosso próximo em verdade. É uma vida transfigurada pela abertura da nossa liberdade ao Criador”<sup>171</sup>.

Se Jesus é a revelação do amor do Pai nas nossas vidas. Ele é, assim, a manifestação dessa presença serena do Deus que mostra o seu amor através das Bem-aventuranças. Sendo Jesus o reflexo, o espelho através do qual Deus manifesta ao homem o amor, ninguém ficar de fora deste amor. “As Bem-aventuranças aparecem como a proclamação da intervenção divina anunciada pelos profetas”<sup>172</sup>. Todos em Deus têm lugar; todos são abrangidos por este amor. As bem-aventuranças tornam-se para o Homem degraus por onde subimos até Deus, como a

---

<sup>169</sup> T. PAILLARD, *Le chemin du vrai bonheur*, Presses de la Renaissance, Paris, 2002, 11.

<sup>170</sup> A. COELHO, *Meditações sobre a Alegria*, 98.

<sup>171</sup> J. M. LUSTINGER, *Sede Felizes*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998, 64-65.

<sup>172</sup> T. PAILLARD, *Le chemin du vrai bonheur*, 213.

partir de Deus descemos até aos irmãos. Elas são um projeto de realização pessoal, proposto por Jesus Cristo. “Começam com uma bênção e terminam com uma promessa que nos consola”<sup>173</sup>. São uma proclamação da Boa Nova de salvação e descrevem as disposições interiores necessárias para acolher essa salvação, trazida por Jesus Cristo. Com elas o Homem não se destrói, mas cria pontes de unidade e caminhos de felicidade.

As bem-aventuranças não são prescrições morais, mas proclamação de Boa Nova a pessoas concretas. “Convidam o homem a ver para além das situações de pobreza, de fome, de incompreensão, a compreender qual a razão de ser dessas situações, concretamente quando elas não são mais que as consequências, de acordo com preceitos de Deus”<sup>174</sup>.

A expressão Bem-aventurados tem significados diferentes no hebraico e no grego. Por isso é importante percebermos o que elas nos transmitem. Por isso vamos fazer um breve estudo acerca desta expressão:

“Em hebraico a palavra *bem-aventurados* – significa ‘felicidade’, prosperidade’, parabéns a...’, ‘congratulo-me contigo...’. Exprime simultaneamente o elogio feito a todos os que projectam a sua vida de maneira sábia é o anúncio de uma grande felicidade que as pessoas sentem quando são atingidas pela acção de Deus.

Feliz bem-aventurado (em grego –makarios) - é uma expressão que nos convida a olhar a vida por um outro ângulo, por um outro prisma, porque amados tal qual somos”<sup>175</sup>.

Em Jesus Cristo, o cristão aprende a olhar o ser humano como um Ser igual: Jesus apresenta aos discípulos um amor desconhecido, uma nova forma de amar e, através dessa, eles são lançados numa aventura, olhando os irmãos, como felizes, como seres iguais porque amados pelo mesmo Pai.

---

<sup>173</sup> J. BERGOGLIO / PAPA FRANCISCO, *O Verdadeiro Poder é Servir. Por uma Igreja mais humilde. Um novo compromisso de fé e de renovação social*, 356.

<sup>174</sup> A. COELHO, *Meditações sobre a Alegria*, 96.

<sup>175</sup> F. MANENTI, *Dá-me vida Segundo a Tua Palavra, Lectio Divina sobre os Evangelhos Ferais do Tempo Comum (I-XII semana)*, 211.

Como escreve o Papa Francisco, “somos chamados a uma vocação, a construir uma felicidade mais autenticamente humana e divina”<sup>176</sup>. O amor ao próximo nos proporciona gestos de caridade. O outro é para mim o caminho concreto das bem-aventuranças. Nele podemos perceber se vamos pelo caminho da serenidade, da paz.

As bem-aventuranças anunciam uma mensagem de felicidade a todos os que se dispõem a acolher a proposta de salvação proclamada por Jesus Cristo. Mas, ao mesmo tempo, apelam a uma transformação no modo de pensar e agir. Elas são para os cristãos a esperança de uma felicidade que jamais terá fim. É sentir-se unido a Cristo e caminhar com confiança a seu lado. São um anúncio de felicidade, porque proclamam a libertação e não o conformismo ou a alienação. Tornam presentes no mundo a justiça e o amor.

“O ser humano revela toda essa ânsia de liberdade porque a sua mais fundamental aspiração é a aspiração à felicidade; e pressente que não há felicidade sem amor, e que não há amor sem liberdade. Fomos criados por amor e para amar, não podemos ser felizes senão amando e sendo amados”<sup>177</sup>.

Estes valores são opostos às atitudes cómodas da nossa sociedade atual, que vive agarrados as riquezas, explorando e oprimindo os mais frágeis e pobres.

“Cristo faz um claro apelo a uma vida autêntica, vivida com base nos verdadeiros valores e não naqueles que socialmente são tidos como tais. Só esta vida autêntica pode proporcionar a verdadeira felicidade”<sup>178</sup>.

Mais explicitamente, Cristo, nas bem-aventuranças, vem dizer-nos que é feliz aquele que vive livre e desprendido. A felicidade de que falam as bem-aventuranças aparece, antes de mais, como uma felicidade que está vinculada a uma promessa, como algo que resulta de uma maravilhosa esperança. É uma felicidade alicerçada no presente e aberta ao futuro. O

---

<sup>176</sup> J. BERGOGLIO / PAPA FRANCISCO, *O Verdadeiro Poder é Servir. Por uma Igreja mais humilde. Um novo compromisso de fé e de renovação social*, 357.

<sup>177</sup> J. PHILIPPE, *A Liberdade Interior, crescer com força da Fé, da Esperança e do Amor*, Paulus, Lisboa, 2014, 9.

<sup>178</sup> A. COELHO, *Meditações sobre a Alegria*, 98.

apelo das bem-aventuranças, segundo José Prada, é “um apelo à criação daquelas disposições interiores para se poder acolher o Reino de Deus com amor”<sup>179</sup>. Escreve ainda:

“Um dos grandes erros é quando se leem as bem-aventuranças, e acreditamos que elas proclamam que a felicidade só se encontra na outra vida e não nesta e que, portanto, [...] bem ao contrário, as Bem-Aventuranças devem ser lidas como um apelo radical à felicidade e à libertação humana”<sup>180</sup>.

Estas reflexões evidenciam claramente a esperança que deve habitar no coração do crente. Nesta mensagem do evangelho encontramos uma das mais belas passagens que nos ajuda a sair de nós mesmos e irmos ao encontro dos outros.

Citando o mesmo autor: “As Bem-Aventuranças transmitem-nos a autêntica mensagem do sentido da vida, ajudam-nos a ser solidários com os outros”<sup>181</sup>. E, por experiência própria ou não, os cristãos sabem que “só aquele que faz a experiência das bem-aventuranças é que pode saber como é que Deus dá a pura alegria de dar e de se dar, a alegria de se unir àquele que recebe”<sup>182</sup>.

A felicidade está intrinsecamente ligada ao dom de dar-se e de estar ao serviço dos outros. As bem-aventuranças são para nós o caminho que nos leva em direção aos outros.

Viver a dimensão das bem-aventuranças é simples, mas elas são uma proposta de trajeto pouco fácil e demasiado exigente. Mostram-se-nos como um espelho que não mente e que evita uma ética descomprometida e um moralismo barato. Como diz o Papa Francisco: “A bem-aventurança é simples e por isso mesmo é um trajeto demasiado exigente e um espelho que não mente”<sup>183</sup>. Assim como Jesus, o crente não participa somente da aflição mas também

---

<sup>179</sup> J. R. PRADA, *Falemos da Felicidade, o que é a felicidade e como a podemos alcançar*, 94.

<sup>180</sup> J. R. PRADA, *Falemos da Felicidade, o que é a felicidade e como a podemos alcançar*, 94.

<sup>181</sup> J. R. PRADA, *Falemos da Felicidade, o que é a felicidade e como a podemos alcançar*, 94.

<sup>182</sup> A. COELHO, *Meditações sobre a Alegria*, 96.

<sup>183</sup> J. BERGOGLIO / PAPA FRANCISCO, *O Verdadeiro Poder é Servir. Por uma Igreja mais humilde. Um novo compromisso de fé e de renovação social*, 357.

da esperança num mundo resgatado e transfigurado. As bem-aventuranças dão aos Cristãos a graça de encontrar em Cristo a força da felicidade e da compaixão.

A liberdade inscrita no coração do Homem exige surpresas. Pode desviar-se do seu fim. E não é raro que existem homens que violentam e oprimem os seus semelhantes. A este propósito, citamos ainda o Papa Francisco:

“Felizes, os que não brincam com o destino dos outros, os que se dispõem a enfrentar o desafio de construir sem exigirem ser protagonistas dos resultados, porque não têm medo do tempo. [...] Felizes os que não se rendem à indolência de viverem o instante sem se importar para quê ou à custa de quem, mas que cultivam sempre a longo prazo o que é nobre, excelente, sábio, porque acreditam mais além do imediato que vivem e alcançam”<sup>184</sup>.

Os indivíduos que não experimentam a felicidade que está contida nas bem-aventuranças, acabam por fracassar, porque não experimentaram a felicidade de estar de acordo com o apelo secreto de felicidade, que cada um traz em si. E perante as inúmeras situações de infelicidades que nos assombram, podemos dizer que são muitos os fatores que autodestroem a imagem de felicidade que Deus sonhou para a humanidade. “As causas encontram-se no coração das nossas sociedades, isto é, em cada um de nós”<sup>185</sup>.

Num mundo em que se perdeu o sentido do sagrado ou melhor dito da beleza do sagrado, fazer uma interpretação moralista deste texto de Mateus não nos elevaria, mas destruir-nos-ia. Quem percorre este caminho de oito faixas, alcança a felicidade. Elas são para Jesus, o caminho para a contemplação celeste e, ao mesmo tempo, para a perfeição. E como bem sabemos na Bíblia os números são simbólicos e o número oito não foge a este critério. As oito Bem-aventuranças restabelecem de novo o homem, como ele foi pensado na criação. Leva-nos ainda ao oitavo dia da Ressurreição, que não conhece ocaso. De maneira que as oito Bem-aventuranças põem-nos em contato com o resplendor originário, como a felicidade do

---

<sup>184</sup> J. BERGOGLIO / PAPA FRANCISCO, *O Verdadeiro Poder é Servir. Por uma Igreja mais humilde. Um novo compromisso de fé e de renovação social*, 359.

<sup>185</sup> J. M. LUSTINGER, *Sede Felizes*, 50.

começo e aquela paz eterna que não termina no oitavo dia mas que continua para além dele. Por isso o oitavo dia será o que foi o primeiro<sup>186</sup>.

Nesta perspetiva, experimentamos uma deliciosa sensação quando saboreamos que este texto das bem-aventuranças. Não é uma utopia de vida só para alguns, mas é um convite, um chamamento que nos exorta a partir da realidade do que somos. Entusiasma-nos, lima os desencontros e encaminha-nos para a estrada da nossa grandeza, a grandeza do espírito.

O Homem é um ser feliz, rico porque entra neste movimento de amor que dignifica a sua condição de humana que chora, que é fraco, medroso, incapaz de amar por si próprio. Por Deus ele sente-se um amado sem condições e faz da sua vida uma bem-aventurança para os seus irmãos.

O Homem não é mais um ser sem valor ou dignidade, mas será o eterno ser amado de Deus. E, porque amado na totalidade da sua condição, entra em plena liberdade de espírito, numa gratuidade de serviço aos outros. Continuando a citar o Papa Francisco:

“O Deus de Jesus Cristo nunca fez ninguém escravo. [...] Devemos abrir o nosso entendimento a uma realidade que nos leva para além de nós mesmos. Nós não somos os senhores do mundo. Nem sequer de nós próprios somos donos, embora às vezes nos armemos em senhores, o que é ridículo!

Há que perder o medo de reconhecer a nossa finitude e procurar com humildade um Deus que não pode querer outra coisa que não seja a nossa realização plena. Resistimos a reconhecer, talvez porque o desconhecido nos assusta, que temos diante de nós um caminho de realização que nunca mais acaba. Fugimos ao crescimento contínuo em felicidade, por não admitir que ela não se deixa agarrar. Já reparou que os que mais querem agarrar a felicidade são os mais infelizes?”<sup>187</sup>

---

<sup>186</sup> Cf. A. GRUN, *As oito Bem-Aventuranças, Caminho para uma vida bem conseguida*, 12-15.

<sup>187</sup> J. BERGOGLIO / PAPA FRANCISCO, *O Verdadeiro Poder é Servir. Por uma Igreja mais humilde. Um novo compromisso de fé e de renovação social*, 366.

Ser feliz ou não ser, não é um estado ou uma possibilidade, mas é um trabalho, é um esforço que devemos tentar construir todos os dias da nossa existência, é uma tarefa e um dom (graça).

O texto das Bem-aventuranças foi entendido, “por muitos exegetas e teólogos, como o centro do Evangelho. As oito Bem-aventuranças são promessas que Jesus nos faz. Jesus confia em nós. Ele acredita que, no meio deste mundo envolto num denso nevoeiro, podemos receber, no cimo do monte, uma visão clara do mistério da nossa vida com Deus”<sup>188</sup>.

Neste âmbito a felicidade, como interior ao homem, pertence ao próprio entendimento. É difícil encontrar a felicidade, mas podemos encontra-la de muitas formas e maneiras, porque o segredo da felicidade está dentro do coração humano. Entendemos assim que as Bem-aventuranças não são exigências, nem são condições para a admissão no Reino de Deus, como por vezes dizem certos exegetas. Elas são sim caminho para uma vida que dá felicidade. O Homem só se encontra, abrindo-se a Deus e Jesus não nos promete uma felicidade barata, nem fácil de alcançar, mas é no meio da vida, que fazemos continuamente, a experiência de estarmos em sintonia connosco próprios e repletos de uma profunda sensação de felicidade.

### **3. Itinerário Pedagógico**

Tudo o que dissemos até aqui ajuda-nos a perceber a enorme problemática que existe a volta da questão da felicidade. No entanto, este trabalho, está centralizado na prática letiva, só se percebe tudo o que foi dito até aqui, neste contexto. Neste contexto e para uma melhor compreensão, no terceiro ponto falaremos da prática letiva, do que consiste e onde foi

---

<sup>188</sup> A. GRUN, *As oito Bem-Aventuranças, Caminho para uma vida bem conseguida*, 171.

realizada. Começamos por fazer uma contextualização da escola, passando de seguida para a unidade lecionada e o contributo da mesma nas nossas escolas.

### **3.1. O contexto da prática letiva**

A partir de alguns dos pressupostos teóricos aqui apresentados, propomo-nos, neste ponto, refletir sobre o contexto da prática letiva e compreender como, de forma concreta, podemos oferecer pistas de construção de um itinerário de felicidade como projeto.

O esboço deste itinerário é referente à Prática de Ensino Supervisionada (PES), realizada no âmbito do Mestrado profissionalizante em Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), a qual teve lugar na escola do 2.º e 3.º ciclo Professor Pedro D’Orey da Cunha, sede do Agrupamento de Escolas da Damaia.

O mesmo itinerário diz respeito à Unidade Letiva IV do 9.º ano – projeto de vida – e compreende um conjunto de propostas nas quais a disciplina de EMRC se prefigura como um contributo inequívoco de uma formação autêntica e integral dos adolescentes e jovens.

Passaremos a descrever, de um modo sucinto, o contexto que serviu de base à construção do já citado itinerário:

A Escola Pedro D’Orey da Cunha, local no qual realizamos a referida PES, situa-se na freguesia da Damaia, Concelho da Amadora e serve as populações da Damaia e Buraca, zona geográfica onde habitam imigrantes provenientes de vários Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), do Brasil, do leste da Europa e, mais recentemente, do continente asiático<sup>189</sup>.

---

<sup>189</sup> De acordo com o *Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Damaia (PE)*, 2007, 4.

A realidade multicultural que caracteriza a escola exige que cada aluno ou docente valorize o (inter)conhecimento e ponha em prática um efetivo reconhecimento pela diferença. Na escola desembocam, hoje, realidades culturais diversas. O pendur “socialmente correto” dos nossos tempos faz com que o respeito por estas culturas seja um direito inalienável. Todos estamos de acordo. Mas como assegurar este direito? Lamentavelmente, não tolerando manifestações culturais de qualquer tipo, que promovam “desconforto” nos outros. Assim, a maior das virtudes, a de permitir que os alunos possam apreciar e respeitar a cultura dos outros, é-lhes negada, tornando-os, de certa maneira, misóginos culturais, um curtíssimo caminho para atitudes de incompreensão e intolerância, causadores de violência e de comportamentos desviantes.

Foi precisamente neste contexto de diversidade que desenhámos o nosso próprio relatório para a prática de ensino. De acordo com os dados de caracterização da turma, constantes no Projeto Curricular de Turma (PCT), complementados pela caracterização efetuada pelo professor Cooperante e pelo que nos foi dado observar durante a lecionação, constatámos que a turma B do 9.º ano era constituída por 19 alunos, 7 rapazes (37%) e 12 raparigas (63%), com idades compreendidas entre os 14 e os 16 anos. A maioria dos alunos situavam-se na faixa etária dos 14 anos (13 alunos) e os restantes nos 15 anos (5 alunos). Eram, no geral, assíduos, participativos e questionadores.

A residência da maioria dos alunos situava-se na freguesia da Damaia, havendo alguns alunos provenientes das freguesias da Buraca, da Reboleira e de Queluz.

Dos alunos que formavam a turma, seis deles, para além da língua portuguesa, falavam crioulo em casa e uma aluna que, para além da língua portuguesa, a língua russa.

Quanto à frequência da disciplina de EMRC, dos alunos que constituíam a turma, 17 estavam inscritos na Disciplina (89%), incluindo alunos de outra confissão religiosa (Islão).

Os documentos orientadores da vida do Agrupamento que consultámos (Projeto Educativo, Projeto Curricular de Agrupamento, Plano Anual de Atividades) dão conta de uma realidade marcada por uma grande diversidade, facto que, não constituindo em si um problema, não deixa de gerar algumas tensões, por vezes difíceis de gerir.

Porém, em todos aqueles documentos é clara a pretensão de cultivar um espírito de tolerância e de apreço por cada uma das culturas que ali se cruzam, garantindo como prioridade para a operacionalização dos saberes “uma atitude de abertura e tolerância face às línguas e culturas estrangeiras, em virtude de uma percentagem significativa da população escolar ser de origem migrante”<sup>190</sup>.

É neste contexto de multiculturalidade e de respeito pela diferença que se entende a educação como responsabilidade social e a escola como local de intervenção de diferentes agentes sociais, como salienta um excerto do próprio Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Damaia:

“Considerando uma mais-valia a diversidade cultural do meio em que nos inserimos e tendo em consideração os três referentes nucleares da educação enunciados por James Beane (1990): a dignidade, a diversidade e a democracia, propomos-mos trabalhar num projeto educativo visando a construção de uma Escola que seja um espaço de afirmação da cidadania para todos os que aí ensinam e aprendem”<sup>191</sup>.

Ao pretender ser um “espaço de afirmação de cidadania” (e é-o de facto!), nele se demarcam padrões de intervenção dos diferentes parceiros, para que cada um saiba qual é a sua função e preste contas do trabalho realizado, num cenário que não pretende “diluir encargos” mas sim “aglutinar esforços”. Os três referentes nucleares da educação (dignidade, diversidade, democracia) citados no excerto anterior, ecoam no espírito humanista que

---

<sup>190</sup> *Projeto Curricular, Agrupamento de Escolas da Damaia (PC)*, 4.

<sup>191</sup> *(PE)*, 3.

carateriza o projeto pedagógico deste Agrupamento (como uma espécie de carta de princípios!), tal como expressam os documentos orientadores do funcionamento do mesmo:

“O agrupamento de escolas da Damaia sempre revelou abertura disponibilidade para dar resposta às problemáticas que surgem diariamente no sentido de melhorar o sucesso e diminuir o fosso cognitivo e as assimetrias que caracterizam a população discente [...] os princípios orientadores do Projeto Curricular, demonstram que o Agrupamento se preocupa com a construção de uma sociedade mais culta e mais justa, embora saibamos que as contradições dessa sociedade não se resolvem com o contributo exclusivo da Escola”<sup>192</sup>.

Mas esta matriz humanista da qual dão conta os documentos orientadores do Agrupamento, perpassa a própria relação pedagógica. Os dez princípios da relação pedagógica<sup>193</sup> enunciados pelo patrono do Agrupamento – Pedro D’Orey da Cunha – inspiram uma prática educativa verdadeiramente singular, que assume diversas matizes. Nesta comunidade educativa existe uma forte acentuação nos valores que consolidam essa mesma relação pedagógica, tais como o respeito, a solidariedade, o diálogo, os quais são vividos, comunicados e espelhados de diversas formas e maneiras<sup>194</sup>.

Quer nos centremos no grupo turma, onde esses mesmos princípios enquadraram a nossa aprendizagem da prática pedagógica, ou no “espaço” escolar na sua abrangência mais global, compreendemos que a sua acentuação prevalece na pessoa e na sua diferença, mas sobretudo na relação de proximidade e no cuidado humano que se procura cultivar. Para tal, é necessário buscar o sentido dos pequenos ‘grandes’ pormenores. Para citar apenas alguns exemplos, num domínio mais abrangente, não é insignificante que exista na sala de professores um placard intitulado “mensagens de motivação”, onde cada professor pode

---

<sup>192</sup> (PC), 7.

<sup>193</sup> Os 10 princípios para uma relação pedagógica, segundo Pedro D’Orey da Cunha: princípio das consequências, da fascinação, da expectativa, do respeito, do encorajamento, da compreensão, da confrontação, da negociação criativa, do diálogo e da exigência in <http://terrear.blogspot.pt/2009/12/10-principios-para-uma-relacao.html>: 05/07/2015

<sup>194</sup> Cf. (PE), 3.

registar alguma mensagem que tenha apreciado, ou simplesmente, considere ser útil, benéfica ou construtiva para os seus colegas. Do mesmo modo, não é irrelevante que se institua o concurso “Dream Team”, destinado a premiar a performance de uma turma no seu conjunto (quer avaliativa, quer do seu comportamento), facto que se comprovou ser de grande estímulo para o espírito de equipa, a cooperação e o envolvimento coletivo. Através de sinais bem visíveis fomos percebendo como estes pormenores e gestos traduziam a diferença e potenciavam um ambiente de bem-estar coletivo.

Foi sobretudo a prática da lecionação que nos permitiu olhar e compreender o verdadeiro impacto da relação pedagógica, tal como é enunciada pelos princípios formulados por Pedro D’Orey da Cunha.

A turma na qual fomos desafiados a realizar a prática pedagógica era constituída por 19 alunos, 17 dos quais frequentavam a disciplina de EMRC, na sua maioria

O facto de um elevado número de alunos ser proveniente de bairros sociais desfavorecidos, cujo quotidiano é, em muitos casos, marcado pela pobreza, pela dificuldade de integração social e laboral (imigração ilegal), confere a esta instância escolar o estatuto de território educativo de intervenção prioritária (TEIP). Tal não significa que o que se pede aos alunos, docentes ou famílias fique aquém do que é exigido noutros agrupamentos, mas tão-somente que é dada primazia a cada um dos agentes educativos, procurando realizar uma espécie de “discriminação positiva”, para fazer do potencial destas comunidades um fator de sucesso educativo.

“O agrupamento de escolas da Damaia sempre revelou abertura disponibilidade para dar resposta às problemáticas que surgem diariamente no sentido de melhorar o sucesso e diminuir o fosso cognitivo e as assimetrias que caracterizam a população discente”<sup>195</sup>.

---

<sup>195</sup> (PC),7.

Como escreve o autor R. Arends, “as escolas de hoje têm de conciliar uma grande variedade de diferenças de aprendizagens culturais”<sup>196</sup>. E que aprendizagens são essas? No caso concreto da Escola Pedro D’Orey da Cunha passam sobretudo pela aprendizagem do ser e do agir do outro. A prática pedagógica convidou-nos frequentemente a enquadrar essas potenciais aprendizagens tornando-as significativas: no que diz respeito à questão de Deus, a aprender mais sobre o islamismo para valorizar e suscitar a intervenção dos alunos muçulmanos presentes na turma; a procurar elucidar alguns aspetos ou influências das religiões orientais, tentando esclarecer dúvidas de algumas adolescentes e também a pedido de alguns alunos esclarecimento, sobre certos rituais que são levados a cabo pelos seus fãs e que são referenciados como rituais por vezes satânicos.

### 3.2. O contexto da Unidade Letiva IV do 9º ano – Projeto de vida.

Num mundo de mutações contínuas e frágeis, é urgente apresentar aos alunos, propostas credíveis para as suas escolhas, que sejam, ao mesmo tempo, seguras e atraentes. A Unidade Letiva 4, (UL4), tem um leque de sugestões:

- **Participação solidária.**<sup>197</sup>
- **Auto-conhecimento** (quem sou, qual o meu lugar neste mundo, que marca pessoal quero gravar no mundo, o que me faz sentir feliz, que caminho quero percorrer, quais as minhas qualidades e aptidões, será que estou satisfeito com a minha vida, o que me falta fazer para que a minha existência seja perfeita)<sup>198</sup>.

---

<sup>196</sup> R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, 9.

<sup>197</sup> Cf. A. J. CORDEIRO – P. J. DIAS, *Manual do aluno 9º ano: horizontes de esperança*, 174.

<sup>198</sup> Cf. A. J. CORDEIRO – P. J. DIAS, *Manual do aluno 9º ano: horizontes de esperança*, 146.

- **Conhecimento do mundo que o rodeia** (o que é que o mundo espera de mim, como contribuo para o desenvolvimento e enriquecimento da sociedade)<sup>199</sup>.
- **Assumir valores éticos fundamentais** (numa perspetiva humanista e cristã)<sup>200</sup>.

No âmbito da prática pedagógica, de forma a estabelecer o elo entre as propostas acima descritas e o itinerário pedagógico, elegemos cinco Competências Específicas (CE): a 3 (Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo); a 9 (Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética, humanista e cristã); a 10 (Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano); a 12 (Relacionar-se com outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo); e a 23 (Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes).

Com a competência 3, pretendíamos fornecer ferramentas aos alunos, afim de os ajudar a adquirir respostas para as suas questões acerca do mundo, da realidade e da existência humana.

Considerando que o aluno, nesta fase da sua vida, tem que fazer escolhas, associámos à competência 3 a competência 9. Com esta competência pretendemos ajudar o aluno a posicionar-se ativamente na construção de um universo mais justo, de acordo com a especificidade da disciplina.

Pretendemos fornecer, através das estratégias usadas, alguma orientação de modo que os alunos fossem capazes de se compreenderem e compreenderem o mundo que os rodeia. Assim, as competências 10 e 12 ajudariam os alunos a descobrirem os valores éticos e

---

<sup>199</sup> Cf. A. J. CORDEIRO – P. J. DIAS, *Manual do aluno 9º ano: horizontes de esperança*, 154 e 156.

<sup>200</sup> Cf. A. J. CORDEIRO – P. J. DIAS, *Manual do aluno 9º ano: horizontes de esperança*, 50.

cristãos, como bons, belos e verdadeiros e a construírem uma base sólida, capaz de orientar as suas vidas, marcando a diferença pela sua atitude e intervenção na sociedade.

Com a competência 23 pretendemos proporcionar aos alunos elementos para uma chave de leitura da pessoa, da vida e do mundo, a partir dos textos bíblicos.

Deste modo, as estratégias serão trabalhadas numa forma dinâmica e criativa, tendo sempre em primeiro e principal objetivo o aluno, a sua capacidade de aprendizagem, a sua personalidade e a sua forma de pensar. Todas as metodologias que foram trabalhadas na sala de aula, terão com objetivo: ajudar o aluno a entender e a clarificar o que é um projeto de vida, mas sempre no respeito pela sua liberdade e sem pressionar as suas condutas e as suas escolhas.

Certamente que é pretendido que os alunos percebam que um projeto de vida nunca pode ser elaborado só em função de si próprio e do seu bem-estar. E, citando João Duque, “qualquer ser humano é sempre já marcado pelo leque das relações em que vive. Por isso, o seu ‘interior’ nunca é simplesmente seu, mas é resultado de múltiplas e complexas situações”<sup>201</sup>.

Esta complexidade desemboca na escola, sendo os professores quem, na primeira linha, têm que lidar com ela.

Neste sentido entendemos como importante, a par das propostas de projeto de vida para os alunos, promover e dinamizar ações, que pudessem oferecer recursos, ao pessoal educativo da escola da Damaia, para lidar com esta complexidade de uma forma mais eficaz.

---

<sup>201</sup> J. M. DUQUE, *Sobre a Educação Integral do Ser Humano*, 12.

Para este efeito, o núcleo estagiário, com a colaboração ativa do professor cooperante, convidou a Dra Helena Marujo<sup>202</sup> para uma palestra, destinada ao pessoal docente e não docente do agrupamento, subordinada ao tema: Aprender e Ensinar Positivamente.

Helena Marujo afirmou, nesse encontro, que a educação, na maior parte das vezes, acentua o negativo e valoriza a palavra crise. Interpelou os presentes a questionarem-se se existem afinidades entre a crise e a esperança. Ou entre a fé e a felicidade. A propósito de acreditar na capacidade criadora e transformadora em novas formas de vida, acrescentou que a crise deixar-nos-á duas escolhas possíveis: a de deixar de acreditar nessa capacidade criadora, ou a de reformular os horizontes que nos impõem decidir e pensar mais profundamente.

Sublinhou ser importante compreender que a maneira como nos relacionamos com a experiência tem algo de pessoal e, como tal, de decisão própria, precisando de nos posicionarmos de forma diferente face ao mundo e aos bens materiais e percebermos a importância dos bens relacionais. Assim, precisamos de construir juntos novos caminhos a trilhar, tudo fazer para acabar com a condição de escravos em todas as áreas da vida, desde a política ao social, da educação ao emprego, fazendo-o como suporte da virtuosidade pessoal e relacional e na reconstrução de um sentido de comunidade e de bem comum.

Para Helena Marujo, os professores devem formar nos alunos uma consciência crítica perante as realidades de hoje, mas com a tónica da esperança no amanhã. Urge, portanto, estimular e desenvolver nas pessoas um olhar novo, perante tudo o que as rodeia, valorizando o que de bom existe e não salientar somente os aspetos negativos.

A sociedade anestesiou-nos e deixou-nos um sabor de desilusão. Somos continuamente bombardeados, num ambiente negativista, que nos leva a ignorar o processo de

---

<sup>202</sup> A Dra Helena Marujo é formada em Psicologia e docente do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas e é autora de vários livros sobre a temática do Otimismo e da Felicidade.

aprendizagem e da qualidade da educação a proporcionar aos nossos alunos, centrando-nos predominantemente nos resultados (a preocupação por vezes excessiva com a valorização da eficácia mais do que a virtude).

Neste contexto, o professor é chamado a ensinar e aprender positivamente. É urgente compreender a importância de outros bens tais como a felicidade, que não são bens materiais mas que dão sentido à vida.

Naquilo que consideramos ser o cerne da nossa proposta de itinerário, Helena Marujo frisou que o foco na perspectiva da felicidade pessoal tem sido, nas últimas décadas, o objeto de grande parte das investigações. Hoje é importante repensar a felicidade pública, apoiada num desenvolvimento económico capaz de se conciliar com uma sociedade promotora de virtudes e de bens relacionais, compreendendo progressivamente que a felicidade é um bem comum, não um bem individual.

O maior estímulo educativo dos nossos dias é combater os elevados níveis de desconfiança e ceticismo. E aí o professor de EMRC tem, pela sua perspectiva crente, a responsabilidade acrescida de ser testemunho em contexto escolar para toda a comunidade educativa.

Helena Marujo finalizou o encontro sugerindo algumas propostas para *ensinar e aprender positivamente*, que passamos a elencar:

1. Compreender que a história humana é cíclica e, a maioria das vezes, saímos melhor das situações de crise.
2. O positivo gera felicidade, se cultivarmos a teoria dos 3 B – (O Bem, o Bom e o Belo).
3. A visão positiva requer treino e uma linguagem que alimente a possibilidade.
4. Aquilo a que damos atenção, que cultivamos, cresce (os nossos alunos crescerão se cultivarmos neles razões para acreditar).
5. É muito importante que se criem espaços onde as pessoas continuem a sentir-se bem (alimentar as emoções positivas).

6. Procurar construir ambientes educativos que mostrem que a vida vale a pena ser vivida. Para tal temos de educar a sensibilidade para depois ter a visibilidade (se eu não me deixar emocionar com o belo ou com o bom, eu não consigo vê-lo).
7. Educar e aprender positivamente é abraçar esta tarefa de, diariamente, despertar a capacidade de criar horizontes de esperança<sup>203</sup>.

A partir da perspetiva aqui apresentada, podemos perceber a importância que a disciplina tem no currículo de uma escola. O desafio é enorme. Aceitemos ou não, chegou a altura de perceber a importância que a disciplina tem na educação plena dos mais novos, de um modo peculiar, nesta sociedade que vive uma desvalorização dos valores éticos e humanos.

### **3.3. Itinerário da Lecionação – Unidade Letiva 4**

A primeira aula da unidade letiva, no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES) foi lecionada, como aliás todas as seguintes, segundo a planificação. (Anexo 1)

É necessário que afirmemos que era, também, a nossa primeira aula enquanto docente.

Contou com a presença dos Professores Orientadores da Universidade Católica, Juan Ambrósio e Cristina Sá Carvalho e pelo Professor Cooperante Fernando Moita, da Escola da Damaia.

Começamos a aula com o acolhimento aos alunos, projeção do sumário e apresentação da Unidade – “*Projeto de vida*”. (Anexo 1a; 1b)

Os alunos revelaram curiosidade e interesse pela unidade e participaram ativamente quando solicitados.

---

<sup>203</sup> H. MARUJO, *Ensinar e aprender positivamente, conferência*, 21 de Maio 2013, escola da EB 2/3 Prof. Pedro d’Orey da Cunha.

Privilegiámos, desde a primeira aula a utilização de materiais audiovisuais, como o PowerPoint. O da primeira aula tinha como objetivo dar uma certa dinâmica à aula, torná-la mais atrativa e entusiasmante, porque, segundo Arends, “existem algumas evidências que apontam para a importância do entusiasmo como exercendo influência na aprendizagem dos alunos”<sup>204</sup>.

Ao fazer este PowerPoint, procurámos que ele fosse apelativo, tanto nas cores, como nas personagens escolhidas. Algumas destas foram tiradas do próprio manual do aluno, tais como: Martin Luther King, (p.154), Nelson Mandela, (p.31) e o Papa João XXIII, (p.88). Cristiano Ronaldo não estava incluído no manual, mas foi escolhido por ser jovem, ter nascido num meio de alguma fragilidade económica, mas ter conseguido, com muito trabalho, atingir os seus objetivos e alcançado um determinado projeto de vida.

Estas personagens abrangiam assim um leque bastante diversificado de domínios, desde a política com a sua ação concreta no nosso mundo, à solidariedade e defesa dos mais pobres e fracos, à luta pela igualdade e ao direito pela liberdade, a dimensão religiosa e a sua expressão no modo de viver, e ainda o mundo do futebol. Todas elas focadas na realização de um determinado projeto de vida, como que lembrando a frase de Luther King, “se o homem não descobriu nada pelo qual morreria, não está pronto para viver”<sup>205</sup>.

Com a síntese da aula concluímos que para qualquer projeto é necessário saber o que se quer fazer da vida, qual é a raiz da nossa própria existência.

Pudemos perceber, pelas suas respostas, que tinham adquirido os conhecimentos básicos pretendidos para esta aula. Finalizámo-la com a música (Tu és mais forte), do cantor BOSS AC, que transmitiu a todos a mensagem de que juntos, conseguimos alcançar os nossos objetivos e que somos mais fortes. (Anexo 1c)

---

<sup>204</sup> R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, 277.

<sup>205</sup> A. J. CORDEIRO – P. J. DIAS, *Manual do Aluno, 9º ano, horizontes de esperança*, 154.

A autoavaliação e avaliação dos professores foi bastante favorável, tendo sido sugeridas algumas alterações.

As observações por parte dos professores foi benéfica e construtiva ajudando-nos assim a sentir mais segurança.

Ao planificarmos a segunda aula, (anexo 2) o objetivo era fazer a ponte com a aula anterior, fazendo uma breve síntese, a fim de trazer à lembrança dos alunos o que tinha sido dado na aula anterior. Como sugerido por um dos professores orientadores, utilizámos de novo a música “Tu és mais forte” e alargámos o leque de personagens-modelo. (anexo 2a)

Foram trabalhadas pelos alunos, numa atividade de pares, seguida da sua apresentação.

Escolhemos como novas personagens Nicholas James Vujicic; Tony Melendez; Irena Sendler e Angelina Jolie. (anexo2b; 2c)

Finalizámos a nossa aula com a entrega de uma ficha de auto conhecimento, como trabalho em casa<sup>206</sup>. Esta atividade, tinha como objetivo, levar a que cada um se conheça melhor, a fim de projetar o futuro com lucidez, sem medo, com mais ousadia e empenho, procurando descobrir qual o seu lugar neste mundo.

Da avaliação da aula resultaram as seguintes constatações:

- É necessário fazer com que os alunos progridam no seu conhecimento e percebam que não precisam de ter muitas coisas ou finanças elevadas, para pensarem e projetarem o seu futuro.
- Para a realização de um projeto de vida basta que eles se conheçam, conheçam as suas capacidades e sonhos e lancem as suas perspetivas e metas num horizonte vasto, mas atingível.

---

<sup>206</sup> Cf. A. J. CORDEIRO – P. J. DIAS, *Caderno do aluno, 9º ano, horizontes de esperança*, SNEC, 2010, 85.

- O mais importante é saber que qualquer projeto tem sempre como pano de fundo a sua própria felicidade e a felicidade dos outros.
- Que um projeto é sempre pessoal, mas tem que ser em função dos outros. De outro modo este fica estéril e sem condimentos necessários para uma vida feliz e plena de esperança.
- É imperioso conduzir os alunos ao reconhecimento de que a vida humana é de tal modo digna e plena, que merece ser defendida, respeitada e conduzida para o bem pessoal e humano, fazendo referencia aos valores humanos falados na UL1<sup>207</sup>.
- Que nos foram dadas todas as capacidades para traçarmos uma vida com sentido e dignidade; que muitos outros que nos precederam não possuíam tudo o que hoje possuímos, mas que lutaram para alcançarem os objetivos de uma vida plena e repleta de aceitação, de doação e de entrega, como é o caso de algumas biografias que tiveram a possibilidade de trabalhar.
- Que a nossa vida é de um valor incomparável (estabelecendo a ligação com a UL1); que o valor da vida resulta do fato de essa mesma vida ser o eixo ou a condição de realização de todos os nossos sonhos e projetos.
- É importante que cada um, com as capacidades, dons e qualidades que tem, lute por alcançar os objetivos que traça para a vida.
- Que, apesar das dificuldades físicas, sociais, políticas, etc, a elaboração de um plano/ trajeto ou projeto, os ajudaria a perceberem numa forma nova, como cada um de nós transporta dentro de si um tesouro que deve ser conhecido e colocado ao serviço da construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

---

<sup>207</sup> Cf. A. J. CORDEIRO – P. J. DIAS, *Manual do Aluno, 9º ano, horizontes de esperança*, 17.

- Que pelo facto de estarmos a trabalhar esta Unidade, não se pretendia que eles no fim desta, traçassem ou definissem a sua opção de vida, o seu projeto ou vocação, mas que esta os ajudasse a perceber que, ao definirem qualquer opção de vida, era necessário terem consciência e conhecimento da sua própria realidade e da sociedade que os rodeia.

A estratégia escolhida para a terceira aula (anexo 3) visava consolidar a componente de reflexão.

No diálogo com os alunos, percebemos que chegaram à conclusão de que hoje existe um maior respeito pela igualdade e liberdade, quer na aprendizagem, ou no respeito opcional de uma religião, graças à luta de muitos homens que não cruzaram os braços perante as dificuldades físicas ou de outra índole, provenientes da sociedade.

Num segundo momento da aula projetámos o filme, “Projeto Transformers”<sup>208</sup>. (Anexo 3a)

Este filme ilustrava um projeto de um grupo de quatro jovens que, observando as dificuldades da sociedade e as suas próprias dificuldades em arranjar um emprego, decidiram fazer algo da sua vida, valorizando aquilo que aprenderam na sua formação académica. Com os seus talentos, puseram-se ao serviço dos outros e de algumas instituições de acolhimento de crianças. Este projeto, começado em Portugal por quatro jovens, rapidamente agregou outros jovens e já está espalhado pelo mundo, como se lê e percebe no anexo 3a.

Reforçando a ideia da importância do conhecimento pessoal, mormente as capacidades pessoais, entregámos, aos alunos uma ficha preparada pela professora estagiária, de modo a reforçar o seu autoconhecimento. (Anexo 3b)

---

<sup>208</sup> <http://www.projectotransformers.org/sity.pt>. 28/02/2013.

De modo a que os alunos percebessem o quão é importante que todo o nosso corpo esteja envolvido no projeto pessoal, foi passada a todos os alunos, uma folha onde estes pudessem escrever um adjetivo que os caracterizasse ou os identificasse. (anexo 3c)

Aproveitámos uma reação algo intempestiva quanto ao papel do corpo e da sua relação com o modo como nos projetamos, para fazer o ponto da situação, explicando que se não nos conhecemos, dificilmente avançamos com segurança. Procurámos ainda levá-los à descoberta de que é importante não só conhecer os nossos gostos, mas dar valor também aquilo que somos na totalidade da nossa pessoa: se não conhecemos o que os nossos membros são capazes de fazer e o que podemos fazer com eles, como podemos conhecer aquilo que está no nosso interior?

Nesta ordem de ideias, foi referido que as figuras que tínhamos trabalhado, tanto na aula anterior, como nesta aula, tinham algumas limitações, mas que não foram impedimento a fazerem algo da sua vida.

Muitas vezes nós temos tudo, somos seres perfeitos fisicamente, mas muitas vezes nem nos questionamos acerca do que podemos fazer e para que servimos.

Na quarta aula (anexo 4) fizemos o ponto de situação das aulas lecionadas e seus conteúdos, traçando um fio condutor do caminho percorrido, o que tinha sido trabalhado em cada aula e o que supostamente tinham aprendido.

Foi proposta uma atividade aos alunos, sobre aquilo que podíamos chamar as “inquietações da sociedade”. De modo a permitir uma gestão mais eficaz da aula e um ambiente mais propiciador à aprendizagem, a professora estagiária preparou e disponibilizou todo o material necessário. Os alunos mostraram grande interesse e entusiasmo nesta atividade. Estão em anexo as fotografias correspondentes a esta atividade. (anexo 4a)

Antes dos alunos saírem da sala foi feita a síntese da aula, e lançada a ideia ou o tema que serviria de inspiração de um projeto de turma. Os alunos aderiram muito bem à iniciativa,

e foi-lhes proposto que cada um devia pesquisar em casa e trazer para a aula seguinte, cinco a dez frases subordinadas ao tema: *felicidade ou esperança*. (anexo 4b)

A avaliação global desta aula motivou uma introspeção acerca dos seguintes aspetos:

- Desenvolver estratégias que tornem os alunos mais abertos à diversidade de opiniões e argumentos presentes no mundo.
- Identificar aspetos/estratégias que favoreçam/melhorem a gestão e o ambiente de aprendizagem na sala de aula.
- Incentivar os alunos à participação ativa na construção de um mundo melhor e mais humano.

De forma a minimizar a turbulência da turma e a desenvolver estratégias favoráveis à gestão do ambiente de aprendizagem, na quinta aula (Anexo 5) optou-se por uma disposição diferente da sala de aula. As mesas e cadeiras foram dispostas em U.

Iniciou-se a aula fazendo-se referência à conclusão do trabalho de grupo da aula anterior e à recolha das frases do TPC.

Num segundo momento, tentámos (re)ajustar a proposta pedagógica desta Unidade Letiva, pois a ideia de que lecionar esta unidade na dimensão de um projeto de vida, ou numa dimensão vocacional e laboral, era uma ideia boa, fácil para a professora, mas muito precoce para os alunos. As aulas seriam muito desencarnadas das suas idades, das suas realidades, ou das suas perspetivas perante um presente e de um futuro que se aparenta longínquo.

Desafiámos os alunos a pensarem e executarem um projeto de turma. Para este projeto era necessária uma participação ativa por parte de cada um deles. Era importante fazerem das suas vidas, um ato de felicidade e de serviço.

O desafio lançado de qual podia ser o seu gesto concreto no nosso mundo, culminava com a pergunta: “como posso eu espalhar esperança e felicidade àqueles que se cruzam

comigo em cada dia?”. A aula contou com uma projeção de um filme, para elucidar todo este contexto<sup>209</sup>.

Os alunos perceberam que não precisam de nada do que eles pensavam para contribuir pronta e eficazmente na construção de um mundo melhor; que bastava fazer do quotidiano algo que marcasse a diferença. Porque muitos veem, mas só alguns fazem a diferença, na construção de um mundo mais belo e feliz.

Devido a uma intervenção do professor coordenador, levantou um debate sobre o que o fazia o Papa e o porquê da sua existência. Não tive oportunidade, deste modo, de falar da Páscoa, nem de aplicar parte da planificação. Afinal “os professores que planificam bem descobrem facilmente que não tem que ser polícias, porque as suas salas de aula e as suas aulas se caracterizam por um fluir tranquilo de ideias, atividades e interações”<sup>210</sup>.

A atividade que tinha sido sugerida pelo meu orientador de relatório final, Professor, António Martins (fazer uma sondagem sobre o que é que os adolescentes pensavam sobre “Os desejos e as inquietações dos adolescentes”) foi plenamente concretizada. (Anexo 5a)

Importa referir os objetivos desta atividade:

- Proporcionar aos alunos um melhor conhecimento do seu mundo interior, interligado com o mundo exterior;
- Proporcionar uma reflexão acerca do próprio aluno e o auto conhecimento dos seus objetivos.
- Sentir, perceber duma forma diferente o que os alunos pensam e sentem em relação aos conteúdos dados.

Por fim, entregámos aos alunos uma folha, ‘guia da entrevista’ e designados os ‘autores de projetos’ que iam entrevistar. (Anexo 5b)

---

<sup>209</sup> Cf. CD do portefólio do estágio.

<sup>210</sup> R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, 96.

À saída distribuímos aos alunos, uma pequena lembrança de Páscoa: um porta-chaves acompanhado de um postal com o adjetivo e respetiva designação, que anteriormente haviam escolhido para se caracterizar. (Anexo 5c)

Salientamos ainda, que, segundo a opinião da Professora Orientadora, a estratégia, (mudança da disposição da sala de aula) foi um aspeto muito positivo, dado que permitiu uma gestão disciplinar muito mais eficaz e uma participação mais ativa e dinâmica.

Antes de iniciar o tema da 6ª aula, foi feita a revisão das aulas anteriores, como consta na própria planificação. (Anexo 6)

Para esta aula o professor cooperante sugeriu que acrescentássemos no PowerPoint que tínhamos preparado para a aula, imagens do Papa Francisco, já que esta questão tinha sido motivo de debate. (Anexo 6a)

Dando cumprimento à planificação da 6ª aula, foi projetado o PowerPoint, com as fotografias do Papa. Estabeleceu-se, de novo, um debate, e a aula foi remetida para a Unidade Letiva 1, sobre o tema do aborto, que parece ser um tema que não estava suficiente esclarecido.

Já num último momento apenas conseguimos realizar a atividade ‘*O que é a felicidade para ti?*’ sugerida pela professora orientadora Cristina Sá Carvalho como melhoramento do inquérito anterior. (Anexo 6b)

Acrescentamos como apreciação global da aula:

- A planificação não foi concretizada.
- Não foi dada a lição sobre S. Paulo. Embora esta aula tivesse sido essencial na linha da clarificação da proposta cristã e o seu contributo para construção de um projeto de vida, esta dimensão esteve presente na vertente antropológica de toda a abordagem que procuramos realizar.

Como habitualmente, iniciámos a aula seguinte com o acolhimento e registo do sumário que estava escrito no PowerPoint projetado como consta na planificação. (Anexos 7 e 7a)

Do PowerPoint constava também um resumo das aulas anteriores, proporcionando aos alunos fazerem o ponto da situação, porque estas aulas tiveram, de uma maneira positiva, muitas interrupções e através desta estratégia os alunos ficariam com um fio condutor da unidade. A avaliar pela participação dos alunos, foi notório que estes tinham atingido os objetivos propostos para esta Unidade.

De seguida foi recolhido o trabalho das entrevistas e lemos dois documentos do Manual do Aluno: “Precisamos de partilhar a vida com os outros e Ser feliz”<sup>211</sup>.

Tomando como mote a análise do texto anterior, introduzimos como reflexão a afirmação: ‘somos os agentes ativos da felicidade própria e da felicidade dos outros’.

Foram entregues, a cada aluno, alguns marcadores onde estavam escritas as mensagens que os alunos e nós próprios, tínhamos pesquisado. (anexo 7a)

As mensagens destinavam-se aos professores e restantes funcionários da escola, ou outras pessoas a quem eles quisessem entregar. A atividade parece ter sido satisfatória para todos, de acordo com a imagem que espelhava no rosto de cada adolescente e das pessoas que receberam a mensagem.

A atividade proporcionou aos alunos um momento diferente e sentiram-se responsáveis pela construção da sociedade onde, afinal, todos se inserem. Não nos esqueçamos que “a aprendizagem baseada em problemas também procura ajudar os alunos a comportarem-se em situações da vida real e a aprenderem importantes papéis de adulto”<sup>212</sup>.

Na planificação desta aula tínhamos em mente que, depois de executado o projeto de turma, seria importante estabelecer um fio condutor a partir de algumas ideias-chave que

---

<sup>211</sup> A. J. CORDEIRO – P. J. DIAS, *Manual do Aluno, 9º ano, horizontes de esperança*, 160-161.

<sup>212</sup> R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, 383.

percorrem toda a Unidade Letiva, estabelecendo assim uma relação estreita entre o projeto de vida e a felicidade. (Anexo 8)

A oitava aula por nós lecionada, tratou-se da aula assistida pelos professores orientadores da Universidade Católica.

Os alunos realizaram uma pequena partilha da atividade da aula anterior. As suas respostas foram no sentido de que as pessoas tinham gostado e de que muitas ficaram surpreendidas. Aproveitámos para fazer a síntese dizendo aos alunos que, mesmo que as mensagens tenham contribuído apenas para uma pessoa olhar a vida de uma outra forma ao chegar a casa, se a mesma tinha tido coragem e esperança para avançar e olhar a vida numa outra perspetiva, já tinha valido a pena a nossa atividade.

Mantivemos o diálogo com os alunos através de um PowerPoint. (Anexo 8a)

O momento seguinte foi dedicado à apresentação das entrevistas, destacando nós duas dessas mesmas entrevistas:

A aluna que entrevistou a mãe começou por falar do sonho de a mãe ser fisioterapeuta. Tinha nascido com um problema nos pés, mas superou-o ao longo dos anos. Foi mãe, muito jovem, tendo tido dois filhos. O pai da aluna, não era gentil para com a mãe. Tinha-se separado do marido e tinha encontrado uma pessoa que de momento a amava. Não fazia o que tinha sonhado, mas era feliz naquilo que fazia, e a sua maior felicidade era ser mãe. E ela finalizou por dizer que agradecia à mãe por a ter deixado viver e ao irmão, e o cuidado que teve em lhes dar uma vida digna e que gostava muito da mãe.

Uma outra aluna apresentou a figura do padre da paróquia, e finalizou com esta expressão, da autoria do próprio pároco: “sinto-me muito feliz por estar ao serviço dos paroquianos, e se voltasse atrás, fazia o mesmo que tinha feito: ser sacerdote”.

Neste ambiente os alunos pediram para contarmos a história da nossa própria vocação, o que fizemos com todo o gosto, principalmente por ser um testemunho de vida.

Num segundo momento apresentámos um Movie Maker: Testemunhos de três jovens, uma enfermeira, uma dentista e uma outra jovem, no primeiro ano de serviço social<sup>213</sup>.

O Movie Maker continha um excerto de filme, “Favores em Cadeia”. Depois de visto o excerto do filme foi tempo de uma breve chuva de ideias acerca das entrevistas e do filme.

Suprimiu-se a realização da ficha que consta na planificação por falta de tempo, decidindo-se que esta fosse entregue para atividade de casa.

Antes da aula terminar e em jeito de uma breve síntese da tarefa e da própria Unidade, foi entregue uma pequena mensagem a cada aluno. (anexo 8b)

A Professora Cristina Sá Carvalho fez uma avaliação positiva da lecionação salientando, do ponto de vista pedagógico, a criatividade no material escolhido, e o bom funcionamento das atividades em termos de aprendizagem.

### **3.4. Contributo da Disciplina de EMRC**

A disciplina de “Educação Moral e Religiosa Católica presta um valioso contributo na formação da personalidade [...] ajuda a descobrir o projeto divino sobre a pessoa, sobre a vida humana e sobre a sociedade”<sup>214</sup>. E lecionar o programa da “Unidade Letiva – Projeto de Vida”, unicamente como o manual no-lo apresenta, seria correr o risco de acentuar, em demasia, a dimensão vocacional ou profissional, em detrimento das opções pessoais que os alunos necessitam de efetuar nesta faixa etária, pelo que poderia resultar completamente desgarrado da experiência concreta dos alunos.

---

<sup>213</sup> Cf. CD do portefólio do estágio.

<sup>214</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral, Educação Direito e Dever – missão nobre ao serviço de todos*, 8.

Depois da leitura da unidade e de uma reflexão a volta da mesma, optámos por lecioná-la a partir da temática da esperança e da felicidade.

Com uma noção mais explícita das propostas da unidade, perceberíamos, todos, que todo o ser humano foi criado para viver na esperança e para ser feliz. De modo a concretizar esta ideia chave, convidámos os alunos a encetar uma interpretação integral da existência pessoal e do compromisso social, orientando-os na definição de projeto de vida.

Na linha dos objetivos da disciplina de EMRC, ao trabalhar esta unidade procurámos promover a dimensão pessoal, a dimensão do serviço e a dimensão da mensagem cristã.

Para promover a dimensão pessoal as linhas pedagógicas orientadoras passaram por descobrir a sociedade que temos e a sociedade que queremos, de modo a poderem reconhecer, neles próprios, capacidades e atributos capazes de contribuir para uma sociedade mais justa.

Para promover a dimensão do serviço incentivámos os alunos a identificar formas de serviço nas pessoas que os rodeavam e a partir daí, enquadrar os diversos projetos de vida.

Para promover a dimensão da mensagem cristã, as linhas que enquadraram o nosso itinerário tiveram a ver com os projetos de vida inspirados por personagens bíblicas. Assim abordámos Maria e o seu desafio na maternidade; São Paulo e a sua passagem da escuridão para a luz, tomando esta passagem como uma metáfora para a descoberta nos outros da minha própria luz (objeto de uma atividade de pares).

Embora não esteja contemplada nos conteúdos da Unidade Letiva, a passagem das “Bem-Aventuranças” (Mt 5, 1-12) insere-se, no nosso ponto de vista, como proposta pedagógica fundamental para a compreensão da mensagem cristã, naquilo que tem de mais profundo, “felizes os pobres, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5, 2).

## Conclusão

Ao terminar este trabalho, há algumas ideias alcançadas e trabalhadas que gostaríamos de realçar.

Tentamos, apesar das nossas limitações quer temporais e humanas, sublinhar a relevância da disciplina, enquanto proposta educativa para os valores humanos, cristãos.

O balanço da lecionação foi positivo e em suma concluimos que a geração dos mais novos, estão ávidos por aprender algo que não seja só as matemáticas e as ciências. Por este motivo, só podemos concluir que a disciplina com a sua proposta pedagógica peculiar visa educar os alunos a saber pensar e a serem os agentes ativos na construção de uma sociedade mais justa, humana e feliz.

Reconhecemos que vivemos numa época em que a palavra crise (as múltiplas crises) domina de um modo geral, o nosso entusiasmo, a lecionação, as nossas vidas. Somos ainda todos os dias bombardeados pelos media, levando-nos a um estado de desinteresse e desânimo, passando a olhar os alunos e os adolescentes como algo que não vale a pena investir ou lutar.

Mas salientamos que entre as muitas crises que aqui poderíamos mencionar, há duas delas que tocam, especialmente o nosso trabalho, que é a crise religiosa, associada à crise de transmissão familiar e à crise de opções livres e felizes.

Relativamente à primeira, cada vez mais o religioso é afastado do espaço público (com a crescente secularização), não beneficiando, por outro lado, de um verdadeiro suporte familiar. Tendência que se nota de modo mais evidente no espaço escolar.

No entanto se retiramos o religioso do nosso mundo algo tem de preencher esse vazio. Como consequência disto, assistimos a uma relativização progressiva dos valores, com consequências nefastas para o próprio ser humano, o qual assume o “lugar de Deus”.

Assim, queremos aqui salientar, a importância do Ensino Religioso Escolar (e no nosso caso específico da disciplina de EMRC) na formação integral dos nossos alunos.

Se a escola deve promover uma formação integral, nas mais variadíssimas instâncias do saber, ela não pode despromover o religioso, porque a dimensão religiosa faz parte integrante do ser humano, e, como tal, se pretendemos uma formação integral e global, não podemos prescindir, nem deixar de parte esta dimensão.

A disciplina de EMRC, para além de dar um contributo na formação integral, torna-se importante por possibilitar uma chave de leitura da humanidade, numa perspetiva feliz.

Nesta crise de valores em que a sociedade se encontra e neste mundo tão inseguro e instável, os jovens não encontram espaço para o aprofundamento das suas aprendizagens, nem dos seus sonhos e objetivos. Assim, torna-se difícil apresentar ou falar de projetos, principalmente projetos laborais.

Contrariando essa visão de um mundo inseguro e de um futuro instáveis, optámos por centrar a lecionação à volta da dimensão da felicidade, tentando descobrir se ela é ou não um estado, um desejo a que o homem aspira ou se é simplesmente uma utopia, desejada mas inatingível.

Dado o carácter essencialmente subjetivo da felicidade é quase impossível encontrar uma definição partilhada por todos, como pudemos constatar na segunda parte deste nosso trabalho. A dimensão da felicidade apresenta facetas diferentes de pessoa para pessoa, de país para país, de cultura para cultura, de épocas para época. E, portanto, ela é entendida de modos diversos, mas nenhum a define, nem completamente, nem satisfatoriamente.

A felicidade não está na exterioridade do nosso próprio ser, pertence à nossa essência, está no nosso interior, não é alheia ao mundo. Porque faz parte da essência da nossa natureza partilharmos a vida com os outros. Como o bem, a felicidade inclui prazer (no sentido mais

autêntico), mas é muito mais que prazer. Apercebemos-nos que a felicidade é sempre fonte de prazer, mas nem sempre o prazer é fonte de felicidade.

A felicidade também não se identifica com a posse ou aquisição de determinados bens, mesmo que esses bens sejam muito valorizados, dando como exemplos a saúde, a beleza, o sucesso, o poder, o dinheiro ou quaisquer outros bens. Não negamos que esses bens possam ajudar a alcançar a felicidade, mas não são determinantes, nem constituem um fim, eles são, simplesmente, um meio. E podemos até acrescentar que, para além daquilo que é necessário para viver e que nos é proporcionado pelos bens de que falamos, tudo se torna perfeitamente irrelevante para conseguir a felicidade, podendo até, tantas vezes, dificultá-la.

Para além das pequenas felicidades do dia a dia, existe uma felicidade que se deseja, mas que não atingimos sem uma compreensão da nossa condição humana.

Todos nós sabemos, ou deveríamos saber, que a verdadeira felicidade anda sempre acompanhada por realidades que os bens materiais não proporcionam, valores como a serenidade, a generosidade, a bondade, a paz, o bem, a verdade, o amor, essenciais para encontrar um sentido para a vida.

Esta é a tónica fundamental e central do cristianismo, a proposta de felicidade que Cristo propõe nas Bem-Aventuranças. Elas não significam que aceitemos e nos conformemos com situações de fome, de pobreza ou de tristeza. Pelo contrário, devemos combatê-las. Elas são e continuam a ser, para Cristo, razões que trazem a infelicidade ao homem. Cristo diz-nos que apesar de qualquer situação de infelicidade em que o homem se encontre, Ele quer que o homem viva e que seja feliz. Se bem entendemos a mensagem, a originalidade do Evangelho consiste em oferecer aos que se encontram na infelicidade, uma vida nova. Cristo faz um claro apelo a uma vida autêntica e a um projeto feliz, vivido com base nos verdadeiros valores cristãos.

Pela reflexão cristã, resultante quer do estudo dos documentos do Magistério da Igreja, quer pela Tradição, acerca do tema da felicidade, percebemos que esta sede infinita do ser humano em ser feliz, está impregnada no mais profundo desejo de cada ser humano. Por tudo isto que acabámos de afirmar, podemos dizer que a proposta do programa de EMRC, é uma proposta de felicidade.

Terminamos com uma citação retirada do Manual do Aluno, de Mahatma Gandhi “Não existe um caminho para a felicidade a felicidade é o caminho”<sup>215</sup>.

---

<sup>215</sup> A. J. CORDEIRO – P. J. DIAS, Horizontes de Esperança, Manual do aluno 9º ano, 158.

## **Bibliografia**

### **1. Fontes**

#### **1.1 Documentos da Igreja**

BIBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Franciscana Capuchinhos, Fátima, Lisboa, 2002.

BENTO XVI, Carta Encíclica, *Salvos na Esperança*, Paulinas, Lisboa, 2007<sup>2</sup>.

J. BERGOGLIO / PAPA FRANCISCO, *O Verdadeiro Poder É Servir, Por uma Igreja mais humilde. Um novo compromisso de fé e de renovação social*, Editora Nascente, Braga, 2013.

PAPA FRANCISCO, *A Alergia do Evangelho, Exortação Apostólica Evangelho Gaudium*, Paulinas, 2014<sup>5</sup>.

COMISSÃO TEOLOGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e serviço: a pessoa humana criada à Imagem de Deus*, Roma, 2004.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica – um Valioso contributo para a formação da personalidade*, In *Pastoral Catequética*, 5, (2006), 3-15.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Lisboa, 1, (2002), 3-33.

NOTA PASTORAL DA COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *EMRC, Contributo para um novo humanismo*, In *Pastoral catequética*, 2, (2005), 9-10.

SANTO AGOSTINHO, *Dialogo sobre a felicidade*, Textos Filosóficos, Edições 70, Bilingue, Lisboa, 2012.

## **1.2 Outras fontes**

CORDEIRO, António José – DIAS, José Luís Pinto, *Manual do aluno 9º ano: horizontes de esperança*, SNEC, Lisboa, 2010.

### **Decretos de Lei**

DIÁRIO DA REPUBLICA, *Lei base do Sistema Educativo*, Nº 237, 14/10/1986, Artigo, 1.

## **2. Bibliografia consultada:**

ABBAGNANO, Nicola, *História da Filosofia*, ed. 2, Presença, Lisboa, 1976.

ALVES, Laurinda – BRITO, Alberto, *Ouvir, Falar, Amar*, Oficina do Livro, Editorial, Lda., Alfragide, 2011.

ALBISETTI, Valério, *Para Ser Feliz*, Paulinas, Lisboa, 1996.

ARENDS, I. Richard, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Madrid, 2008<sup>7</sup>.

ATTALI, Nicole, *Eu cultivo a felicidade, Diga adeus a tudo o que o impede de ser feliz*, Paulinas, Lisboa, 2011.

BARBOSA, Adérito G., *Jovens com projeto de vida*, Paulinas, Lisboa, 2001.

BARBOSA, Adérito G., *Jovens com o grupo*, Paulinas, Lisboa, 1999.

BORNE, Dominique, *A Escola e o facto Religioso ou Desafio da Verdade*, In *Communio*, 4, (2006), 423-434.

CARVALHO, Cristina Sá, *Psicologia, Curso Geral, Formação de Catequistas*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2004.

CASTELLAZI, Vittorio Luigi, *A Felicidade, caminhos de descoberta de si e dos outros*, Ed. Paulus, Lisboa, 2003.

COELHO, António, *Meditações sobre a Alegria*, Editorial A. O., Braga, 2010.

COELHO, António, *todos educadores dos jovens*, In *Mensageiro*, 8-9, (2013).

COOL, Michel – MARUJO, António, *Francisco, Pastor para uma Nova Época*, Paulinas, Lisboa, 2013.

COQ, Guy, *Modelos de sistemas educativos na Europa de hoje; estabelecer um referencial*, Educação e democracia: uma relação problemática In *Pastoral Catequética*, 23, (2012), 43-68.

CUNHA, Pedro D'Orey, da, *A Formação Moral no Ensino Público, (Evolução de uma ideia)*, In *Brotéria*, 138, (1994), 59-79.

CURTAZ, Paolo, *Os dez Mandamentos, a vida em Cristo*, Paulus, Lisboa, 2012.

DIAZ, Carlos, *Eudaimonia, La felicidad como utopía necesaria*, Ediciones Encuentro, Madrid, 1987.

DUQUE, João Manuel, *Sobre a Educação Integral do Ser Humano*, In *Pastoral Catequética*, 26, (2013), 11-21.

ESTANQUEIRO, António, *O Contributo da Educação Moral e Religiosa para a Formação Integral*, In I Congresso de Professores, SNEC, Lisboa, 2001, 125-134.

FERNÁNDEZ, Aurelio, *Diccionario de Filosofia*, Monte Carmelo, Madrid, 2005.

FERREIRA, Pedrosa, *Bom dia alegria, Vitaminas para a manhã*, Salesianas, Porto, 2008.

- FREITAS, Domingos, *A experiencia na educação religiosa*, In *Brotéria*, 151, (2000), 29-36.
- FREIRE, Teresa, *Felicidade na escola*, Educação positiva, In *Família Cristã*, 9 (2012), 43-47.
- HURTADO, A. Fina, *Los neuvos movimientos religiosos como produtores de sentido*, In *Estudos de Juventude*, (2001), 33-43.
- LAUSTER, Jorg, *Dio e la Felicità, La sorte della vita buona nel cristianesimo*, Queriniana, Brescia, 2006.
- LARRANAGA, Ignacio, *A arte de ser feliz, Orientações práticas para recuperar a paz interior, o sentido da vida e a alegria de viver*, Editorial Franciscana, Braga, 2003.
- LUSTINGER, Jean-Marie, *Sede Felizes*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998.
- GÂNDARA, Guilherme, *Nasceste Para Ser Feliz*, Paulus, Lisboa, 2008.
- GESCHÉ, Adolphe – SCOLAS, Paul, *Suaver le bonheur*, Cerf, Paris, 2003.
- GIUSTINIANI, P., *O Homem: Fascínio e Desafio, Antropologia*, Paulistas, Lisboa, 1993.
- GRUN, Anselm, *As oito Bem-Aventuranças, Caminho para uma vida bem conseguida*, Editorial A. O., Braga, 2010.
- GRUN, Anselm, *Cada dia um Caminho para a Felicidade*, Paulinas, Lisboa, 2007.
- JAPIASSÚ, Hilton – MARCONDES, Danilo, *Dicionário Básico de Filosofia*, Rio de Janeiro, 2008<sup>5</sup>.
- MANENTI, Franco, *Dá-me vida Segundo a Tua Palavra, Lectio Divina sobre os Evangelhos Feriais do Tempo Comum (I-XII semana)*, Paulinas, Lisboa, 2004.

MARTIN, Paul, *Pessoas Felizes, A natureza da felicidade e as suas origens na infância*, Bizâncio, Lisboa, 2006.

MARUJO, Helena, *Felicidade na escola, Educação positiva*, In *Família Cristã*, 9, (2012), 43-46.

MARUJO, Helena – PERLOIRO, Maria de Fátima, *Educar para o Optimismo*, Presença, Lisboa, 2006<sup>14</sup>.

MARUJO, Helena – NETO, Luís Miguel, *Educar para o Otimismo, Guia para Professores e Pais*, Presença, Lisboa, 1999.

MARTIN, Paul, *Pessoas Felizes, A natureza da felicidade e as suas origens na infância*, Bizâncio, Lisboa, 2006.

MARTINS, Guilherme Oliveira, *Desenvolvimento humano, objetivos da educação*, In *Família Cristã*, 9, (2012), 39-41.

MASSA, Giulio Cesare, *Construir-se a si mesmo*, Paulus, Lisboa, 1994.

MORA, José Ferrater, *Dicionário de Filosofia*, Dom Quixote, Lisboa, 1982.

MOITA, Fernando, *A Missão do professor de EMRC no contexto da escola atual*, In *Pastoral Catequética*, 26, (2013), 53-74.

NUNES, D. Tomaz, Silva, *Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica*, In *Pastoral Catequética*, 5, (2006), 75-80.

PAILLARD, Thierry, *Le chemin du vrai bonheur*, Presses de la Renaissance, Paris, 2002,

PEDRINHO, Dimas Oliveira, *Competência científica e competência educativa do professor de educação Moral e Religiosa Católica*, In *Pastoral catequética*, 21/22, (2012), 21-36.

PEREIRA, Luís Silva, *Aquela ilha*, In Mensageiro, 8-9, (2014), 18-19.

PHILIPE, Jacques, *A Liberdade Interior, crescer com força da Fé, da Esperança e do Amor*, Paulus, Lisboa, 2014.

PIERRARD, Pierre, *História da Igreja*, Edições Paulinas, S. Paulo, 1986.

POLICARPO, D. José da Cruz, *A Educação Moral e Religiosa Católica, Forma do Ensino Religioso*, Secretariado Nacional de Educação Cristã, Lisboa, 1999, 57-62.

POWELL, John, *Felicidade: Um trabalho interior*, Paulistas, Lisboa, 1993.

PRADA, José Rafael, *Falemos da Felicidade, o que é a felicidade e como a podemos alcançar*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 2008.

RASSAM, Joseph, *Tomás de Aquino*, Biblioteca Básica de Filosofia, Edições 70, Lisboa, 1969.

REIMÃO, Cassiano, *Afectividade, Corporeidade e Alteridade; desafios educativos*, In *Communio*, 4, (2005), 459-473.

ROCCHETTA, Carlo, *Teologia de la Ternura, Un evangelio por descubrir*, Cervantes, Salamanca, 2001.

SANTOS, António Francisco, *EMRC – Responsabilidade de uma comunidade unida no serviço à educação*, In *Jornal, Correio do Vouga*, julho, 2013.

SARMENTO, Manuel, *Felicidade na escola*, In *Família Cristã*, 09, (2012), 41- 45.

SESBOUÉ, Bernard, *Pensar e viver a Fé no terceiro Milénio, Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2001.

SILVA, Albertino, *A Educação Religiosa Escolar, Debates no Portugal Democrático*, In *Communio*, 4, (2006), 455-464.

SILVA, Augusto Ernesto, *Discurso de abertura, Ministro da Educação*, I Congresso de Professores de Educação EMRC, Lisboa, 2001.

SILVA, Paula Oliveira, *Nem Mentir, Nem Trair, Repleto de Santo Agostinho*, In *Communio*, 3, (1999), 233-247.

SOUSA, Albano Nogueira, *Jovens com Esperanças*, Editorial Franciscana, Fafe, 1999.

TONELLI, Ricardo, *Spiritualità Giovanile*, In *Dizionario di Pastoral Giovanile*, Editrice Elledici, Università Pontificia Salesiana, Roma, 1992, 1028-1029.

VARILLON, François, *Alegria de Crer e de Viver, Conferências sobre os principais pontos da fé cristã*, Editorial A. O., Braga, 74-75.

VLOET, Johan Van Der, *Religião, Espiritualidade E Educação*, In *Communio*, 4, (2006), 411-421.

WEINER, Eric, *A geografia da felicidade, uma viagem à procura dos países mais felizes do mundo*, Lua de Papel, Lisboa, 2008.

WERNECK, Hamilton, *Tornei-me Pessoa, As cicatrizes fazem parte do passado*, Vozes, Petrópolis, Brasil, 1999.

### **Artigos internos a escola:**

*Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Damaia (PE)*, 2007.

*Projeto Curricular da Turma do 9º B*, 2012/2013.

*Regulamento Interno do Agrupamento da Escolas da Damaia*, artigo 1º, 2009/2012.


**Documento consultado na net:**

<http://terrear.blogspot.pt/2009/12/10-principios-para-uma-relacao.html>: (05/07/2015).

<http://en.wikipedia.org/wiki/Socrates>, (30/03/2015).

<http://www.projetoformers.org/sity.pt> (28/02/2013).

Anexo: (1)

2012/2013	<b>PLANIFICAÇÃO DE AULA – NÍVEL 4</b> <b>9º B - Unidade Letiva 4: “PROJETO DE VIDA”</b>				Lição n.º 18
5 de fevereiro					Aula n.º <b>1</b>
<b>1. Competências:</b> 3. Equacionar respostas à questão do sentido da realidade, a partir da visão cristã do mundo. 9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.					
<b>Sumário:</b> Definição do que é um Projeto de vida e a diferença entre projeto e projetos					
OPERACIONALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS DA APRENDIZAGEM	RECURSOS	 45min.	AVALIAÇÃO FORMATIVA
Questionar-se sobre a noção de projeto de vida e a sua importância na organização das instituições e da vida pessoal, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã. (Comp. 3 e 9)	- Apresentação da unidade Letiva <ul style="list-style-type: none"> <li>• Definição de projeto</li> <li>• O que é um Projeto de Vida;</li> <li>• Agir em conformidade com as suas escolhas.</li> </ul>	<p><b>Acolhimento</b> dos alunos, Registo do sumário;</p> <p><b>Apresentação da UL4</b></p> <p><b>Chuva de ideias</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conceito e definição de projeto</li> <li>• O que é um projeto de vida</li> </ul> <p><b>Projecção de</b> – PowerPoint – Vidas com projetos</p> <p><b>Leitura da do texto</b> – “Projetar o futuro / projeto de vida”</p> <p><b>Resolução da ficha 28;</b> Caderno do Aluno,</p> <p>Síntese da aula</p> <p><b>Música:</b> Tu és mais forte</p>	Caderno do aluno     Quadro e giz  Computador e Projetor  Manual do aluno p. 145/146  Fotocópias do Caderno do Aluno  Computador	5  10  10  5  8  7	Verificar se os alunos entram organizadamente e registam o sumário.  Garantir que cada um fala na sua vez e verificar se a participação respeita o assunto da aula.  Registrar na grelha (anexo 4) a participação dos alunos que intervêm.  (Anexo 6)
<b>SÍNTESE:</b> Um Projeto de Vida assente em valores fundamentais					

## Tópicos Para a Aula do dia 5 de Fevereiro

**Sumário: Projeto de vida** – Diferença entre projeto e projetos

**Chuva de ideias**

**Noção de projeto e projetos**

### Projeto:

**Projeto = Deriva do Latim; (Pro)+(ser) – Lançar para a frente**

**Algo que me impulsiona para a frente.**

**Faça as escolhas que fizer,**

**Sinto-me bem e feliz comigo mesma.**

**Podemos mesmo comparar com um sonho.**

### Projetos:

**É tudo aquilo que eu desejo fazer;**

**Pode ser uma profissão; (ser professora/futebolista/engenheiro).**

**Um desejo; (tirar um curso – para isso preciso de ir para a faculdade estudar...)**

**Um estado social; (casar, ser pai/mãe – para isso namoro, conheço-me, conheço-o...)**

**PowerPoint:** Manual do aluno, página 145/147

### Ficha:

Vamos responder a uma pequena ficha, que nos ajudará a situar melhor a diferença entre projeto e projetos.

### Síntese da aula:

Toda a nossa vida é feita de projetos. Mais ou menos projetamos tudo o que fazemos. No entanto, eles têm que estarem fundamentados no projeto pessoal. Esse projeto pessoal não é isolado ou fechado, centrando-me apenas em mim mesmo/mesma.

O projeto é sempre pessoal, mas reverte em função dos outros e da própria sociedade que nos rodeia.

**Música:** “Tu és mais forte” – Boss Ac.

Anexo: (1b)

Lição nº 18

**Sumário:**

Data: 5/2/2013

Projeto de vida –  
diferença entre  
projeto e projetos

1

*Projeto de Vida*

Manual do aluno pág. 144/146

*Projeto é:*

Projotar

Lançar para a frente

Alirar

- ❖ O projeto pessoal , dá sentido à vida
- ❖ Não é isolado
- ❖ Dá sentido à existência humana

Conhecimento

Perseverança

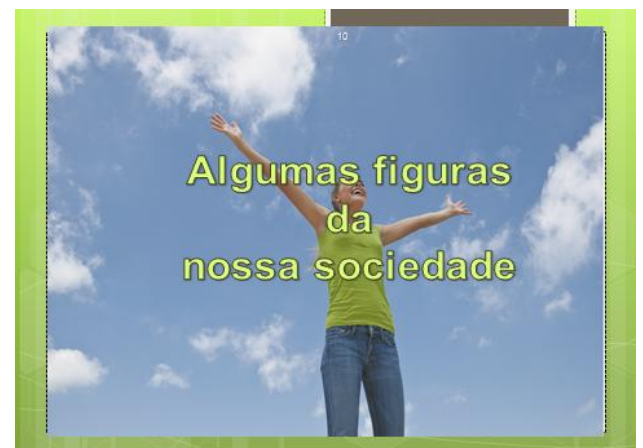
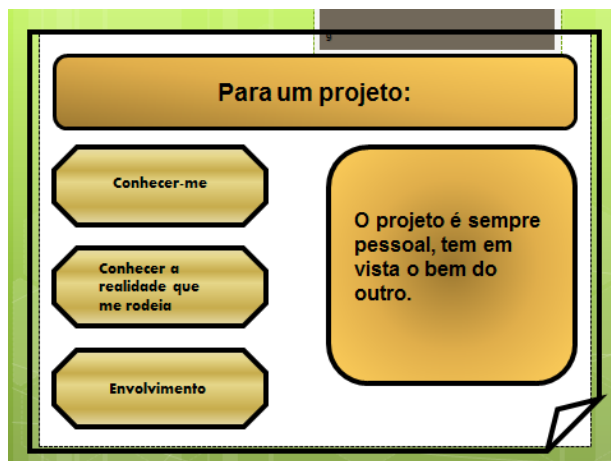
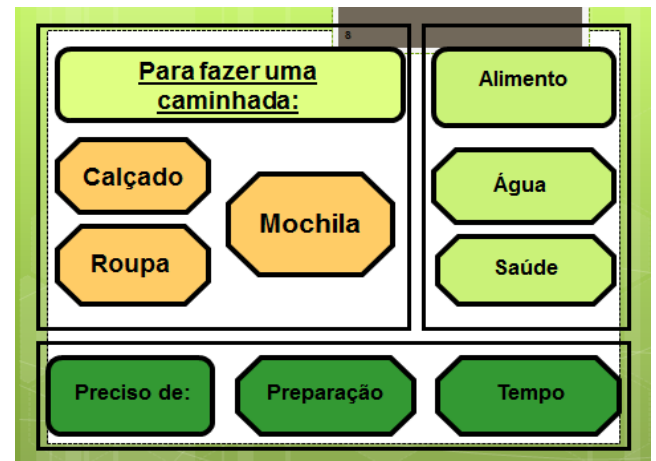
Para um Projeto

Objetivo

Força de vontade

Associado a projeto está a imagem de caminho

107




11

**Martin Luther King**

Teve um projeto?

Qual foi o projeto?

O que fez para a concretização desse projeto?



12 Martin Luther King

**Qual foi o projeto**

Foi um lutador pela igualdade racial através "da não violência".

Nos anos que antecederam a sua morte, ele expandiu sua acção para extinguir a pobreza

Foi assassinado a 4 de abril de 1968


- > Em 1977 - Recebeu a título póstumo a Medalha Presidencial da Liberdade.
- > E em 2004 - Recebeu no Congresso a título póstumo a Medalha de Ouro.
- > Em 1986 - Foi estabelecido um feriado federal nos Estados Unidos .
- > Centenas de ruas nos EUA foram renomeadas em sua homenagem.

Foi perseverante e deu a vida pelo seu projeto

13

## Nelson Mandela

- Teve um projeto?
- Qual foi o projeto?
- O que fez para a concretização desse projeto?



14 Nelson Mandela


### O que fez para a concretização desse projeto?

- Nasceu numa pequena aldeia do interior da África do Sul
- Foi advogado
- Esteve preso (por motivos de consciência)
- 10º presidente da África do Sul
- lutou pela liberdade, pela justiça e igualdade dos direitos humanos,
- Foi o mais poderoso símbolo da luta contra o regime racista

15

## João XXIII

- Teve um projeto?
- Qual foi o projeto?
- O que fez para a concretização, desse projeto?



16 João XXIII


### O que fez para a concretização, desse projeto?

- Foi um sacerdote católico desde 1904
- Foi Papa
- Era conhecido pela sua maneira simples e sincera de dialogar.
  - pela sua bondade
  - E pela sua coragem
- Salvou muitos judeus, principalmente crianças judias, durante a Segunda Guerra Mundial

17

## Cristiano Ronaldo

- Teve um projeto?
- Qual foi o projeto?
- O que fez para a concretização desse projeto ?



18 Cristiano Ronaldo

### Teve um projeto

- Ser futebolista
- Nasceu numa família humilde.
- Sentiu a exclusão e o preconceito
- Era o primeiro a chegar aos treinos e o último a sair.
- Foi persistente e perseverante

Anexo: (1c)

### Tu és Mais Forte

Tu és mais forte e sei que no fim vais vencer  
Sim, acredita num novo amanhecer,  
Não tenhas medo, sai à rua e abraça alguém  
E vai correr bem, tu vais ver.

Tu mereces muito mais  
És forte, abanas mas não caís,  
Mesmo que sintas o mundo a ruir  
Quando as nuvens passarem vais ver o sol a sorrir,  
A estrada não é perfeita  
Apenas uma vida, aproveita,  
Só perdes se não tentares  
E não desistas se falhares,  
O que não mata engorda  
Torna o teu sonho real, acorda,  
Limpa as lágrimas e luta  
Segue o teu caminho e escuta,  
A voz dentro de ti  
As respostas que procuras, dentro de ti,  
Acredita em ti que tu és  
Mais forte e tens o mundo a teus pés.

Tu és mais forte e sei que no fim vais vencer  
Sim, acredita num novo amanhecer  
Não tenhas medo, sai à rua e abraça alguém  
E vai correr bem, tu vais ver

Um dia tudo fará sentido  
E vais ver que terás o prémio merecido  
És o que és, não és o que tens  
A tua essência não se define pelos teus bens  
Às vezes as pessoas desiludem,  
Mas não fiques em casa parado à espera que mudem  
Muda tu rapaz,



Boss Ac

Muda a tua atitude, vais ver ver que és capaz  
E nada te pode parar  
Os cães vão ladrar e a caravana a passar  
O teu sorriso de vitória no rosto  
Nem tudo é fácil mas assim dá mais gosto  
Quando acreditas a força nunca se esgota  
Só a reconheces a vitória se souberes o que é a derrota  
Vais ver que no fim acaba tudo bem  
Sai à rua e abraça alguém.

Tu és mais forte e sei que no fim vais vencer  
Sim, acredita num novo amanhecer  
Não tenhas medo, sai à rua e abraça alguém  
E vai correr bem, tu vais ver.

Tu és, tu és, tu és  
Mais forte e no fim vais vencer  
Tu és, tu és oh oh oh oh.


Tu és mais forte e sei que no fim vais vencer  
Sim, acredita num novo amanhecer  
Não tenhas medo, sai à rua e abraça alguém  
E vai correr bem, tu vais ver.

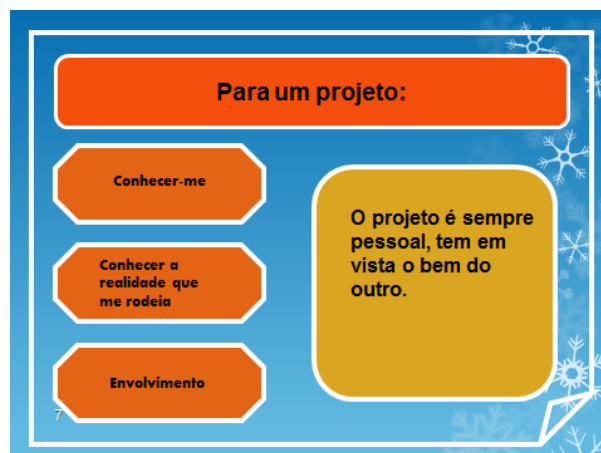
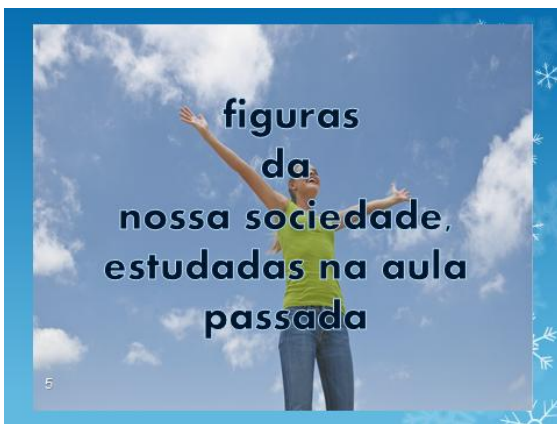
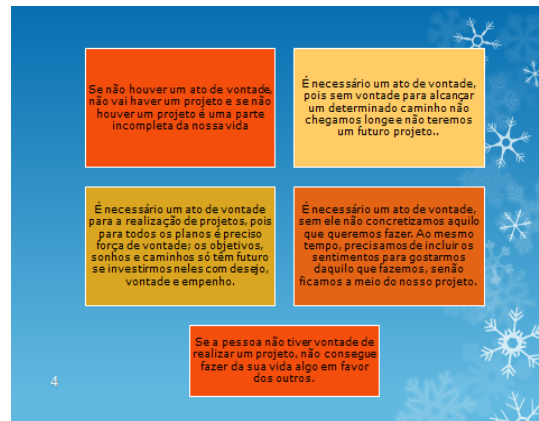
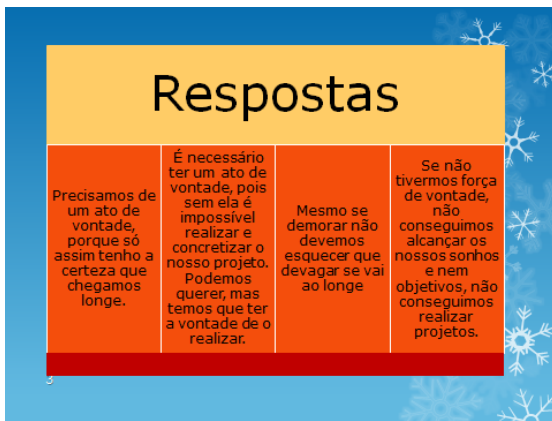
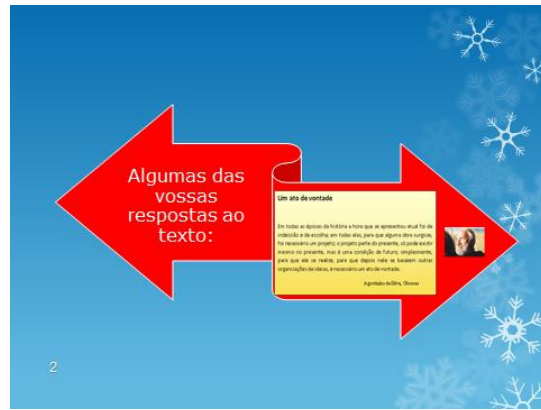
Tu és, tu és, tu és  
Mais forte e no fim vais vencer  
Tu és, tu és oh oh oh oh<sup>216</sup>.

---

<sup>216</sup> Cd do portefólio do estágio.

Anexo: (2)

2012/2013	<b>PLANIFICAÇÃO DE AULA – NÍVEL 4</b> <b>9º B - Unidade Letiva 4: “PROJETO DE VIDA”</b>				Lição n.º 19
19 de fevereiro					Aula n.º 2
1. <b>Competências:</b> 5. Interpretar produções culturais que utilizam ou aludem a perspetivas religiosas ou valores éticos. 12. Relacionar-se com outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.					
<b>Sumário:</b> O ser humano perante as suas escolhas.					
OPERACIONALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS	CONTEÚDOS	EXTRATEGIAS DA APRENDIZAGEM	RECURSOS	 45min.	AVALIAÇÃO FORMATIVA
Relacionar o eixo central da vida pessoal com o agir feliz, optimista e empenhado na construção de relações humanizadoras e de sociedades mais justas. (Comp. 5 e 12)	- Construção de uma sociedade justa e solidária  - Os grandes objetivos do ser humano	<b>Acolhimento</b> dos alunos <b>Registo do sumário</b>  <b>Música</b> – da aula anterior <b>Chuva de ideias</b> – sobre a música e sobre a aula anterior  <b>PowerPoint</b> – fazendo a ponte entre as personagens anteriores e o seu projeto.  <b>Trabalho a pares</b> – A diversidade de alguns projetos.  <b>Exposição do trabalho.</b>  <b>Entrega do TPC</b> – Ficha nº 29  Síntese da aula	Caderno do aluno  Quadro e giz  Computador e projetor Quadro e giz  Textos  Folha de papel	5 3  10  5  15  2  5	O professor certifica-se que os alunos escreveram o sumário.  Registo na grelha de observação. (anexo 4)  Observação direta: Participação pertinente e oportuna; assiduidade, pontualidade; interesse; espírito crítico, capacidade de escuta e tolerância.
<b>SÍNTESE:</b> Levar que os alunos a perceberem o quanto é importante que todos tracem um projeto de vida e os envolva totalmente					



Anexo: (2b)

## **Breve Biografia de Angelina Jolie**

Angelina Jolie (Los Angeles, 4 de Junho de 1975) é uma atriz de cinema e de televisão, vencedora de um Oscar, dois Screen Actors Guild Awards, e três Prêmios Globos de Ouro.



Angelina Jolie promove causas humanitárias, e é conhecida pelo seu trabalho com refugiados como embaixadora da Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR).

Ela tem sido citada como uma das pessoas mais atraentes do mundo.

Em meados de 2009, Angelina Jolie ficou em primeiro lugar no ranking da revista Forbes, sobre as atrizes mais bem pagas de Hollywood, segundo dados divulgados pela revista.

Em julho de 2005 Angelina e Brad Pitt, vão à Etiópia para adotar sua filha Zahara Marley, que vivia num orfanato. E no fim do mesmo ano 2005, visitaram por duas vezes o Paquistão como embaixadores da ONU, ajudar às vítimas de um terremoto.

No dia 2 de dezembro de 2005 foi anunciado o início do processo legal de adoção dos dois filhos adotivos, Maddox e Zahara, tendo requerido também a mudança do sobrenome das crianças para Jolie-Pitt. Pouco mais de um mês depois, no dia 19 de janeiro de 2006, um juiz de Santa Mônica, na Califórnia, aprovou o pedido. Jolie e Pitt também são pais adotivos de Pax Tien, nascido no Vietnã.

No dia 27 de maio de 2006, Angelina Jolie deu à luz, em Swakopmund, na Namíbia, o primeiro filho biológico do casal, uma menina a quem chamaram Shiloh Nouvel Jolie-Pitt. Após muitos rumores de uma nova gravidez, Angelina confessou estar grávida de gêmeos, informação que a imprensa internacional dava como certa, durante o Festival de Cannes 2008, quando divulgava a animação Kung Fu Panda, na qual ela dubla uma personagem.

Angelina foi nomeada Embaixadora da Boa Vontade do Alto Comissariado das Nações Unidas (ONU) por seu trabalho junto aos refugiados de Serra Leoa.

Em mais uma ação humanitária, Angelina Jolie visitou um campo de refugiados da Síria, que se escondem perto da fronteira na cidade vizinha Zaatari, na Jordânia, e conversou com as crianças.

## Breve Biografia de Irena Sendler

Irena Sendler, foi homenageada em 2007 por ter salvado a vida de 25000 crianças judias durante o holocausto.

Heroína desconhecida fora da Polónia e apenas reconhecida no seu país por poucos historiadores devido ao obscurantismo comunista que havia apagado sua façanha dos livros de história oficiais, Irena nunca contou a ninguém sobre sua vida durante aqueles anos.

Em 1999 sua história começou a ser conhecida graças a um grupo de alunos de Kansas através de um trabalho de conclusão de curso sobre os Heróis do Holocausto.

Na pesquisa encontraram poucas referências sobre Irena, mas com um dado surpreendente de 2.5000 vidas foram salvas por ela. Como era possível não existir informação sobre uma pessoa assim? Mas a maior surpresa viria depois. Ao investigarem o local do túmulo de Irena descobriram que nunca existiu porque ela estava viva. Aos 97 anos residia em um asilo em Varsóvia num quarto cercado de flores e cartões de agradecimento de sobreviventes.

Quando a Alemanha invadiu o país em 1939, Irena era enfermeira no Departamento de Bem-estar Social de Varsóvia, onde cuidava das refeições comunitárias. Desde o outono de 1940, Irena Sendler assumiu riscos consideráveis para levar alimentos, roupas e remédios aos habitantes do gueto que os ocupantes nazistas instalaram num quarteirão da capital de Varsóvia.

Irena, horrorizada pelas condições de vida impostas a seus moradores judeus, e devido à falta de comida, muitos morreram, outros em consequência de doenças e outros foram mandados para as câmaras de gás do campo de Treblinka.

Um dia os nazistas acabaram descobrindo suas atividades e a levaram à prisão. Como Irena era a única pessoa que sabia os nomes e onde se encontravam as famílias que abrigaram as crianças judias, queriam que denunciasse, como não o fez, quebraram-lhe os pés e as pernas, além de inúmeras torturas e foi sentenciada a morte. A caminho de sua execução, o soldado que a levava a deixou escapar. Embora oficialmente ela constasse nas listas dos executados, a resistência havia subornado o soldado salvando a vida de Irena. Ela mesma desenterraria os vidros com as anotações e tentou unir os 2500 meninos que colocou com famílias adotivas devolvendo-os a suas famílias biológicas que tinham sobrevivido.

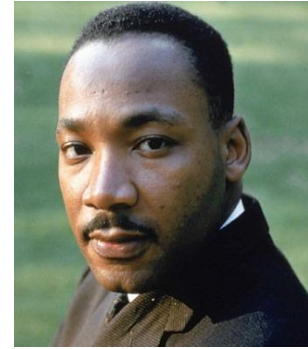


## **Breve Biografia de Martin Luther King**

Nasceu em 15 de janeiro de 1929, em Atlanta, Geórgia. Filho de Martin Luther King e de Alberta Williams King.

Seu nome legal ao nascer era de "Michael King"; seu pai, que mudou seu nome de Michael a Martin Luther,

Martin, era o filho do meio entre a irmã mais velha, Willie Christine King, e um irmão mais novo, Alfred Daniel Williams King.



Ele organizou e liderou marchas a fim de conseguir o direito ao voto, o fim da segregação, o fim das discriminações no trabalho e outros direitos civis básicos. A maior parte destes direitos foi, mais tarde, agregada à lei estado-unidense com a aprovação da Lei de Direitos Civis em 1964, e da Lei de Direitos Eleitorais em 1965.

King e o CLCS escolheram com grande acerto os princípios do protesto não violento, ainda que como meio de provocar e irritar as autoridades racistas dos locais onde se davam os protestos - invariavelmente estes últimos retaliavam de forma violenta.

Em 14 de outubro de 1964, King recebeu o prêmio Nobel da Paz, que lhe foi outorgado, (depois da morte), em reconhecimento à sua nação e à sua liderança na resistência a não violenta e pelo fim do preconceito racial nos Estados Unidos.

Martin Luther King era odiado por muitos segregacionistas do sul, o que culminou em seu assassinato no dia 4 de abril de 1968.

Em 1986, foi estabelecido um feriado nacional nos Estados Unidos para homenagear Martin Luther King, o chamado "Dia de Martin Luther King".

## Breve Biografia de Nelson Mandela



Nelson Mandela era um dos treze filhos de Nkosi Mphakanyiswa Gadla Mandela com Nosekeni Fanny, a terceira esposa de seu pai.

Na sua casa moravam também muitos outros meninos, e dependentes da família. Seus pais eram analfabetos.

A educação inicial que recebera era, sobretudo, oral e aprendia não de modo sistemático, mas perguntando aos mais velhos. Desta forma cresceu observando os costumes, os tabus, os rituais. Aos cinco anos de idade começou a seguir outros meninos nas lidas do campo, longe dos pais, cuidando do gado.

Naqueles tempos, após o jantar, era costume ter a mãe ou uma das tias a narrar velhas histórias, mitos, fábulas, ouvia então contarem de reis lendários e heróis.

Em 1925 passa a frequentar a escola primária existente na vila próxima de Qunu. É lá que recebe o nome "Nelson", em homenagem ao Almirante Horatio Nelson, dado por sua professora, atendendo ao costume de dar nomes ingleses a todas as crianças que frequentavam a escola.

Aos nove anos de idade seu pai morre, em 1927, e Mandela é enviado para a vila real de Mqhekezweni, aos cuidados do regente do povo Tembu.

Passando do interior rural para uma vida na faculdade, transformou-se em jovem advogado na capital e líder da resistência não-violenta da juventude em luta, acabando como réu em um infame julgamento por traição, foragido da polícia. De prisioneiro tornou-se o político mais galardoado em vida, responsável pela refundação de seu país.

Nelson Mandela é considerado como um dos mais importante líder da África Negra. Em 1993, ganha do Prémio Nobel da Paz e Pai da Pátria da moderna nação sul-africana.

Até 2009 tinha dedicado 67 anos de sua vida ao serviço da humanidade - como advogado dos direitos humanos e prisioneiro de consciência, até tornar-se o primeiro presidente da África do Sul livre, razão pela qual em sua homenagem a ONU instituiu o Dia Internacional Nelson Mandela no dia de seu nascimento, como forma de valorizar em todo o mundo a luta pela liberdade, pela justiça e pela democracia.

Foi o mais poderoso símbolo da luta contra o regime segregacionista do Apartheid, sistema racista oficializado em 1948, e modelo mundial de resistência.

## **Breve Biografia de Nicholas James Vujicic**



Filho primogênito de uma família sérvia, Nick Vujicic nasceu em Melbourne, Austrália, com a rara Tetra-amelia: sem membros.

Faltando os dois braços na altura dos ombros, e sem pernas, mas com dois pés pequenos, um dos quais com dois dedos. Inicialmente, seus pais ficaram devastados, mas Vujicic era saudável.

Sua vida foi cheia de dificuldades e privações. Ele foi proibido por lei estadual de Victoria de frequentar uma escola regular por causa de sua deficiência física, mesmo ele não sendo um deficiente mental.

Durante a sua escolaridade, as leis foram mudadas, e Vujicic foi um dos primeiros estudantes deficientes físicos a ser integrado numa escola regular. Ele aprendeu a escrever usando os dois dedos do pé esquerdo, e um dispositivo especial que deslizava sobre o dedão do pé que ele usa para agarrar. Ele também aprendeu a usar um computador, jogar bolas de tênis, pentear o cabelo, escovar os dentes, atender o telefone, fazer a barba e obter um copo de água.

Sofreu bullying em sua escola, Vujicic, crescendo muito deprimido e, com 8 anos de idade, começou a contemplar o suicídio. Depois de implorar a Deus para crescer os braços e pernas, Nick finalmente começou a perceber que suas realizações foram inspiradoras para muitas pessoas e começou a agradecer por estar vivo.

A grande mudança em sua vida foi quando sua mãe lhe mostrou um artigo de jornal sobre um homem lidando com uma grave deficiência. Isso o levou a perceber que ele não era o único que lidava com grandes problemas.

Nick se formou na universidade com 21 anos de idade com uma diplomação em Contabilidade e Planejamento Financeiro.

Começou suas viagens como um palestrante motivacional, invocando os temas que os adolescentes de hoje enfrentam.

O seu objetivo é tornar-se um palestrante internacional de inspiração, com cristãos e não cristãos. Viaja regularmente para outros países para falar às congregações cristãs, escolas e reuniões empresariais. Já fez palestras para mais de três milhões de pessoas até agora, em mais de 24 países nos cinco continentes (África, Ásia, Austrália, América do Sul e América do Norte).

## Breve Biografia de Tony Melendez

O nicaraguense Tony Melendez, não deixou que o “destino” dissesse como devia viver.

Todos nós passamos por problemas e momentos indesejados no decorrer de nossas vidas. Contudo, eu acredito que quase sempre podemos escolher como vamos reagir a essas influências externas.



Tony Melendez nasceu sem os dois braços, uma deficiência causada por um remédio que a mãe tomou durante a gravidez, para enjoos, chamado Talidomina.

A sua deficiência, não o impediu de se tornar um músico de sucesso e ganhador de vários prêmios. Tony se tornou um exemplo de vida, no que diz respeito a superação de limites. Pois teve que superar não apenas a deficiência física como os opositores externos de todos os tipos. Desde pequeno aprendeu com seu pai, seu maior incentivador, que não deveria acreditar no que as outras pessoas diziam a seu respeito. Coisas como; “isso não é possível”, “você não vai conseguir”, “você possui limitações”.

Mesmo com todo o apoio e carinho da família, sua vida não foi nada fácil, podemos imaginar o que uma criança sem braços pode ter passado na infância? Ele relata que as crianças corriam dele rindo e gritando:

– Um garoto sem braços! Um garoto sem braços!

Imagine a dor de não poder brincar junto com as outras crianças, imagine quais crenças podem ser “instaladas” nesse momento.

Tony não toca apenas violão com os pés, mas faz tudo que uma pessoa faz.

Um dos momentos mais emocionantes, é quando ele faz uma apresentação para o Papa João Paulo II em Los Angeles, naquele momento Tony descobria sua missão pessoal, que era de levar uma mensagem de esperança e superação para todas as pessoas.

A história de Tony Melendez é apenas uma das histórias de milhares de pessoas com algum tipo de deficiência, mas que não deixaram que isso fosse o fim para elas, muito pelo contrário, descobriram do que eram capazes de fazer.

Ele não permitiu que sua limitação física se tornasse uma limitação mental, e em nenhum momento deixou de acreditar que poderia ter uma vida normal.

## **Breve Biografia de Papa João XXIII**

Nasceu e foi batizado em sotto il Monte, na província de Bérgamo, Itália, com o nome Angelo Giuseppe Roncalli, no dia 25 de Novembro de 1881.

Era o terceiro filho duma família agrícola pobre e numerosa. Devido à fervorosa vida religiosa da família e da sua paróquia local, Roncalli acabou por ingressar no Seminário de Bérgamo.

Foi nomeado Papa tomando o nome de João XXIII. O seu pontificado durou apenas 5 anos, mas foi este homem que convocou o concílio Vaticano II, à 50 anos atrás.

Durante a Segunda Guerra Mundial 1939-1945, na Turquia neutra, conseguiu salvar muitos judeus com a distribuição gratuita de permissões de trânsito fornecidas pela Delegação Apostólica, de certificados de batismo temporários e de certificados de imigração para a Palestina arranjados por organizações judaicas.

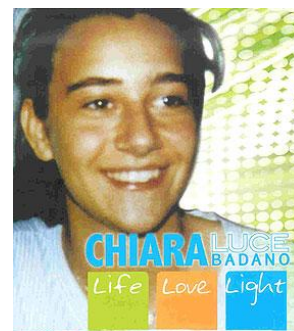
Em Setembro de 1940, teve pela primeira vez um vago conhecimento do sofrimento dos judeus, quando ele contactou e ajudou os refugiados judeus vindos da Polónia a alcançarem a Palestina.

Desde então, ele fez inúmeras tentativas, umas falhadas e outras bem-sucedidas, para ajudar e salvar judeus de diversos países e regiões, tais como a Hungria, a Roménia, a Itália, a França, a Alemanha, a Eslováquia, a Croácia, a Grécia e a Bulgária, onde intercedeu a favor dos judeus junto do Rei Bóris III da Bulgária. Além disso, ele continuou também a ajudar corajosamente os refugiados judeus que conseguiram chegar à Turquia a alcançarem a Palestina.

Uma das suas ações humanitárias mais importantes foi coordenar o envio, através dos agentes judaicos, ou da Santa Sé, de certificados de batismo temporários, visto que os nazis não prendiam os judeus batizados ou protegidos pela Igreja Católica. Era distribuído certificados de batismo, muitos deles falsos e independentemente se os seus beneficiários receberam ou não o batismo, foi idealizada por Roncalli e apoiada por Ira Hirschmann. Ele inspirou-se em alegados casos de algumas religiosas da Congregação de Nossa Senhora do Sião que já distribuía secretamente estes certificados aos judeus húngaros.



## Breve Biografia de Chiara Luce



Chiara Luce nasceu numa família simples. Filha de pais católicos praticantes. Era filha única, depois de 11 anos em tentativas para ter um filho. Sua chegada é considerada uma graça de Nossa Senhora das Pedras. Foi educada aos

ensinamentos de seus pais para se tornar uma cristã. Conta a sua mãe, Maria Teresa: "Mas percebemos logo que não era filha apenas nossa, era, antes de tudo, filha de Deus, e como tal a devíamos educar, respeitando a sua liberdade".

Aos 9 anos entrou como Gen (geração nova) no Movimento dos Focolares. Viveu a sua espiritualidade e pouco a pouco envolveu os pais.

Prosseguiu os estudos até o Liceu clássico.

Aos 13 anos, começou a fazer parte das Gen 3 da Ligúria, e pela sua coerência de vida era por vezes muito criticada pelas amigas.

Participava com atenção nas aulas, procurava amar todos os professores, mesmo os mais difíceis, e era muito disponível para ajudar todos.

Aos 17 anos, de repente, uma dor aguda no ombro esquerdo revelou, nos exames e nas inúteis operações, um osteossarcoma que deu início a um calvário de dois anos aproximadamente. Depois que ouviu o diagnóstico, Chiara não chorou, nem se revoltou: ficou imóvel em silêncio.

Chiara era bonita, gostava de fazer desporto e os seus amigos consideravam-na uma pessoa extraordinária.

Transmitia a todos serenidade, paz e alegria. A sua vida é um exemplo para muitas pessoas.

Assim, aos 19 anos, no dia 7 de Outubro de 1990, faleceu de cancro. Os médicos, ficavam desconsertados com a paz que se sentia ao seu redor. Foram usados alguns adjetivos por esses médicos, que descrevem a sua serenidade e a fortaleza, com que Chiara encarou essa doença.

Ela disse Dizia à mãe: "quando me quiser encontrar, olhe para o céu, me encontrará numa estrelinha".

Anexo: (2c)

**Depois de lerem o texto, respondam as seguintes alíneas:**

1. Qual é a profissão ou estatuto da personagem do texto?

---

---

2. Resumam qual é, ou foi o seu projeto?

---

---

---

---

---

---

3. O projeto reverte ou reverteu a seu favor ou a de outros?

---

---

4. Acham que este projeto, enquadra-se dentro da noção que têm de “projeto de vida”?

---


---

---

Nomes:

Data:

Anexo: (3)

2012/2013	<b>PLANIFICAÇÃO DE AULA – NÍVEL 4</b> <b>9º B - Unidade Letiva 4: “PROJETO DE VIDA”</b>				Lição n.º 20
26 de Fevereiro					Aula n.º 3
1. <b>Competências:</b> 3. Equacionar, à luz da mensagem Cristã, a dignidade da pessoa humana. 12. Relacionar-se com outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.					
<b>Sumário:</b> Como construir uma sociedade mais justa, solidária e fraterna					
OPERACIONALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS	CONTEÚDOS	EXTRATEGIAS DA APRENDIZAGEM	RECURSOS	 45min.	AVALIAÇÃO FORMATIVA
Relacionar a fé em Deus como eixo central da vida pessoal com o agir feliz, otimista e empenhado na construção de relações humanizadoras e de sociedades mais justas. (Comp. 3 e 12)	- Construção de uma sociedade justa e solidária	<b>Acolhimento</b> dos alunos <b>Registo do sumário</b>	Caderno do aluno	5	O professor certifica-se que os alunos escreveram o sumário.
		<b>Continuação da apresentação oral da aula anterior</b>	Fichas	10	Registo na grelha de observação. (anexo 4)
	- Os jovens e as suas inquietações.	<b>Projeção do filme</b> – (Projeto transforma-se).	Computador e projetor	5	Observação direta: Participação pertinente e oportuna; assiduidade, pontualidade; interesse; espírito crítico, capacidade de escuta e tolerância.
		<b>Chuvas de ideias</b> – Sobre o filme e TPC	Quadro e giz	10	
	- Os grandes objetivos do ser humano	<b>Ler o texto do manual do aluno</b> pág.	Manual do aluno	3	
		<b>Responder a sós a ficha preparada pela professora</b>	Ficha preparada pela professora	7	
Síntese da aula			5		
<b>SÍNTESE:</b> Levar os alunos a perceberem o quanto é importante que todo o corpo deve estar envolvido no projeto pessoal.					



**TRANSFORM  
YOUR  
SOCIETY.**

## **Síntese – Projecto transformers**

Somos jovens, que decidimos apostar na construção da sociedade através do “projecto transformers”.

Somos jovens equipados com um desporto, forma de arte, talento ou capacidade, dedicados a fazer a diferença fazendo aquilo que já fazem, ou que aprenderam a fazer.

Assim, uns de nós têm jeito para a organização, outros para a biologia, a medicina ou a gestão, outros são peritos em teatro, bateria, tocar guitarra, outros ainda em canto, stand-up comedy, surf, bodyboard, btt, graffiti ou break-dance, boxe, pintura, parkour, fotografia, cinema... No “Projecto Transformers” há lugar para todos, porque o lugar de todos é também o lugar de cada um.







Não somos mais que uma associação juvenil dedicada a combater problemas e desafios sociais, mas mobilizando aquele que nos parece ser o ativo da sociedade mais desaproveitado: a sua juventude – as nossas ideias, energia, motivação, dedicação, criatividade, otimismo, persistência e determinação.

Ajudamos a transformar a juventude numa geração de transformers. Na raiz desta transformação, existe um programa de voluntariado que já mobilizou mais de 50 mentores dos desportos, formas de arte e atividades mais variadas para orientarem mais de 500 jovens em escolas, hospitais, centros de detenção, centros de acolhimento, bairros sociais e centros de ensino especial a encontrarem no desporto, arte ou atividade com que se identificam uma forma de se exprimirem e intervirem positivamente na comunidade.<sup>217</sup>

---

<sup>217</sup> Cd do portefólio do estágio.

Eu, o meu corpo e os meus sentidos; Que faço deles!

<p>Com a minha cabeça penso e</p>  <p>posso pensar o quê?</p>	
<p>Com os meus olhos, vejo ou</p>  <p>posso ver o quê?</p>	
<p>Com a minha boca digo ou posso</p>  <p>dizer o quê?</p>	
<p>Com o meu coração eu sinto ou</p>  <p>posso sentir o quê?</p>	
<p>Com as minhas mãos eu faço e</p>  <p>posso fazer o quê?</p>	
<p>Com os meus pés eu caminho e posso</p>  <p>caminhar por onde?</p>	


Nome:

Anexo: (3c)

## Como me vejo que qualidades me caracteriza:

Apaixonado	Pacificador
Audacioso	Paciente
Aventureiro	Protetor
Amigável	Perseverante
Assertivo	Prudente
Atento	Respeitador
Corajoso	Responsável
Compreensivo	Sensível
Dinâmico	Solidário
Determinado	Sonhador
Cooperante	Simpático
Generoso	Simples
Justo	Sincero
Honesto	Sociável
Flexível	Tolerante
Leal	Trabalhador
Lutador	Verdadeiro
Otimista	

Anexo: (4)

2012/2013		<b>PLANIFICAÇÃO DE AULA – NÍVEL 4</b> <b>9º B - Unidade Letiva 4: “PROJETO DE VIDA”</b>				Lição n.º 21
5 de Março						Aula n.º 4
1. <b>Competências:</b> 5. Interpretar produções culturais que utilizam ou aludem a perspetivas religiosas ou valores éticos. 9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã. 10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.						
<b>Sumário:</b> A sociedade e suas dificuldades, perante as suas escolhas.						
OPERACIONALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS DA APRENDIZAGEM	RECURSOS	 45min.	AVALIAÇÃO FORMATIVA	
Mobilizar valores éticos e estratégias de actuação com vista à concretização de projetos de vida verdadeiramente humanos. (Comp. 5, 9 e 10)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A sociedade e seus problemas.</li> <li>- Os objetivos fundamentais do ser humano.</li> <li>- O sentido da vida.</li> <li>- O projeto de vida como meio para alcançar uma vida plena de significado.</li> </ul>	<b>Acolhimento</b> dos alunos <b>Registo do sumário</b>	Caderno do aluno	5	Verificar se os alunos registam o sumário.	
		<b>Diálogo</b> – Sobre a aula passada e o que se pretende com a aula hoje.		5		
		<b>Trabalho de grupo</b> – Recortar de jornais imagens, notícias que caracterize problemas da sociedade nos dias de hoje.	Jornais, revistas tesoura, cartolina e cola	15	Supervisionar e ajudar a superação de alguma dificuldade nos grupos.	
		<b>Plenário</b> - Apresentação do trabalho grupo – fixar nos placares da sala.		10		
		<b>Leitura do texto</b> – “A felicidade como projeto” e lançamento do projeto para à turma.	Manual do aluno p. 158/159	5	A professora certifica-se da participação dos alunos.	
		<b>Atividade para casa</b> – Pesquisa de frases subordinadas ao tema: Felicidade e Esperança  <b>Síntese da aula</b>	Entrega de uma folha, com orientação do TPC	5		
<b>SÍNTESE:</b> Que os alunos, percebam a importância de refletirem, pensarem sobre a sociedade atual e qual é a marca querem deixar nela.						

Anexo: (4a)

## Orientações para o Trabalho de Grupo

Neste grupo vais/vão pensar, observar, trabalhar sobre a sociedade atual, numa dimensão das suas inquietações.

- ✓ Quais são as inquietações da sociedade!
- ✓ Como é que a sociedade vive perante toda a problemática da crise, do desemprego, etc
- ✓ Como é que reage perante essas mesmas inquietações!

Recorta do jornal e das revistas, notícias que caracterize o tema acima mencionado e usa a tua/vossa criatividade para preencheres a cartolina.

### Tema para cada grupo:

- Uma Sociedade sofredora. (Cartolina de cor laranja)
- Uma Sociedade desacreditada. (Cartolina de cor verde)
- Uma Sociedade cansada. (Cartolina azul)
- Uma Sociedade inquieta. (Cartolina de cor amarela)

### Fotografias dos cartazes



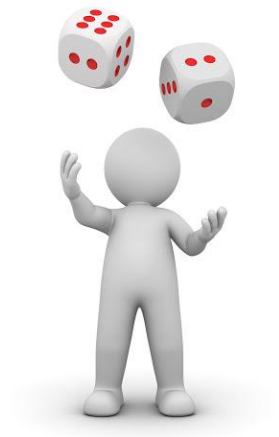
Anexo: (4b)

**Trabalho para casa: (Para o projeto de turma).**


Procurar e escreve nesta folha, entre 5 a 10 frases, subordinadas ao tema:

✚ Felicidade

✚ Esperança



Anexo: (5)

2012/2013	<b>PLANIFICAÇÃO DE AULA – NÍVEL 4</b> <b>9º B - Unidade Letiva 4: “PROJETO DE VIDA”</b>				Lição n.º 22
12 de Março					Aula n.º 5
2. <b>Competências:</b> 5. Interpretar produções culturais que utilizam ou aludem a perspetivas religiosas ou valores éticos, 12. Relacionar-se com outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.					
<b>Sumário:</b> Uma sociedade em construção – pela justiça solidária e feliz e simbologia da Páscoa					
OPERACIONALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS DA APRENDIZAGEM	RECURSOS	 45min.	AVALIAÇÃO FORMATIVA
Equacionar respostas ao sentido da vida e aos projetos pessoais, mediante a organização de um universo coerente de valores e respectiva mobilização dos comportamentos, cm base nos princípios de cooperação e solidariedade (Comp. 5 e12).	- Projeto de Deus sobre a Humanidade  - A Páscoa  - O jovem perante o mundo real: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quais são as suas interrogações?</li> <li>• Qual é o seu papel?</li> <li>• Que fazer do seu futuro</li> </ul>	<b>Acolhimento</b> dos alunos <b>Registo do sumário</b>  <b>Continuação da aula anterior</b> – Como se vê a sociedade hoje  <b>Recolha do TPC</b> – Frases pesquisadas – (explicar a razão do TPC)  <b>Filme:</b> muitos vêm, mas só alguns fazem a diferença  <b>Simbologia da Páscoa:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O voltar-se</li> <li>• Sair da escuridão</li> <li>• Ter luz nas decisões</li> </ul> Pequena sondagem – Os desejos / as inquietações  <b>Entrega de uma lembrança da Páscoa</b> – Mensagem com o adjetivo que cada se auto reconheceu  <b>Síntese</b>	Caderno do aluno (Cartolinas)  Folha de papel  Computador e projetor  Quadro e giz  Cartão e atividade preparada pela professora	5  10  5  5  10  5	O professor certifica-se que os alunos escreveram o sumário.  Registo na grelha de observação. (anexo 4D)  Observação direta <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação</li> <li>• Assiduidade</li> <li>• Pontualidade</li> <li>• Interesse</li> <li>• Realização das atividades propostas)</li> </ul>
<b>SÍNTESE:</b> Que os alunos ao se conhecerem e conhecerem a sociedade que os rodeia, possam expressar os seus desejos mais íntimos para viverem felizes nesta mesma sociedade e que é pelas coisas simples, que fazemos a diferença.					

Anexo: (5a)

**Atividade** – Os desejos / as inquietações.

Modelo do cartão que foi entregue aos alunos.

Esta atividade foi impresso em papel de diversas cores, com o fim de ser mais atrativo.


Nele estavam escritas três interrogações – estás mesmas foram sugeridas pelo orientador da dissertação, Drº António Martins.

**Duplicidade ou igualdade**

Qual é o teu desejo ou sonho, mais profundo? \_\_\_\_\_

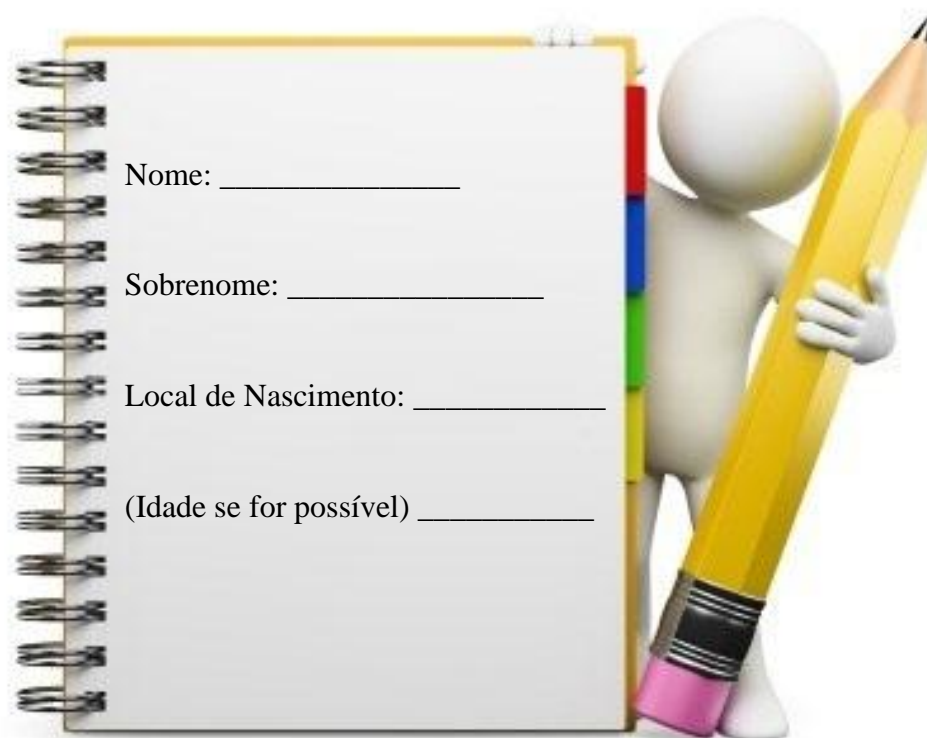
Qual é a tua inquietação?  
\_\_\_\_\_

Que marcas queres deixar na tua vida? \_\_\_\_\_



Cartão entregue a cada aluno

### Guião para a entrevista



**Profissão que está a desempenhar?**

**Faz o que desejava fazer?**

**Quando era jovem, queria ser, ou sonhava ser o quê?**

**É feliz com aquilo que faz?**

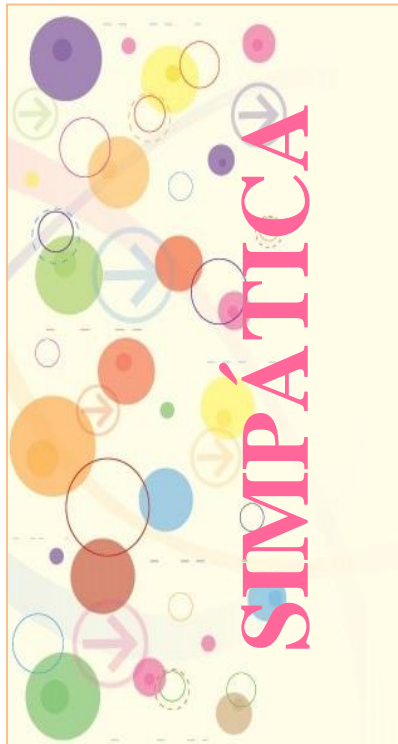
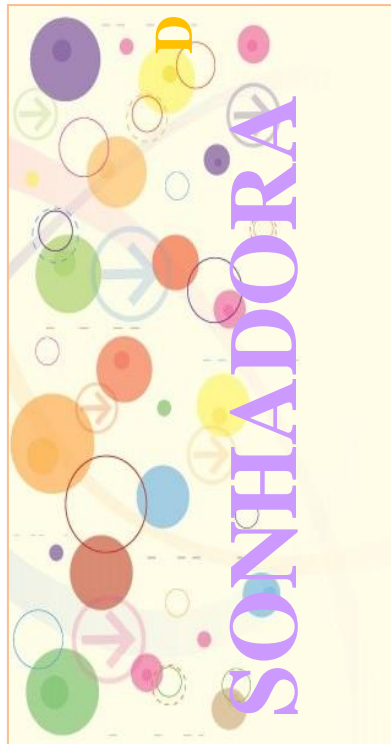
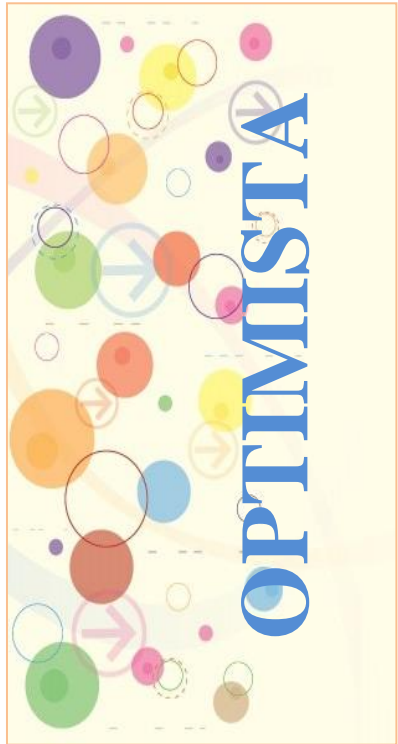
**Em poucas palavras, como descreves ou resumes a sua vida?**

**Nota: Os alunos vão interrogar dois a dois uma das seguintes pessoas:**

**A mãe/ O Pai/ uma psicóloga, (pode ser a da escola)/ O Sacerdote, (parco)/ funcionário da escola/ uma enfermeira/ Professor da escola/ uma professora que trabalha com o ensino especial/ Uma pessoa que trabalha num bar/ e um amigo(a).**

Anexo: (5c)

Marcadores: Mensagem com o adjetivo que cada se auto reconheceu



## **Leal**

adj.

Que se comporta com as características de ser uma pessoa leal. Uma pessoa que vive para e na verdade.

É uma pessoa digna, de bom caráter, honrado, digno e sincero e fiel.

*As professoras estagiárias desejam Feliz Páscoa 2013*

## **Lutadora**

s.m.

Aquele que luta; pessoa que gosta de lutar, de apaziguar.

É esforçado, que enfrenta as dificuldades, é bom um bom lutador na vida.

*As professoras estagiárias desejam Feliz Páscoa 2013*

## **Optimista**

adj.

É uma pessoa com um comportamento otimista.

Algo ou alguém que manifesta otimismo: o otimista nunca se abate à frente de um obstáculo, é exuberante e otimista.

## **Sensível**

adj.

Dotado de sensibilidade, que tem sentidos: o homem é um ser sensível.

Tem uma forte sensibilidade para as coisas materiais, concretas e íntimas, concreto.

É uma pessoa emotiva, compassiva, humana e terna.

*As professoras estagiárias desejam Feliz Páscoa 2013*

## **Sonhadora**

adj. e s.m.

Que ou quem sonha, que cria horizontes

Alimenta seu espírito pelo aspeto belo da vida.

Dá a volta nas situações difíceis e complicadas.

É uma pessoa que vive sempre com muito otimismo e força de vontade.

*As professoras estagiárias desejam Feliz Páscoa 2013*

## **Simpática**

adj.


A pessoa simpática é uma pessoa que inspira simpatia, é agradável estar ao seu pé.

Geralmente é uma pessoa de coração grande, todos encontram espaço no seu coração. Dá-se sem medidas aos outros e para os outros.

É uma pessoa atraente interessante afável e generosa.

*As professoras estagiárias desejam Feliz Páscoa 2013*

Anexo: (6)

2012/2013	<b>PLANIFICAÇÃO DE AULA – NÍVEL 4</b> <b>9º B - Unidade Letiva 4: “PROJETO DE VIDA”</b>				Lição n.º 23
2 de Abril					Aula n.º 6
<b>1. Competências:</b> 23. Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes.					
<b>Sumário:</b> Projeto de Deus sobre a humanidade, a vocação de Paulo					
OPERACIONALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS DA APRENDIZAGEM	RECURSOS	 45min.	AVALIAÇÃO FORMATIVA
Interpretar textos bíblicos sobre projetos de organização de vida do ser humano que são plenos de significados no mundo contemporâneo (Comp. 23)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os grandes objetivos do ser humano</li> <li>-Os jovens e as suas inquietações</li> <li>- A felicidade com os outros: assumir valores éticos fundamentais</li> </ul>	<p><b>Acolhimento</b> dos alunos;  <b>Registo</b> do sumário;</p> <p>Revisão das aulas anteriores, sobre o Projeto de felicidade</p> <p>Projeção de um PowerPoint - “Sobre o Papa Francisco e o projeto de Deus e vocação de Paulo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O simbolismo da queda de S. Paulo</li> <li>• As nossas quedas na vida</li> <li>• A cegueira de Paulo</li> <li>• As nossas cegueiras</li> </ul> <p>Chuva de ideias – Os alunos fazem memória de valores importantes para a construção de uma sociedade mais justa, solidaria dentro da noção de projeto de felicidade</p> <p>Atividade – jogo (os meus medos e as minha dúvidas...)</p> <p>Resolução da ficha nº 31 “A felicidade como projeto”, caderno do aluno, p. 94 e correção da mesma.</p> <p>Síntese da aula</p>	<p>Caderno do aluno</p> <p>Computador e projetor            - Entrega de um guião do powerPoint</p> <p>Caderno do aluno e fotocópias</p>	<p>5</p> <p>10</p> <p>5</p> <p>10</p> <p>10</p> <p>5</p>	<p>O professor certifica-se que os alunos escreveram o sumário.</p> <p>Observa o interesse e a participação dos alunos e regista na folha, (anexo 3)</p>
<b>SÍNTESE:</b> Realizar um projeto é definir e levar a cabo um conjunto de ações, que requer: escolha, decisão, persistência e determinação					

Anexo: (6a)

**BEM VINDOS!!!!**

**BOM E FELIZ 3º PERÍODO!!!!**

**BOA SORTE E BOAS NOTAS!!!!**

Lição nº 23

Data: 02/04/2013

Sumário:

Projeto de Deus sobre a humanidade, a vocação de Paulo e a simbologia da Páscoa

PARA QUE SERVE UM PAPA?

SERVE PARA!



A FELICIDADE COMO PROJETO

MAHATMA GANDHI

Não existe caminho para a felicidade. A felicidade é o caminho.

GEORGES BERNANOS

Saber encontrar a alegria dos outros, é o segredo da felicidade.

VICTOR HUGO

A suprema felicidade da vida é termos a convicção de que somos amados..



### B. I DE PAULO

- Nasceu no ano 8 da era cristã
- Em Tarso – Asia Menor.
- De origem Judaica e possuindo o nome de saulo.
- Estudou aramaico, hebraico, grego e latim.
- Profissão: fabrico de tendas
- Judeu convicto, perseguiu o cristianismo.
- Por volta do ano 35, com cerca de 30 anos, dirigiu-se a Damasco, para encarcerar os cristãos.

PAULO PERTO DE DAMASCO TEVE UMA EXPERIENCIA RELIGIOSA QUE IRÁ MUDAR RADICALMENTE O CURSO DA SUA VIDA



Ler no manual pág. 181

Dois factores evidente nesta passagem

**Queda de Paulo**

- Perto de Damasco
- Ouve uma voz

**Cegueira de Paulo**

- Luz intensa
- Recusa da luz



- Queda {  
• Paulo cai das suas certezas e convicções
- Cegueira {  
• Paulo vivia convicto que procedia na verdade, recusando ver os que estavam a seu lado

#### A PÁSCOA

- Passagem da escuridão a luz..
- Passagem: voltar-se para..



#### QUAIS SÃO AS NOSSAS:

- ★ QUEDAS = MEDOS, INCERTEZAS...
- ★ CEGUEIRAS = RECUSAS, FECHAMENTO...



**Realização da atividade:**


- A cada aluno é entregues dois pés – um onde está escrito – qual é o teu medo, dúvida, incerteza. No outro pé, qual é o teu sonho; projeto?
- Cada aluno escreve na parte de trás num dos pés o medo ou a dúvida ou a incerteza e no outro pé o sonho ou projeto.
- Partilha com o seu/sua colega do lado e trocam o pé dos medos com o/a colega e unem com a fita (cordel/rafia), o pé do seu sonho ou projeto, com o pé dos medos dos colegas.

**Qual é o objetivo desta atividade:**

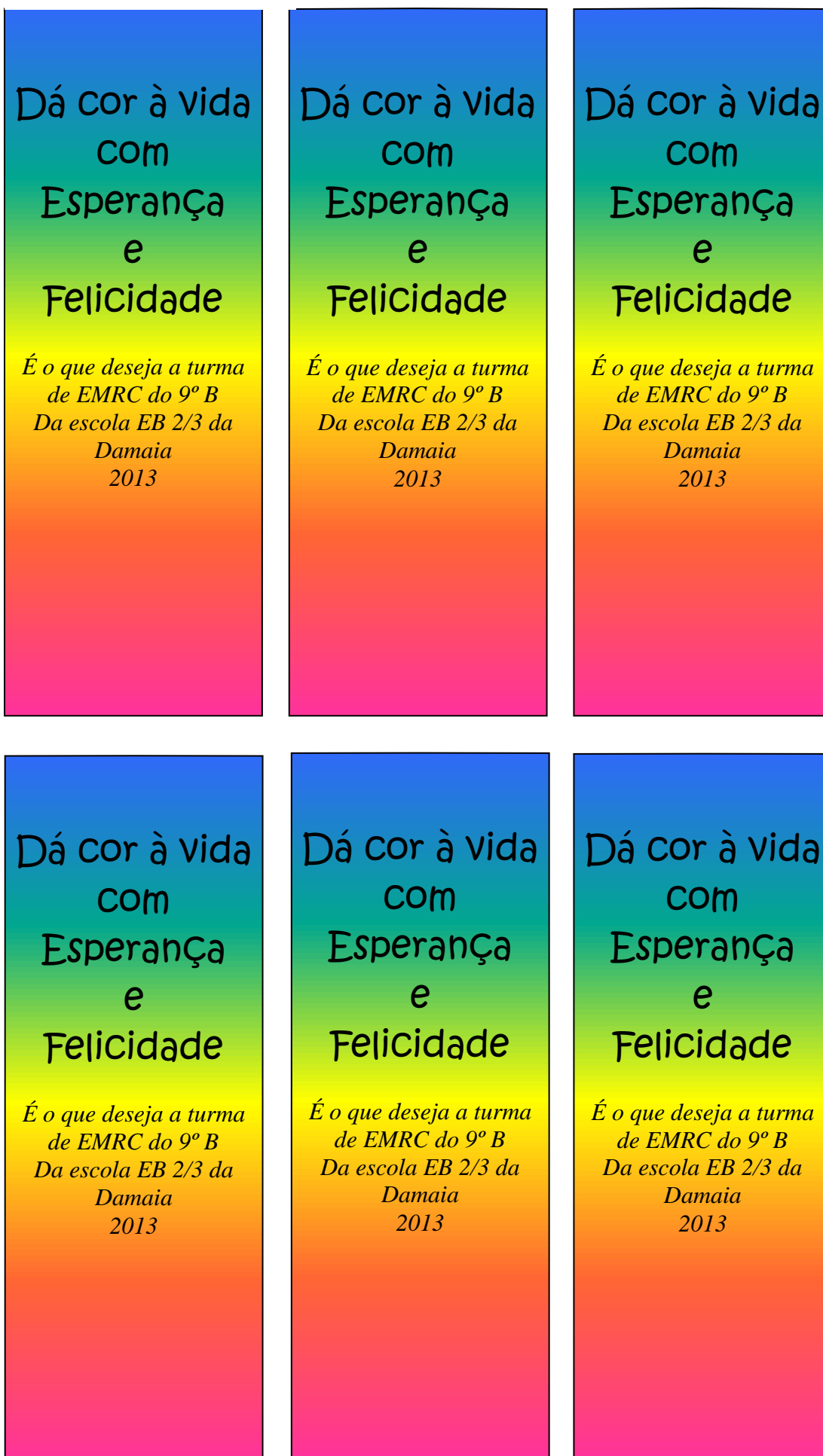
Na vida caminhamos com os meus sonhos e os medos quando são partilhados, podem ser luzes que se acendem na vida de cada pessoa.



Anexo: (7)

2012/2013	<b>PLANIFICAÇÃO DE AULA – NÍVEL 4</b> <b>9º B - Unidade Letiva 4: “PROJETO DE VIDA”</b>				Lição n.º 24
9 de Abril					Aula n.º 7
<b>1. Competências: 10.</b> Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.					
<b>Sumário:</b> Participação ativa na construção de uma sociedade mais feliz.					
OPERACIONALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS	CONTEÚDOS	EXTRATEGIAS DA APRENDIZAGEM	RECURSOS	 45min.	AVALIAÇÃO FORMATIVA
Mobilizar princípios e valores éticos numa estratégia de atuação, concretizando o projeto de felicidade, em prol do bem dos outros	- A realização da felicidade própria e alheia	<b>Acolhimento dos alunos</b> <b>Registo do sumário</b>  Correção do TPC – Felicidade como projeto  Breve introdução do percurso percorrido da unidade e diálogo sobre o projeto de turma  Concretização do projeto – Entrega das mensagens – (sobre a felicidade e esperança), no espaço escolar e arredores.  Síntese da aula	Caderno do aluno          - Mensagens preparadas anteriormente pelos alunos e pela professora	5  5  5  30	O professor certifica-se que os alunos escreveram o sumário.    Observa o interesse e a participação dos alunos
<b>SÍNTESE:</b> Realizar um projeto requer sempre a minha colaboração e a dos outros					

Frente dos marcadores



A felicidade não está em chegar ao porto  
seguro, mas em viajar na sua direção  
(Rafael Prada)

Sentir-te-ás mais feliz na medida em que:  
Somares alegrias, diminúires tristezas,  
multiplicar felicidade e dividir o amor.


A nossa maneira de pensar condiciona  
a vida; pensa positivamente e  
viverás feliz.  
(Richard Carlsson)

Se pensássemos melhor, melhor agiríamos  
e mais felizes nos sentiríamos.  
(Rafael Prada)

O momento mais feliz da nossa vida,  
é o momento presente.  
(Provérbio indu)

A felicidade consiste em amar e trabalhar.  
(Sigmund Freud)

Anexo: (8)

2012/2013		PLANIFICAÇÃO DE AULA – NÍVEL 4				Lição n.º 25
16 de Abril		9º B - Unidade Letiva 4: “PROJETO DE VIDA”				Aula n.º 8
<p><u>Competências:</u> 9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética, humanista e cristã. 10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.</p>						
<p><u>Sumário:</u> Noção de vocação e profissão e conclusão da unidade.</p>						
OPERACIONALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS	CONTEÚDOS	EXPERIENCIA DA APRENDIZAGEM	RECURSOS	 45min.	AVALIAÇÃO FORMATIVA	
Equacionar respostas ao sentido da vida e aos projetos pessoais, mediante a organização de um universo mais solidário e fraterno (comp. 9 e 10)	<p>- A realização da felicidade própria e alheia</p> <p>- Avaliação das aprendizagens</p>	<p><b>Acolhimento dos alunos</b> <b>Registo do sumário</b></p>	Caderno do aluno	5	O professor certifica-se que os alunos escreveram o sumário.	
		<p><b>Diálogo</b> – Atividade da aula passada. – Vocação e Profissão</p>	Guia da entrevista	5		
		<p><b>Apresentação por parte dos alunos, da entrevista</b></p>	Computador e projetor	10	Observar a participação e interesse dos alunos.	
		<p><b>Movie Maker</b> - Excertos de alguns testemunhos e filme favores em cadeia.</p>	Ficha preparada pela professora	10		
		<p>Chuva de ideias – Acerca Movie Maker, fazendo a relação com a mensagem do Cristianismo</p>		5	Regista na folha, (Anexo4) a presença e participação dos alunos.	
		<p>Realização a pares do que é necessário para um projeto.</p>		5		
		<p>T.P.C – Ficha formativa</p>		5		
		<p>Música – Deixa o mundo girar</p> <p>Síntese da aula</p>				
<p><b>SÍNTESE:</b> A vida é um projeto concedido a cada ser humano, é necessário fazer opções que nos levem a concretizar esse projeto de felicidade</p>						

Anexo: (8a)

The image shows four slides from a presentation. The first slide is a table of contents with the following text: 'Lição nº 25', '16 de Abril de 2013', 'Sumário', and 'Noção de vocação e profissão e conclusão da unidade.' The second slide is titled 'Vocação:' and contains two bullet points: 'É algo que me prende por inteiro.' and 'É mais do que um emprego.' Below the bullet points is the text 'Mas um emprego muitas vezes pode ser a concretização da vocação.' The third slide is titled 'Profissão' and contains two bullet points: 'Algo que desempenho sem inteira doação.' and 'Que faço por razões económicas.' The fourth slide is titled 'Atividade seguinte:' and contains the text 'Entrevistas...'

### Movi Maker – Testemunhos

O Movi Maker foi feito com o fim de dar um pouco de seguimento a aula de entrevista.

O objetivo era ajudar os alunos a sonharem, pensar e projetar o seu futuro.<sup>218</sup>


**Música** – Deixa o mundo girar.<sup>219</sup>

---

<sup>218</sup> Cd do portefólio do estágio.

<sup>219</sup> Cd do Portefólio de estágio.

Anexo: (8b)

 <p>André no final desta unidade, “projeto de vida”, apesar do teu futuro incerto, a verdadeira felicidade não se encontra através de grandes sonhos e ilusões, ela permanece e está no amor que reside no teu coração... Que a tua vida seja sempre bela e feliz e que espalhes a tua volta o belo que existe em ti.</p> <p>Com amizade a prof. Fátima Santos 2013</p>	 <p>Iara no final desta unidade, “projeto de vida”, apesar do teu futuro ser incerto, a verdadeira felicidade não se encontra através de grandes sonhos e ilusões, ela permanece e está no amor que reside no teu coração... Que a tua vida seja sempre bela e feliz e que espalhes a tua volta o belo que existe em ti.</p> <p>Com amizade a prof. Fátima Santos 2013</p>	 <p>Margarida no final desta unidade, “projeto de vida”, apesar do teu futuro ser incerto, a verdadeira felicidade não se encontra através de grandes sonhos e ilusões, ela permanece e está no amor que reside no teu coração... Que a tua vida seja sempre bela e feliz e que espalhes a tua volta o belo que existe em ti.</p> <p>Com amizade a prof. Fátima Santos 2013</p>
 <p>Júlia no final desta unidade, “projeto de vida”, apesar do teu futuro ser incerto, mostra ao mundo que a felicidade existe em cada canto do universo. São pequenas gotas que fazem os versos de um poema, chamado esperança. Que a tua vida seja sempre bela e feliz e que espalhes a tua volta o belo que existe em ti.</p> <p>Com amizade a prof. Fátima Santos 2013</p>	 <p>Daniela no final desta unidade, “projeto de vida”, apesar do teu futuro ser incerto, mostra ao mundo que a felicidade existe em cada canto do universo. São pequenas gotas que fazem os versos de um poema, chamado esperança. Que a tua vida seja sempre bela e feliz e que espalhes a tua volta o belo que existe em ti.</p> <p>Com amizade a prof. Fátima Santos 2013</p>	 <p>Rainaldo no final desta unidade, “projeto de vida”, apesar do teu futuro ser incerto, mostra ao mundo que a felicidade existe em cada canto do universo. São pequenas gotas que fazem os versos de um poema, chamado esperança. Que a tua vida seja sempre bela e feliz e que espalhes a tua volta o belo que existe em ti.</p> <p>Com amizade a prof. Fátima Santos 2013</p>



abriela no final desta unidade, “projeto de vida”, apesar do teu futuro ser incerto, que sejas forte nos embates da vida e não desanimes.

A verdadeira vida é a vida de amor e do serviço!

Derrama o teu amor e espalha a tua volta o belo que existe em ti. Confia na força que vem de dentro de ti mesma e sorri sempre.

Com amizade a prof. Fátima Santos

2013



nês no final desta unidade, “projeto de vida”, apesar do teu futuro ser incerto, que sejas forte nos embates da vida e não desanimes.

A verdadeira vida é a vida de amor e do serviço!

Derrama o teu amor e espalha a tua volta o belo que existe em ti. Confia na força que vem de dentro de ti mesma e sorri sempre.

Com amizade a prof. Fátima Santos

2013



eonor no final desta unidade, “projeto de vida”, apesar do teu futuro ser incerto, que sejas forte nos embates da vida e não desanimes.

A verdadeira vida é a vida de amor e do serviço!

Derrama o teu amor e espalha a tua volta o belo que existe em ti. Confia na força que vem de dentro de ti mesma e sorri sempre.

Com amizade a prof. Fátima Santos

2013



elton no final desta unidade, “projeto de vida”, apesar do teu futuro ser incerto, só o amor é capaz de vencer as barreiras da separação, e aproximar as pessoas.

Caminha sempre e que a tua vida seja sempre bela e feliz e espalha a tua volta o belo que existe em ti.

Com amizade a prof. Fátima Santos

2013



ilvia no final desta unidade, “projeto de vida”, apesar do teu futuro ser incerto, só o amor é capaz de vencer as barreiras da separação, e aproximar as pessoas.

Caminha sempre e que a tua vida seja sempre bela e feliz e espalha a tua volta o belo que existe em ti.

Com amizade a prof. Fátima Santos

2013



icardo no final desta unidade, “projeto de vida”, apesar do teu futuro ser incerto, que sejas forte nos embates da vida e não desanimes.

Ajuda! Constrói! - uma boa palavra, um sorriso de incentivo, um pensamento construtivo, muitas vezes é um ponto de partida para grandes empreendimentos. Confia na força que vem de dentro de ti mesmo e sorri sempre.

Com amizade a prof. Fátima Santos

2013



heila no final desta unidade, “projeto de vida”, apesar do teu futuro ser incerto, que sejas forte nos embates da vida e não desanimes.

Ajuda! Constrói! - uma boa palavra, um sorriso de incentivo, um pensamento construtivo, muitas vezes é um ponto de partida para grandes empreendimentos. Confia na força que vem de dentro de ti mesma e sorri sempre.

Com amizade a prof. Fátima Santos

2013



iktorya no final desta unidade, “projeto de vida”, apesar do teu futuro ser incerto, que sejas forte nos embates da vida e não desanimes.

Ajuda! Constrói! - uma boa palavra, um sorriso de incentivo, um pensamento construtivo, muitas vezes é um ponto de partida para grandes empreendimentos. Confia na força que vem de dentro de ti mesma e sorri sempre.

Com amizade a prof. Fátima Santos

2013



heila no final desta unidade, “projeto de vida”, apesar do teu futuro ser incerto, que sejas forte nos embates da vida e não desanimes.

A cada um de nós compete uma tarefa específica, na difusão do bem. Procura conhecer a verdade os teus desejos e confia na força que vem de dentro de ti mesma e sorri sempre.

Com amizade a prof. Fátima Santos

2013



Desperte para as verdades superiores.

Não se iluda com as conquistas fáceis, com os prazeres transitórios, com as sensações efémeras.

Busque intensamente as coisas sólidas e duradouras, e espalhe ao seu redor o optimismo, a bondade e o amor, eles são as bases firmes e eternas da felicidade que jamais termina.

Só o amor constrói!

Com amizade a prof. Fátima Santos

2013



Todas as vezes que olhar para uma criança, levante seu pensamento em acção de graças a Deus, que jamais abandona seus filhos.

A criança é a certeza do amor de Deus na terra.

Só o amor constrói!

Procure conhecer a verdade e os seus desejos e confie na força que vem de dentro de si e sorria sempre.

Com amizade a prof. Fátima Santos

2013



even no final desta unidade, “projeto de vida”, apesar do teu futuro ser incerto, que sejas forte nos embates da vida e não desanimes.

Ajuda! Constrói! - uma boa palavra, um sorriso de incentivo, um pensamento construtivo, muitas vezes é um ponto de partida para grandes empreendimentos. Confia na força que vem de dentro de ti mesma e sorri sempre.

Com amizade a prof. Fátima Santos

2013

